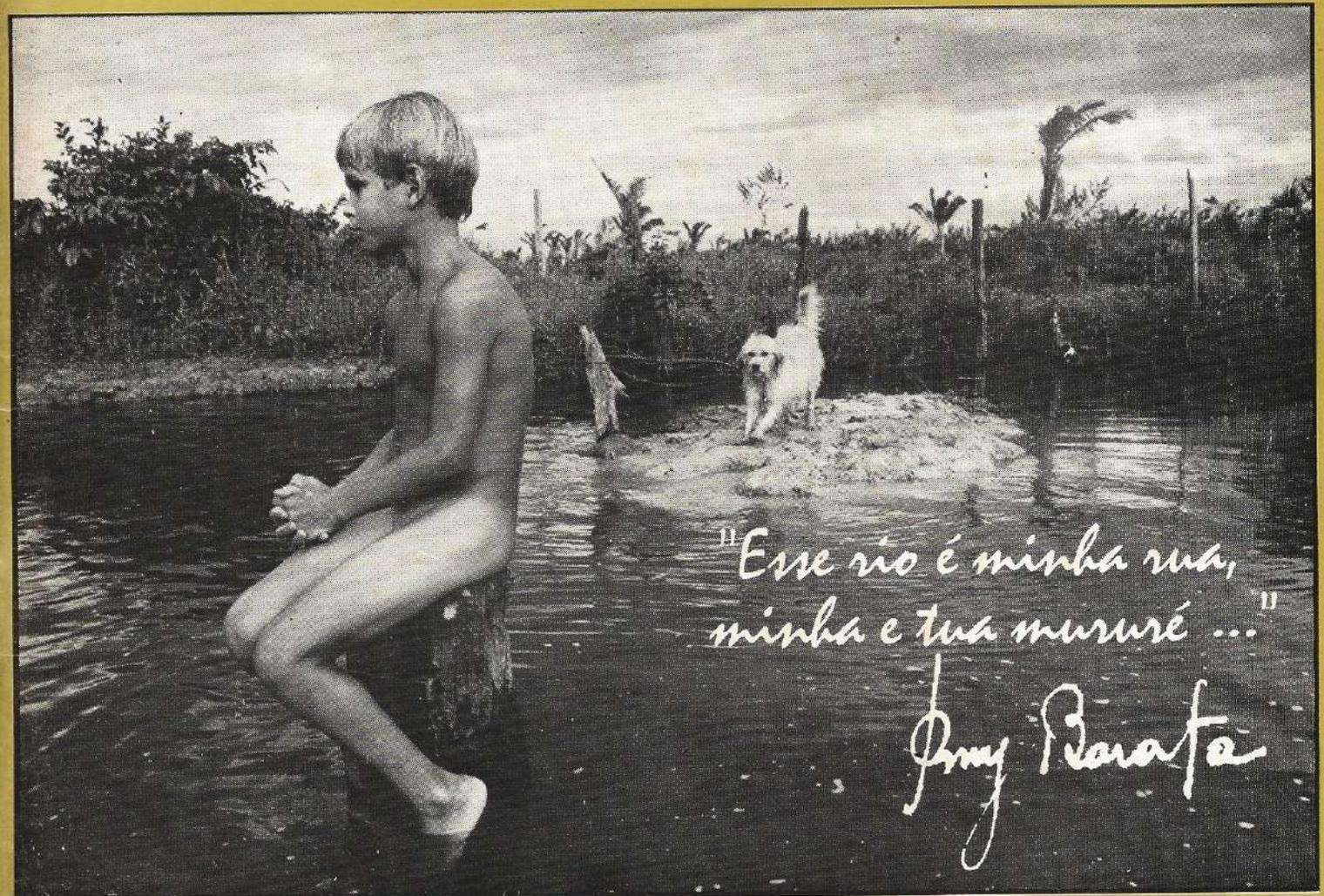


# Asas da Palavra

Revista do Curso de Letras

Centro de Ciências Humanas e Educação

nº 02



"Esse rio é minha rua,  
minha e tua mururé ..."

João Batista

**Unama**  
Universidade da Amazônia

1995

**Reitor**

Édson Raymundo Pinheiro de Souza Franco

**Vice-Reitor**

Antonio de Carvalho Vaz Pereira

**Pró-Reitora de Administração**

Maria da Graça Landeira Gonçalves

**Pró-Reitor de Ensino de Graduação**

Mário Francisco Guzzo

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão**

Núbia Maria de Vasconcelos Maciel

**Diretora do Centro de Ciências Humanas e Educação**

Ana Célia Bahia Silva

**Chefe do Departamento de Língua e Literatura**

Sérgio Antônio Sapucahy da Silva

**Coordenadora do Curso de Letras**

Maria Célia Jacob

**Coordenador do Instituto da Cidade**

João Carlos Pereira

**Conselho Editorial**

Ana Célia Bahia Silva

Dyrce Maria Koury Wagner

João Carlos Pereira

Jossecleá Fares

Lucyrene Aranha Moura

Maria Célia Jacob

Núbia Maria V. Maciel

Paulo Nunes

Sérgio Antonio Sapucahy da Silva

**Produção Editorial****Projeto Gráfico**

Maria Célia Jacob e  
Rogério Jacob Soeiro

**Capa - Lay-Out**

Emanuel Franco e  
Maria Célia Jacob

**Arte Final**

José M. Vasconcelos Paiva

**Foto da Capa:**

Elza Lima

**Revisão**

Lucyrene Moura  
Noely Mesquita

**Impressão**

Gráfica Paraense Editora Ltda.

A revista ASAS DA PALAVRA é uma publicação semestral do CURSO DE LETRAS / DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA DA UNAMA que se define como um espaço multidisciplinar para a divulgação de trabalhos acadêmicos científicos e críticos no âmbito dos estudos da linguagem, com especial ênfase à cultura amazônica. Pretende, ainda, ser um fórum de discussão de questões relativas ao ensino de língua, literatura e tradução; e trazer, a cada número, uma seção especial e dedicada a um artista da Amazônia, qualquer que seja sua forma de linguagem para expressar a arte, com o intuito de incentivar a participação de alunos à pesquisa, à produção escrita e ao exercício poético e literário. É um espaço aberto, também, para a divulgação de trabalhos desenvolvidos em cursos de graduação, pós-graduação, assim como textos de criação e tradução literária, a fim de dinamizar a circulação de informação relevante ao fazer acadêmico e, acima de tudo, a fala do homem da Amazônia.

**Universidade da Amazônia**

Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

Centro de Ciências Humanas e Educação

Departamento de Língua e Literatura

Curso de Letras

# *Asas da Palavra*

*Junho  
1995*

**Ficha Catalográfica**

**( Preparada pela Biblioteca da Universidade da Amazônia)**

**Asas da Palavra -v.2, n.2 jun. 1995**  
**--Belém : UNAMA / Pa., 1995**

**v.**

**Semestral**

**1. Literatura - Estudos críticos, artigos, ensaios, poesia**

**Periódicos**

**2.Linguística - Periódicos . I. Universidade da Amazônia.**

**Departamento de Língua e Literatura. Curso de Letras.**

**CDD: 800**

**400**

# *Asas da Palavra*

*Curso de Letras, Belém-PA, N° 02 - Junho / 1995*



Esta publicação foi elaborada pela equipe de professores e alunos do **CURSO DE LETRAS da UNAMA**, com o apoio do **INSTITUTO DA CIDADE** e o patrocínio do **BANCO ITAÚ**, composta e impressa na Gráfica Paraense Ltda, e lançada no dia 25 de junho do ano de 1995, em comemoração ao aniversário de nascimento do poeta **RUY GUILHERME PARANATINGA BARATA**.



A foto da capa (vencedora do **PRÊMIO NIKON**, Japão/94), é de autoria da fotógrafa **ELZA LIMA**, membro do **Conselho Curador da Galeria de Arte da UNAMA**, e gentilmente cedida para este número de **Asas da Palavra**.

As fotografias e documentos do Poeta reproduzidos nesta publicação foram cedidas pela família Barata.

# Apresentação

Como uma viagem por rios e igarapés, atravessamos o fazer deste número da *Asas da Palavra*. E é assim, como numa viagem, que convidamos o leitor a ver e ler as imagens e os textos aqui reunidos. São produtos de um trabalho intenso e um mergulho cheio de saudade na memória tanto pessoal quanto coletiva de uma raça, de um povo que vive às margens de rios amazônicos e abaixo da linha imaginária do Equador. Produto de uma memória voluntária de quem estudou a obra ou conviveu com o homem cuja relação com as águas da Amazônia parecia predestinada desde o batismo: a palavra **PARANATINGA**, no seu nome, significa rio branco, em língua indígena.

Vale observar que esta publicação decorre de um empenho de professores e alunos do Curso de Letras da Unama ao longo deste primeiro semestre de 1995, no sentido de rever, pesquisar e debater sobre a literatura produzida na Amazônia e, aqui, mais especificamente, sobre **RUY PARANATINGA BARATA**. Num trabalho prazeroso de equipe, fomos recolhendo um vasto material: fotografias guardadas zelosamente pela família, manuscritos amarelados, mas ainda com cheiro de vida, luta e poesia; recortes de uma vida tantas vezes cortada pelos algozes que não conseguiram, entretanto, aprisionar a emoção e nem embotar a lucidez do poeta e político.

Conforme é a proposta do Revista - ser um espaço aberto para tantos que queiram lutar pela valorização e pelo reconhecimento dessa nossa literatura amazônica fértil e verde - recebemos e publicamos textos de professores não só do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA, mas também daqueles que, como nós, estão empenhados na mesma luta e com os olhos voltados para o mesmo objetivo: fazer com que a produção literária da Amazônia tenha o espaço que merece ter dentro da literatura brasileira.

Este número inicia com uma Cronologia da vida e da obra de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, produzida pelos alunos de Letras, seguida de uma seção de fotos, poemas e citações interessantes.

Dos trabalhos aqui reunidos, dois deles viajam, principalmente, pelas "águas" do *Nativo de Câncer*, o poema que, como um rio caudaloso, atravessou a vida inteira de Ruy Barata, verdadeiro inventário de sua história. São textos resultantes da palestra de Maria Lúcia Medeiros sobre a poesia amazônica de Ruy Barata, proferida recentemente nas Universidades de Mainz e Hamburgo, na Alemanha, e do trabalho desenvolvido por José Guilherme Fernandes, no curso de Mestrado em Teoria Literária.

Ambos produzem instigantes leituras dos Cantos reunidos no *Nativo de Câncer*, o longo poema apresentado nesta edição dentro de um encarte especial. São enfoques diferentes, profundos, sedutores, como só assim poderiam ser de quem se propõe a estudar esse universo fascinante, e que vale a pena penetrar, do "nativo das águas".

O vocabulário popular, a linguagem amazônica, marcantes em Ruy, são objeto do estudo lingüístico de Rosa Assis, numa oportuna e interessante leitura de *Esse rio é minha rua* - a composição que todo bom paraense conhece e sabe cantarolar, no dia a dia desta terra do carimbó. Certamente, uma importante contribuição para os estudos que devem ser incentivados e feitos pelos nossos estudantes, tanto nas universidades quanto no ensino de primeiro e segundo graus.

Josse Fares examina o debate que se trava no Poeta diante de um dos temas mais universais da literatura: a morte, abordado por Ruy ao trilhar os caminhos do neosimbolismo em *Anjo dos Abismos*. Analisando com profunda sensibilidade e espírito crítico, Josse faz um estudo apaixonado e apaixonante das metáforas, dos símbolos, "imagens do viver e do morrer" do Poeta, presentes nos 24 poemas desse livro.

Os textos de Reivaldo Vinas e Paulo Nunes são feitos dentro de uma perspectiva da saudade, da descontração, em consonância com a identidade do velho Paranatinga, com o seu jeito informal de ser e viver - e só possível partindo de quem teve, com ele, uma larga convivência em sala de aula e conheceu seus sofrimentos e alegrias, expectativas sociais e políticas. Dão-nos, assim, os dois, a delícia das marcas da oralidade presentes na linguagem desses textos com sabor e tom de crônica.

Apresentada anteriormente na Revista da Associação Paraense de Escritores, uma entrevista feita por João Carlos Pereira nos põe "cara a cara" com o Ruy Guilherme Paranatinga Barata, levando-nos para além dos limites temporais e da vida terrena. Ganha aqui um significado especial ao tornar possível a nós, simples mortais, embebedarmo-nos com as palavras do Poeta e suas lições de poesia, permitindo-nos conhecer um pouco da sua personalidade marcada pela irreverência e convicção política.

Enfim, como homenagem, espécie de "loa", Raul Franco e Beto Paixão também trazem sua contribuição. O primeiro, ainda criança, viu e ouviu Ruy como poeta, como homem, como amigo. O segundo, mocorongo como o Poeta, muitas e tantas vezes dividiu com ele as saudades de Santarém, tendo a música e as estrelas como parte do cenário das noitadas no Bar do Parque. Para o Paranatinga, deixam, aqui, seus exercícios de poesia e de saudade.

Na certeza de que "só poderemos falar em literatura amazônica com o surgimento do homem amazônico", e de que com a publicação de mais este número já estamos participando dessa luta, ficam aqui os nossos agradecimentos ao BANCO ITAÚ por esta valiosa parceria, e o nosso convite ao leitor interessado em nos acompanhar nessa travessia a que participe, não somente como receptor, mas também como produtor de textos, ou como crítico, enviando sugestões. Certamente ganharemos em conhecimento e qualidade e estaremos, todos juntos, pelo menos como tentativa, falando a Amazônia, mostrando a fala da Amazônia.

**Maria Célia Jacob**  
Coordenadora do Curso de Letras

Sumário

**RUY GUILHERME PARANATINGA BARATA**

- Cronologia da vida e da obra	11
- "Só o retrato nos prega à eternidade"	16
- Citações	59
- O amazônico em "Esse Rio é Minha Rua", de Ruy Barata e Paulo André	
Rosa Assis	60
- O Nativo de Câncer: travessias de uma poética amazônica	
Maria Lúcia Medeiros	63
- PARANATINGA, o nativo das águas na "res" da brasilidade	
José Guilherme Fernandes	67
- O trilhar do anjo nas sendas do abismo	
Josse Fares	75
- É com Você, Poeta	
João Carlos Pereira	77
- Ruy, ou porque brincam os peixinhos na pátria da poesia	
Paulo Nunes	81
- O palavrão rola na boca	
Reivaldo Vinas	83
HOMENAGEM:	84
- Uma rua chamada Ruy	
Raul Franco	
- Boiúna	
Beto Paixão	

# *Paranatinga*



*Antes que matem os rios,  
e as matas por onde andei,  
antes que cubram de lixo,  
o lixo da nossa lei,  
deixa que cante contigo,  
debruçado em peito amigo,  
as coisas que tanto amei,  
as coisas que tanto amei.*

*Antes que matem a lembrança  
dos muitos chãos que pisei,  
antes que o fogo devore  
o meu cajado de rei,  
deixa que eu cante afinal,  
na minha língua geral,  
as coisas que tanto amei,  
as coisas que tanto amei.*

*Araguary, Anapu, Anauerá,  
Canaticu, Maruim, Bararoá,  
Tajupará, Tauari, Tupinambá.  
Surubiú, Surubim, Surucuá,  
Jambuaçu, Jacamim, Jacarandá.*

*Marimari, Maicuru, Marariá.  
Xarapucu, Caeté, Curimatá,  
Anabiju, Cunhantã, Pracajurá.  
As coisas que tanto amei,  
as coisas que tanto amei.*

*Jimmy Barata*

---

Que é palavra indígena, não há dúvida, significa *rio branco*, e é nome de gente, gente de valor, cancionista, letrista e poeta. Nasceu em Santarém, a semente das melhores, filho de um intrépido advogado. Ao dar os primeiros vagidos ecoando pelo Tapajós, o pai exclamou, cheio de ufanismo e alegria: teu nome vai ser Ruy Paranatinga. Ruy porque representarás a cultura e a liberdade, e, Paranatinga, para que fiques preso à Amazônia, nela plantes as tuas raízes, cresças e floresças. Fez a profecia e deixou que o tempo e as musas se encarregassem do resto. Deu certo.

Clóvis Meira

(No livro *PARANATINGA*, Alfredo Oliveira.

2ª Edição, CEJUP, 1990).

---

# **RUY GUILHERME PARANATINGA BARATA**

## ***Cronologia da vida e da obra***

- 1920** - RUY GUILHERME PARANATINGA BARATA nasce na noite do dia 25 de junho, numa casa da rua Francisco Correa, em Santarém, Pará, pelas mãos do doutor José Teodorico de Macedo. Seus pais: Alarico de Barros Barata e Maria José Barata.
- É batizado por Frei Ambrósio, alemão da ordem dos Franciscanos, servindo-lhe de padrinho o médico José Teodorico de Macedo, que mais tarde irá tomar-se seu compadre, ao apadrinhar um de seus filhos.
  - Com o pai, homem voltado para o Direito, e com quem possuiria grande afinidade cultural e política, RUY aprende as primeiras letras. A mãe, conhecida como Dona Noca, sempre muito alegre e dona de uma bela voz, sabe de cor todas as novidades musicais que aparecem em Santarém, onde o poeta vive até os dez anos de idade.
  - Faz a primeira comunhão na matriz de Santarém, com Frei Ambrósio.
- 1930** - Vem para Belém, destinado ao internato no Colégio Moderno e apto para o exame de admissão ao curso secundário, fato constatado pela professora Madalena Penafort. No Instituto Nazaré, dos Irmãos Maristas, onde termina o ginásio, faz parte do coral "Silva Novo", regido pelo Irmão Pedro de Alcântara. Deste coral também faz parte Fernando Guilhon, mais tarde governador do Pará. Foram seus colegas Cléo Bernardo, ilustre advogado, Otávio Lobo e Maurício Coelho de Souza, dois nomes ilustres da Medicina paraense.
- Ainda no Instituto Nazaré faz parte do "Bando Guará", como "crooner", e contracena em peças levadas ao palco do colégio.
  - Nesse período, sua família transfere-se para Óbidos (PA), também no baixo Amazonas. Nesta cidade passará sempre suas férias escolares. Óbidos é uma terra onde deixa grandes amigos, e que mais tarde será seu reduto eleitoral nas campanhas para deputado. É o lugar de seus primeiros amores, das primeiras canções e do time em que joga futebol, o "Amazônia". Faz também parte de um conjunto musical com Hermógenes - o Curica - do saxofone; Branco, na percussão; Onça, no banjo e D. Quixote, no clarinete. Faz amizade com Saladino de Brito, grande letриста da cidade, quando parte, então para os sambas de carnaval.
  - Cursa o Pré-Jurídico no antigo Ginásio Paes de Carvalho, onde funda, juntamente com Cléo Bernardo, Carlos Eduardo da Rocha, Silvio Braga, Raul Campbell Perna e José Maria Mendes Pereira a revista "Terra Imatura", literária e política. Essa publicação recebe colaboradores importantes, entre eles Dalcídio Jurandir, romancista paraense e Francisco Paulo Mendes, amigo, e mais tarde compadre, ao apadrinhar seu filho Ruy Antonio.
- 1941** - No dia 15 de julho, no Fórum de Belém, casa-se com D. Norma Soares Barata, sua prima legítima, com quem terá oito filhos: Maria Diva, Alarico Bruno (faleceu recém nascido), Ruy Antonio, Paulo André, Maria Helena, Maria de Nazaré, Maria Inez e Cristóvão Jaques (Tito Barata).

- 1943 - Bacharela-se em Direito pela antiga Faculdade de Direito do Pará, onde convive com Cléo Bernardo, Clóvis Ferro Costa, Edyr Proença, Delival Nobre e outros nomes ilustres.  
 - Trabalha como jornalista em "A Folha do Norte", de Paulo Maranhão.  
 - Publica **ANJO DOS ABISMOS**, pela Livraria José Olympio Editora, por sugestão do escritor Dalcídio Jurandir, com capa de Luiz Jardim. Esse livro-estréia, dedicado a seu pai e a Francisco Paulo Mendes, um de seus melhores amigos, reúne 24 poemas trabalhados entre 1939 e 1942, e o coloca no primeiríssimo plano dos grandes deflagadores da moderna poesia brasileira.
- 1945 - No final do Estado Novo de Getúlio Vargas, RUY BARATA se elege deputado federal em duas legislaturas (47 e 50) pelo Partido Social Progressista, de Ademar de Barros. Único da bancada com idéias progressistas, defende a regulamentação do divórcio e faz campanha pelo monopólio estatal do petróleo - "O petróleo é nosso" - nos movimentos democráticos pela paz.  
 - Nesse período, RUY já recebe ameaça de cassação, e suas inclinações são cada vez mais fortes para o Partido Comunista Brasileiro, do qual foi membro até a morte.  
 - Tem sua candidatura impugnada pela 8ª Região Militar, sob alegação de seu envolvimento com a ideologia comunista; contudo, o TRE dá ganho de causa ao recurso impetrado por ele, que assim pode cumprir seu mandato.
- 1949 - Em 11 de agosto, A Folha do Norte transcreve o manifesto do Movimento Pró-Paz, dirigido ao povo de Belém e solicitando apoio para o Congresso Continental Americano Pró-Paz a ser realizado no México, assinado pelo então deputado estadual RUY BARATA, além de outros intelectuais e profissionais da terra.
- 1951 - Publica **A LINHA IMAGINÁRIA**, pela Edição Norte-Belém, que reflete a influência estética da Semana de Arte Moderna de 1922. Este livro, hoje, faz parte do acervo de raridades da Biblioteca Pública "Arthur Viana", em Belém, mas boa parte de seus poemas está transcrita no livro *Paranatinga*, de Alfredo Oliveira.
- 1954 - Não consegue a reeleição como Deputado Federal, e fica como primeiro suplente. Mais tarde, quando Lopo de Castro é eleito prefeito de Belém, assume seu lugar na Câmara Federal (de 54 a 58).  
 - O General Alexandre Zacharias de Assumpção, eleito governador do Pará, apesar da grande diferença de idade, torna-se grande amigo de RUY BARATA, elaborador de muitos de seus discursos e pronunciamentos. Para mantê-lo como colaborador do Governo, Assumpção nomeia-o Corregedor do Ministério Público e, em seguida, Consultor Geral do Estado. Do governador recebe o Cartório do 4º Ofício de Cível e Comércio da comarca da capital, para o qual é nomeado após um pleito em que vence os concorrentes por ser o único a possuir diploma de Direito.
- 1961 - Toma-se professor na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas do Pará, enquanto a atividade política intensa leva-o a constantes colaborações nos jornais da cidade.  
 - Publica na "Folha do Norte", em 18 de fevereiro, um poema para Patrice Lumumba, o mártir do Congo. Por coincidência, no mesmo dia saem, escritos pelo poeta Bruno de Menezes, de quem era grande admirador e amigo, em "A Província do Pará", versos no mesmo sentido  
 - Na Faculdade de Filosofia compõe um quadro, dignificante para a cultura paraense, ao lado de Moreira Júnior, Francisco Paulo

Mendes, Orlando Bitar, Otávio Mendonça, Orlando Costa, Benedito Nunes, Ápio Campos, Napoleão Figueiredo e outros.

- Frequenta o "Café Central", pertencente, na época, ao italiano Mileo, e onde se reúnem artistas e intelectuais da terra: Raimundo Moura, Nunes Pereira, Jocelyn Brasil, Paulo Plínio Abreu, Mário Faustino, Waldemar Henrique, Max Martins, Cauby Cruz, Benedito Nunes, Chico Mendes, Machado Coelho e Clarice Lispector - que morou em Belém durante algum tempo. Mais tarde o "Café Central" passa a ser propriedade de Pepe, um espanhol, amigo de todos.

- O maestro Waldemar Henrique, ao ler "A Linha Imaginária", resolve musicar um dos seus poemas - **ACALANTO PARA MARIA DIVA**, que RUY dedica à filha. A composição, mais tarde, será gravada no Rio de Janeiro.

1964 - RUY publica uma série de artigos no "Jornal do Dia" (de propriedade do Dr. Armando Carneiro), contra a construção da estrada BELCAM, que contornava Marabá, em direção à Jacareacanga.

- No dia 31 de março, quando publica o último artigo, os militares deflagram o golpe de 64. No mesmo dia, a sede da União Acadêmica Paraense - UAP - é invadida. RUY BARATA é preso, no dia seguinte, quando se encontra na residência de familiares. Na prisão da Polícia Militar, fica durante 63 dias. Com ele, Isidoro Alves, Felix Coqueiro de Oliveira, Pedro Paulo Vilhena e vários outros. Numa cela especial, fica com o engenheiro Honório. Mais tarde, também Cléo Bernardo, transferido da prisão da Aeronáutica, Ubirajara Oliveira e Francisco Caires. Nesses dias, a comunicação na prisão é feita através de poemas.

- É demitido do Cartório e aposentado compulsoriamente da função de regente da Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Letras e Artes, pela Revolução.

- Duramente perseguido, não consegue emprego. Para sobreviver, assume o escritório de advocacia de seu pai e passa a escrever nos jornais "A Folha do Norte" e "Flash".

- Seus trabalhos passam a ser publicados sob pseudônimos. Um dos mais usados é "Valério Ventura".

- Escreve vários poemas de teor político nos intitulados "Cadernos do Povo Brasileiro", editados pela Civilização Brasileira, na série "VIOLÃO DE RUA".

1966 - Ocorre sua segunda prisão, na Quinta Companhia de Guardas, no Largo da Sé. Com ele ficam presos: Carlos Jurandir (jornalista do Rio de Janeiro), Raimundo Jinkings, Zé Dantas, o advogado Serrão de Castro, o escritor Benedito Monteiro, e o poeta João de Jesus Paes Loureiro. Passa recluso mais de cinquenta dias.

- Compõe ROSA RUBRA - a primeira composição em parceria com seu filho Paulo André.

- Compõe MUIRAQUITÃ, samba de parceria com Paulo André, e vencedor do Festival de Carnaval dos "Boêmios da Campina", escola de samba de Belém.

- Falece o seu pai, Alarico Barata, que, apesar de cardíaco, estava em plena atividade, a favor dos presos políticos.

1974 - Compõe com De Campos Ribeiro a **CANÇÃO ANTIGA**, para concorrer ao I Festival de Música Popular promovido pela Universidade Federal do Pará. A direção do festival veta Canção Antiga, a mando da Censura Federal, em virtude da letra ser de autoria do poeta Ruy Barata. RUY pede que seu nome seja riscado

*Asas da Palavra - N° 02 - Junho/95 - UNAMA*

- para que a canção possa concorrer. E isso acontece.
- Vence o II Festival de Música Popular da UFPa, com **GUARDA REAL**, um brado imperialista inspirado pela luta das Malvinas, tendo como parceria o jovem músico Alfredo Reis.
- 1979
- Retoma suas atividades no Centro de Letras e Artes da UFPa, depois da Anistia, no governo do Presidente João Figueiredo.
  - Juntamente com o jornalista e crítico musical Edgar Augusto Proença, idealiza e promove o “**Papo Molhado**”, na Semana de Arte da Universidade Federal do Pará, com apresentação de concertos de música erudita, sessões de canto com coral Madrigal, feira de livros e palestras sobre a cultura e a arte paraense. Fazem parte do evento: Hélio Rubens, Kzan Gama, Guiães de Barros, Sagica e o garçom Ligeirinho.
  - O cineasta Libero Luxardo convida Paulo André Barata para compor a trilha sonora do filme “Os Brutos Inocentes”. As filmagens se desenrolam na fazenda “Aquiqui”, de Michel Silva, no Xingu. A partir daí, o público tem conhecimento de **ESSE RIO É MINHA RUA** e de **INDAUÊ TUPÃ**, de Ruy Barata e Paulo André Barata gravados por Fafá de Belém e que viram sucesso nacional.
  - A música **FOI ASSIM** de RUY e Paulo André Barata começa a ser difundida extraordinariamente pelas emissoras do sul do país. É trilha sonora de novela e de filme. É gravada na França por Paul Mauriat, no Japão e em outros países.
  - **PAUAPIXUNA** - a letra a qual mais o poeta se doou - é lançada no “Fantástico”, programa da TV Globo, por Fafá de Belém, com grande sucesso e também vira trilha de novela. Ruy Barata torna-se um dos melhores letristas da música popular brasileira e transforma-se em “mito nas mesas do **BAR** do **PARQUE**, onde passava as madrugadas tendo por teto o céu de Belém”.
  - Além de Paulo André (cuja parceria RUY classificava como um grande prazer e um dos deveres de paternidade), vários outros foram seus parceiros: Waldemar Henrique, José Guilherme De Campos Ribeiro, Antonio Galdino Pena, Saint-Clair, Príncipe, Alfredo Reis, Kzan Gama, Edyr Proença, Chico Sena, Zé Arcângelo e Antonio Carlos Maranhão.
- 1984
- Publicação do livro **PARANATINGA**, de Alfredo Oliveira, médico e escritor paraense. A coletânea, uma série de depoimentos sobre a vida de RUY BARATA e sua obra poética e musical, é resultado de uma privilegiada e antiga amizade nascida na militância clandestina do PCB, a partir de 1959. O livro, editado pela Gráfica Falângola, tem o patrocínio do Governo do Estado do Pará, Secretaria de Estado e Cultura, Desportos e Turismo, através de seu titular, Acyr Castro. O lançamento é no dia 25 de junho, quando RUY completa 64 anos.
- 1985
- Funda, em Belém, a Associação de Escritores Paraenses - AEP, pela qual muito lutou e da qual é o primeiro presidente.
- 1988
- Candidata-se a Vice-Prefeito de Belém, na chapa encabeçada pelo jornalista João Marques.
- 1990
- Lançamento da 2ª edição do livro **PARANATINGA**, de Alfredo Oliveira, impressa na Graficentro/CEJUP.
  - Vai a São Paulo a fim de pesquisar a presença da Amazônia na trajetória do escritor Mário de Andrade para escrever “Macunaima”, em 1924, e que seria incluída em um livro sobre os anos 20, a ser publicado pela Editora CEJUP. Está dedicado a esse projeto quando adoece.

- É submetido a uma operação de próstata, no Hospital Santa Rita, na capital paulista.
  - Falece no dia 23 de abril, por volta das 13:00 horas, aos 69 anos, em São Paulo. Logo após a operação, os efeitos da anestesia provocam uma embolia pulmonar, não suportada pelo poeta.
  - Seu corpo chega a Belém, na madrugada do dia 24 de abril, sendo em seguida transportado para o hall da Assembléia Legislativa do Estado - Palácio da Cabanagem - onde é realizado o velório.
  - É sepultado, às 11 horas, no dia 24 de abril, no Cemitério de Santa Izabel, em Belém. "O poeta morreu em meio a muitos projetos, mas deixou-se fecundo por onde passou".
  - Fica pendente, na vida de RUY BARATA, a publicação de um livro, cujo título seria **NATIVO DE CÂNCER**, o mesmo do poema que marcou a passagem da vida do poeta, e dedicado a seu amigo **Pedro Galvão de Lima**. O professor e amigo, **Francisco Paulo Mendes**, faz o resgate da obra, sob o ponto de vista crítico. O resultado desse trabalho, em fase de elaboração, será publicado em um livro.
- 1991 - Lançamento do documentário em vídeo "Nativo de Câncer, obra e a vida do poeta Ruy Paranatinga Barata", elaborado por um grupo de estudantes do Curso de Comunicação Social da UFPa. No dia 23 de abril, data do primeiro aniversário de morte do poeta, no Museu da UFPa.
- 1995 - A escritora **Maria Lúcia Medeiros** vai à Alemanha fazer palestras nas Universidades de Hamburgo e Mainz sobre a poesia de Ruy Barata. A palestra tem o título "O Nativo de Câncer: Poesia Amazônica de Ruy Barata".
- No quinto ano de morte do poeta, a UNAMA - Universidade da Amazônia, no mês de seu aniversário, desenvolve o projeto "Esse rio é minha rua", com exposições de obras de artistas plásticos homenageando o poeta, na Galeria de Arte da UNAMA, seguida de sessão litero musical e do lançamento da revista **Asas da Palavra**, em número especial dedicado ao poeta **RUY PARANATINGA BARATA**.

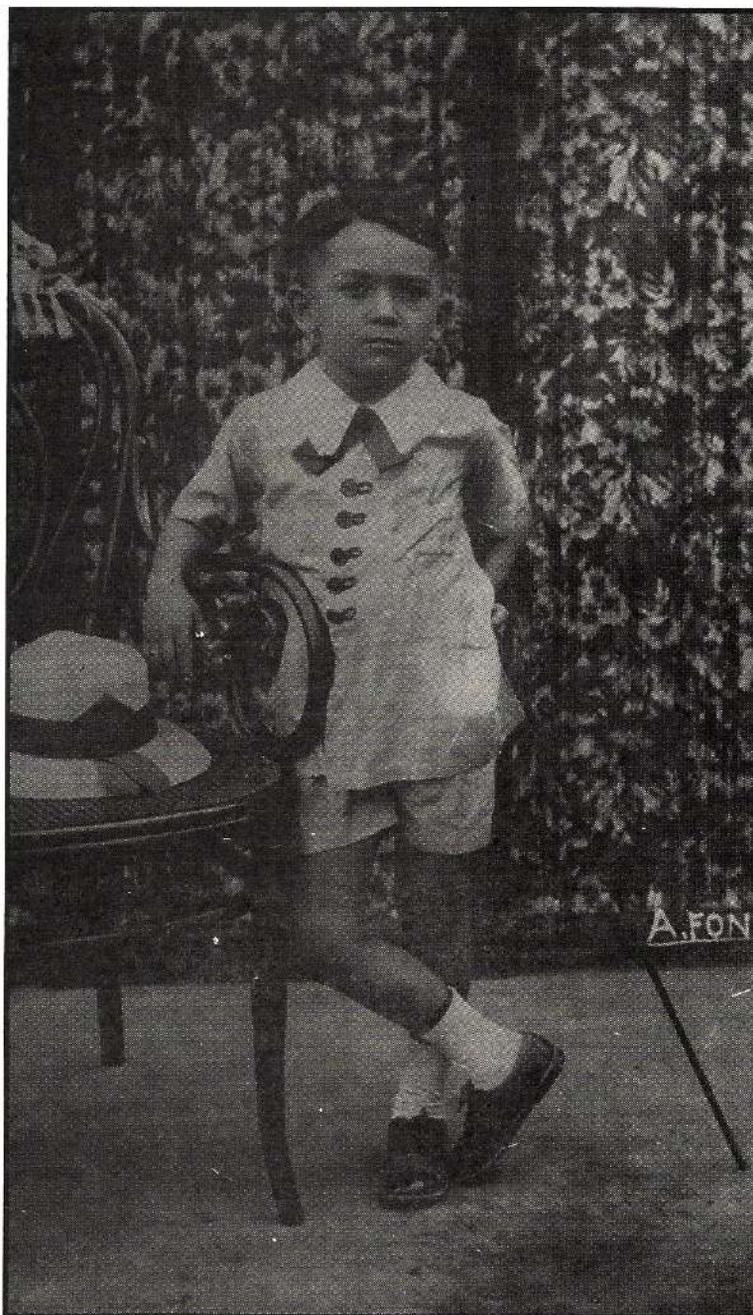
Produção dos alunos do CURSO DE LETRAS da UNAMA

***"O tempo tem tempo de tempo ser,  
o tempo tem tempo de tempo dar,  
ao tempo da noite que vai correr,  
o tempo do dia que vai chegar."***

(Ruy Barata)

***“Só o retrato nos prega à eternidade”***

*José Guilherme P. Barata*



Ruy, aos 6 anos de idade, em Santarém

*“Ah! como a vida é ligeira!  
Ah! como o tempo defluiu!  
Este espelho não mais fala  
da criança que já fui,  
das minhas rugas ruindo  
apenas um nome rui.”*

(Nativo de Câncer)



Foto Oliveira

Antonio Bento Paranatinga e Alarico Barata - avô e pai de Ruy Barata - em 4 de dezembro de 1920.  
Nas mãos de Antonio Paranatinga, um exemplar do romance SELVA, de Ferreira de Castro.

.....

*A*ceitemos o risco das buiunas,  
capivaras e botos no tinteiro,  
aceitemos o sangue das bordunas,  
vertido nesse chão de muitas veias,  
aceitemos o pão das piracaias,  
aceitemos o não das Malafaias,  
aceitemos o cacho de pupunhas.

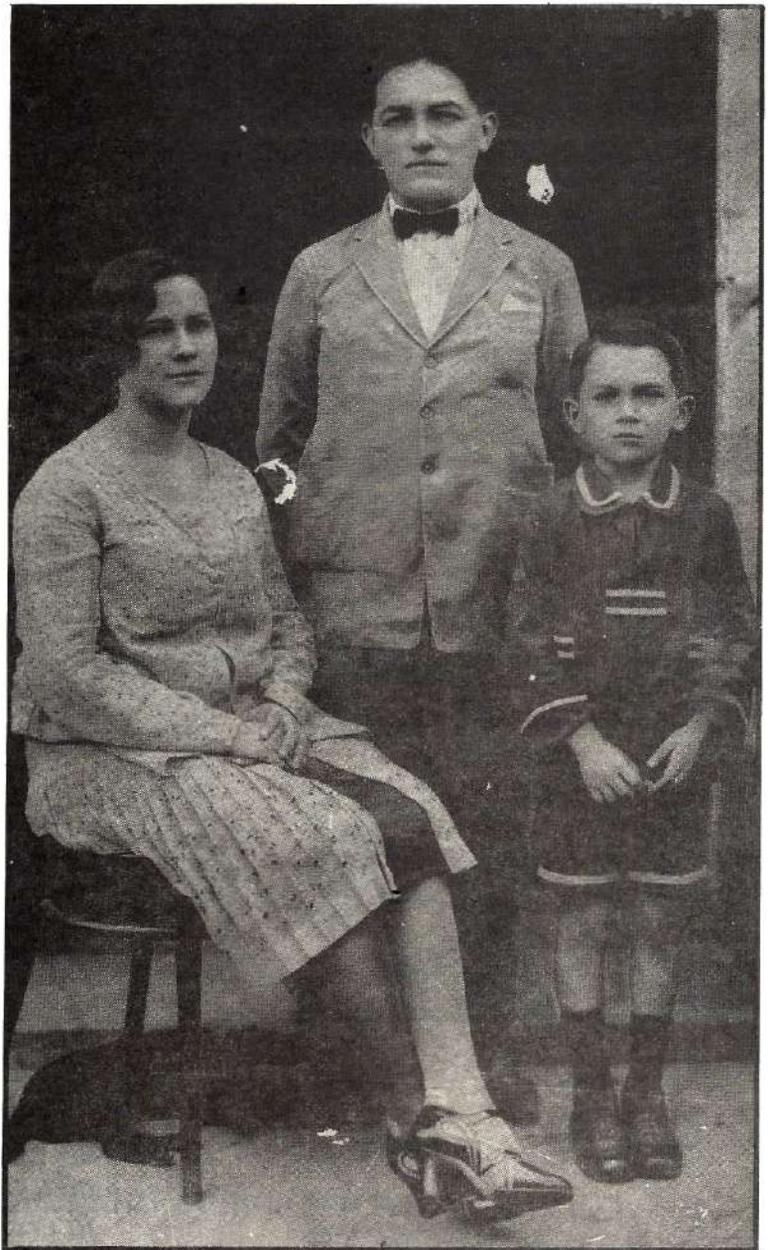
*A*larico, meu pai, nas passeatas  
de Camões claros versos repetia.  
Minha mãe abria um leque de cigarras  
e um naipe de modinhas no banheiro.

*M*inha avó trançava bilro e matizes  
e sempre se queixava das varizes  
e dos sonhos fiéis que alimentava.

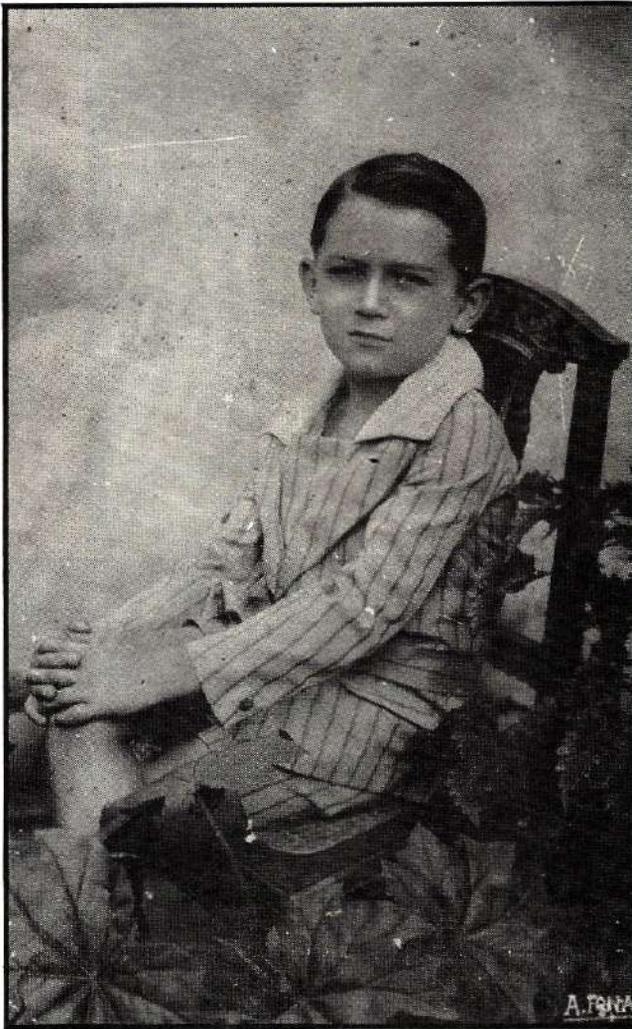
*A*li brotavam remos e catraias  
onde o rio se deitava e adormecia.

.....

**Nativo de Câncer**



Ruy e seus pais. Santarém, 24 de agosto de 1927



## **POEMA**

*Sobre o piano - rosas  
entre as rosas o azul  
e o azul não era azul  
era vermelho.*

*Tocavam Bach  
e era como luz que transitasse  
no mistério.*

*Todos estavam silenciosos  
e no fulgor das pupilas  
envenenadas pelo medo  
havia uma estranha dor de morte  
prematura.*

*Minha mãe chegou a mim e disse: fica  
meu avô me segurava do retrato,  
meus netos me acenavam do futuro.*

*Porém eu estava sitiado  
entre a fuga e a tocaia.  
A nuvem carregou-me adormecido,  
varei a criação,  
transpus o limbo,  
quando acordei,  
meu pai,  
já era céu.*

Reprodução - "O ART NOUVEAU" em Belém - Célia Bassalo



Senhora Mª José Paranatinga - mãe de Ruy Barata

*“Minha mãe abria um leque de cigarras  
e um naipe de modinhas no banheiro...”*

Nativo de Câncer



Ruy, no dia da Primeira Comunhão, em Santarém, 31 de maio de 1929.

*“Hoje falaremos da crucificação  
dizia o padre-mestre e pregava  
a mão que anoitecera no martírio.”*

Nativo de Câncer, segundo conto, sobre as  
aulas de catecismo de Frei Ambrósio



.....  
Um homem cresce querendo  
e cresce quando não quis.

.....

.....  
Crescer é rima de vida  
mas também é de morrer.

Crescer é tema ferida,  
que só dói no entardecer.  
Em cada raiz da morte  
há sempre um verbo crescer.

E cresço: macho e poeta.  
(Subo em linha, volto em cor)  
cresço violentamente,  
cresço em rajadas de amor.

.....

Canção dos quarenta anos.

Ruy, aos 12 anos, em Belém

---

## VINTE SETE ANOS QUASE VINTE OITO

A silenciosa espera, a valsa, o ramalhete,  
o jeito de sofrer, a fronte larga,  
o coração fiel e inviolável.

Forte sou in da que seja fraco  
eñtre as espécies reino soberano,  
o drama situou-me entre vigílias  
e o poema devasta mais que o aniversário.

Se sou é para a tirania da beleza,  
a poesia em mim cortou-me as pernas,  
asas não tenho e bem queria tê-las,  
o Fauno adormecido vive ainda  
e o corvo lhe segreda: nunca mais.

Poemas e orações tenho em segredo,  
palavras de doer guardo também,  
uma delas é Ruy,  
outra Guilherme,  
maninha, céu, outrora, devaneio,  
Heloisa já foi e não é mais.

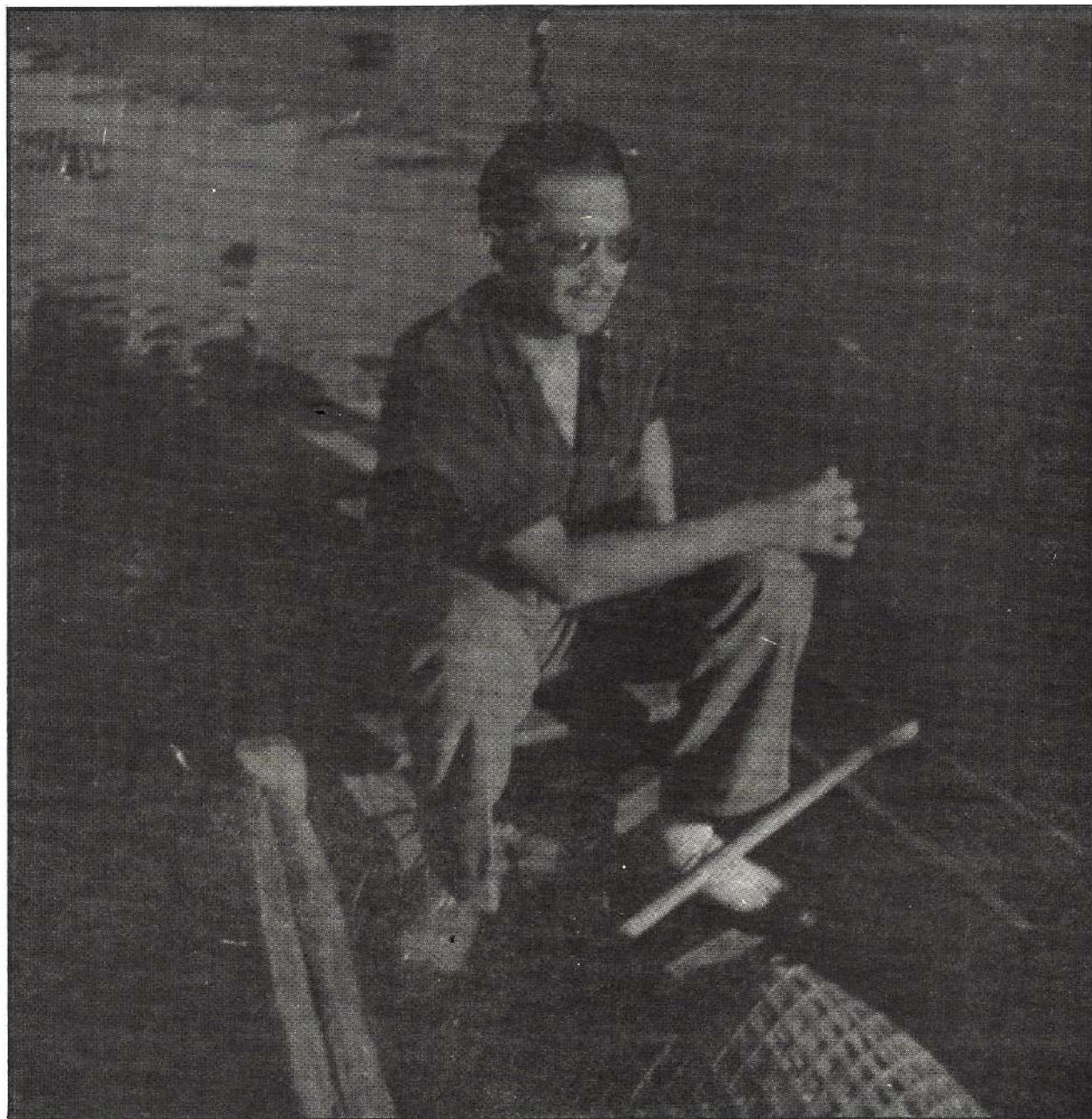
O amigo fiel chama-se Chico,  
o amigo infiel onde andará?  
mais ce que je veux voir dans ce matin  
c'est le marin sans bateau,  
le pauvre Lelian,  
ó poeta que amai e ainda amo,  
ó tendre voix du Quartier Latin.

Geograficamente, o azul é a minha pátria,  
politicamente, o amor é meu governo,  
e o sobrenatural a grande vocação.  
E este jeito de amar que é quase escudo  
(a timidez de amar embora ame)  
e este riso feroz que é meu demônio.

Porém forte sou ainda que seja fraco  
(não passei junto a ti sem lágrimas na face?)  
(não tomei tua mão sem comoção alguma?)  
mas nunca sou tão forte como agora  
quando digo ao poema vai-te-embora.

A Linha Imaginária





Ruy Barata, em Óbidos

## *INDAUÊ TUPÃ*

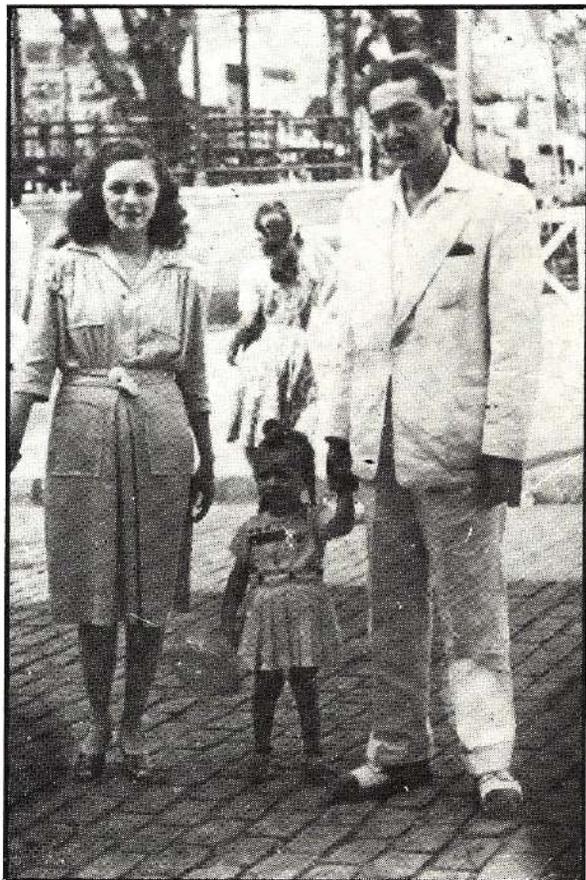
Paulo André e Ruy Barata

Ô indauê Tupã,  
ô indauê Tupã,  
vim de quando,  
vou pra onde,  
passei Conde,  
Cametá,  
a canoa  
vai de proa  
e de proa eu chego lá.

Rema, meu mano rema,  
meu mano rema,  
rema que o sol na brenha,  
se qué deitá.  
Rema, meu mano rema,  
meu mano rema,  
que a canoa vai de proa  
e de proa eu chego lá,  
que a canoa vai de proa  
e de proa eu chego lá.

## **ODE AO MAR**

Ó mar, ó velho mar dos velhos tempos  
em que eu era o eleito do Senhor.  
É mar, ó velho mar das velhas noites  
em que eu adormecia sobre a tranquilidade  
dos teus cânticos  
como o corpo viajante dos afogados.  
Ó mar, mar chamando os meus passos para  
os caminhos distantes,  
mar gritando por mim da noite escura  
no grande sossego da sala iluminada  
pelos candeeiros.  
Ó mar, ó grande azul nos olhos  
dos que partiam sem dizer adeus,  
mar que eu sentia perfumado  
como os grandes jardins,  
mar tão longe do meu rio tão triste.  
Ó mar, ó velho rude da noiva que partiu,  
mar misterioso, mar profundo, mar aberto  
para os nossos destinos.  
Mar das que eram loucas,  
mar das que eram tristes,  
mar dos navegantes,  
mar dos ventos libertos  
sobre os nossos cabelos.  
Mar das estrelas pensativas,  
mar dos peixes,  
mar dos suicidas,  
mar iluminado das amadas errantes.  
Mar das velas brancas,  
mar das grandes luas,  
mar fosforescente pelas brancas espumas  
mar dos que ficaram  
no fundo dos abismos,  
mar do grande e profundo olhar de Deus.  
Agora que não mais ouvirei o chamado das tuas  
águas  
eu quero te sentir como as amantes misteriosas  
que nada pediram e que nada disseram  
na hora em que o amor era cheio de promessas.  
Eu quero te sentir velho mar  
das brancas madrugadas  
sobre os meus pobres olhos enfermos,  
olhos mortos dos que não tiveram lágrimas,  
olhos temos como dos bêbados,  
olhos lúcidos como dos loucos.  
Eu quero estar, ó velho mar,  
pousado nos teus braços  
como a saudade nos olhos dos que esperam.  
Mar que eu chamo na noite,  
mar que escuto nos ventos,  
mar tempestuoso, selvagem e inexorável  
morando eternamente no meu peito.



Ruy, Norma e Maria Diva. Fotografia tirada em outubro de 1943 - Largo de Nazaré-Belém

.....  
*(as cartas,  
 os aniversários,  
 o velho álbum de fotografias  
 onde ao virar da página  
 perdia-se a fralda e a castidade)*

.....  
**Les evenements. A Linha Imaginária.**

.....  
*A lguém que seja infanta ou passarinho,  
 mulher, criança, cão ou realejo*

.....  
**Breves considerações sobre o amanhecer - A Linha Imaginária**

.....  
*Um pensamento só, voltar à infância,  
 um desejo qualquer, basta a esperança,  
 e refloresces em dádivas e gestos.*

.....  
**A Linha Imaginária**

**Q**uedê rede balançando?  
 Quedê peixinhos do mar?  
 Quedê figo da figueira  
 pru passarinho bicar?  
 E o anel que tu me deste  
 em que dedo foi parar?

Canção dos quarenta anos



Ruy e Maria Diva, viajando para Óbidos



Ruy e D. Norma - Rua do Passeio. Rio de Janeiro

.....  
**T**udo tão próximo de ti,  
tão ligado ao teu cotidiano,  
ao teu suor diurno,  
às tuas vigílias,  
às tuas palavras que emprestas  
uma outra significação.

.....

A Linha Imaginária

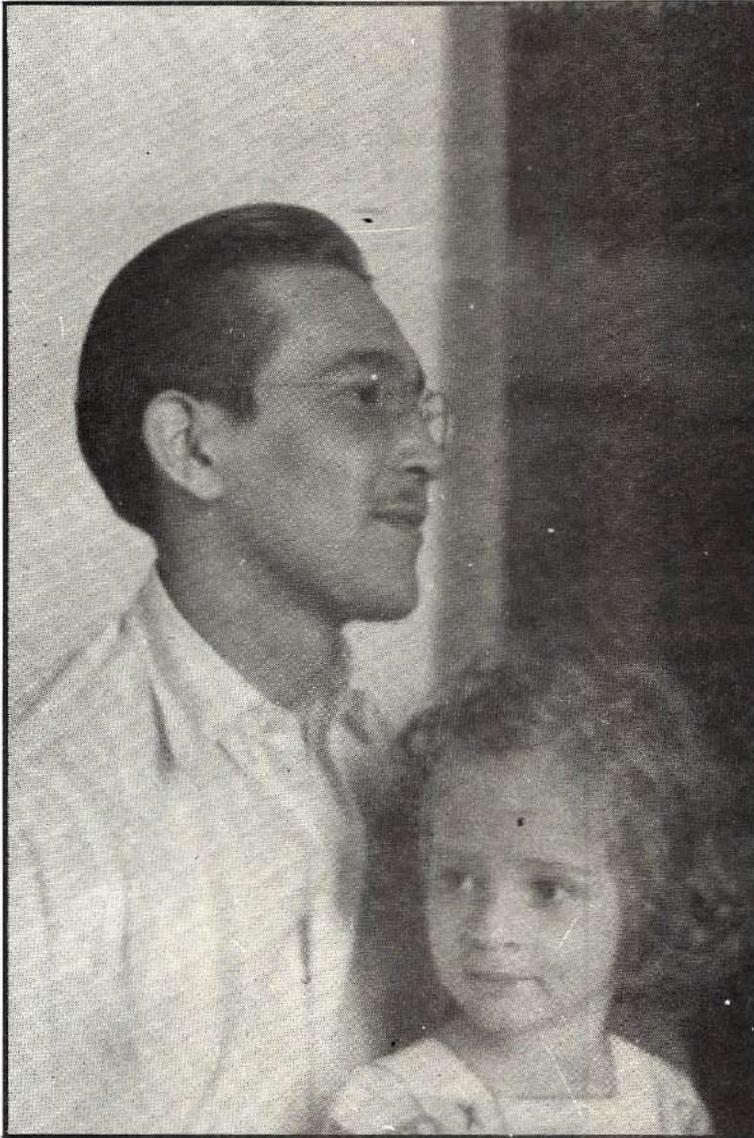
“...  
”

**Q**ue romance lerei hoje,  
que poeta me terá.”...

Breve considerações sobre o amanhecer  
- A Linha Imaginária



Maria Diva, Ruy e D. Norma, no dia do baile de debutantes da  
Assembléia Paraense



Ruy e Maria Diva

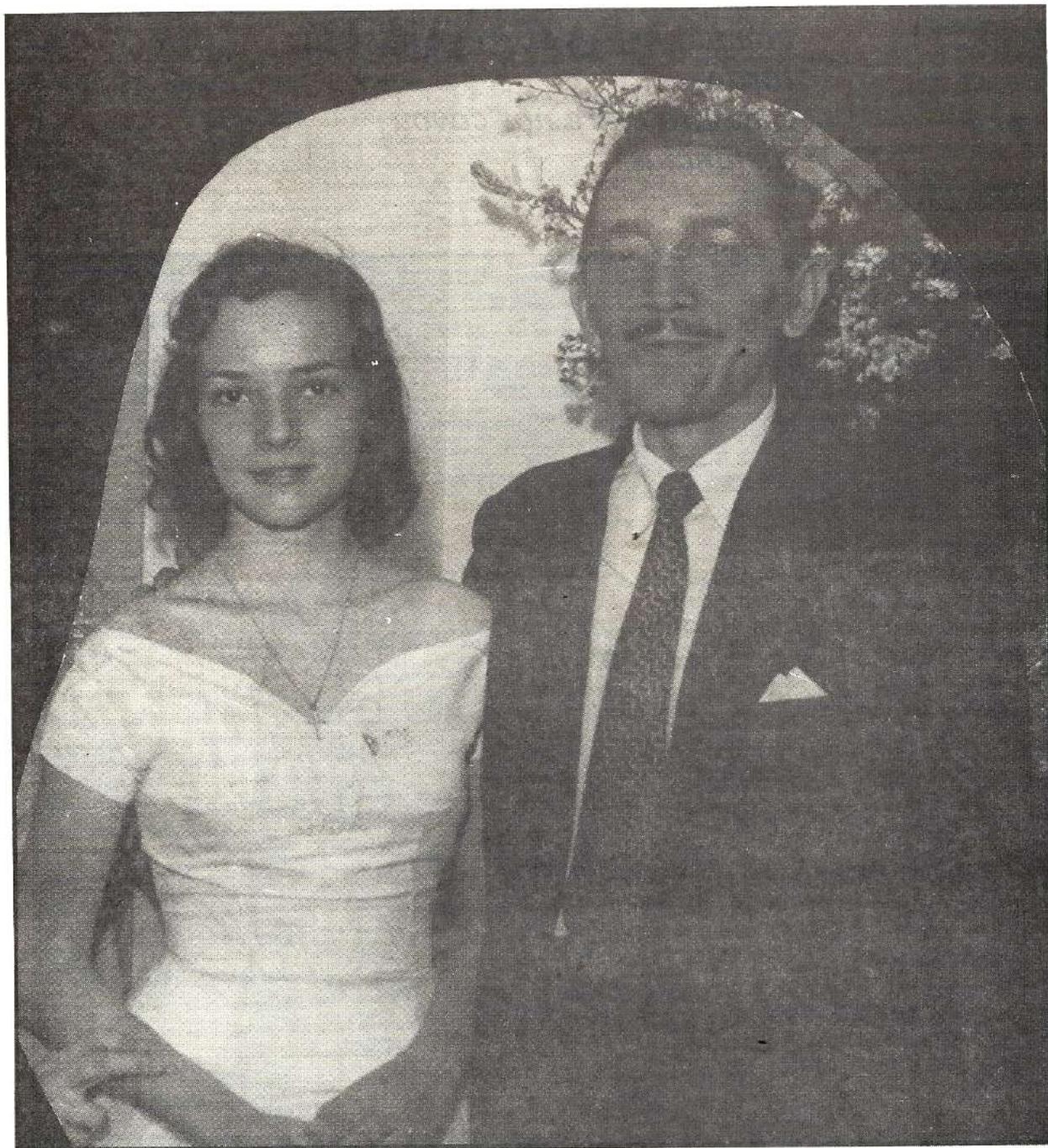
## **ACALANTO PARA MARIA DIVA (\*)**

*Sopra leve, vento leve,  
na noite que vai cair,  
no consolo a flor desmaia  
nos meus dedos sinto frio  
foi a Bruxa  
foi a Fada  
foi a Morte  
ou foi Sacy?*

*Minha mãe reparte a ceia,  
meu pai ainda não chegou,  
deitado no quarto escuro  
chamo por Nossa Senhora  
que de leve abriu a porta,  
de mansinho se chegou,  
aqueceu-me no seu manto,  
me acalmou,  
me penteou...*

*Sopra leve, vento leve,  
já dormindo me deixou.*

(\*) poema publicado no livro A LINHA IMAGINÁRIA e musicado pelo maestro Waldemar Henrique em 1961



Ruy com Maria Diva, na sua festa de quinze anos

.....  
*Cresço nos filhos crescendo,  
cresço depois que me for.*  
.....

Canção dos quarenta anos

.....  
*onde andais amigos meus -  
vinde depressa,  
companheiros correi - já se faz  
tarde,  
o adulto entre nós cavou  
distâncias*



**Ruy Barata,  
Mário Couto,  
Francisco Paulo Mendes,  
César Calvo (pintor peruano)  
Líbero Luxardo e  
Cléo Bernardo**

# "SÓ O RETRATO NOS PREGA À ETERNIDADE"

Breves considerações sobre o amanhecer  
- A Linha Imaginária.



Benedito Nunes,  
Raimundo Souza Moura  
e Ruy Barata

---

.....  
Amigos,  
companheiros,  
e correligionários:  
Reconheci aquele que nos traz  
humildemente  
o sal da vida,  
reconheci aquele que vos junta  
no santo amor de Deus,  
reconheci aquele que,  
por vós,  
longas horas de insônias tem passado,  
ó reconheci antes que seja tarde  
“antes que um nome se desloque no tempo  
e um corpo no espaço”,  
antes que o vosso amor seja apenas  
a carícia brutal do vosso século,  
o discurso inflamado ao pé da tumba,  
- a fria estátua do passeio público,  
- monogramas,  
- papéis,  
- fotografias,  
e por fim a vossa solidão,  
sim,  
a vossa solidão ainda mais triste.  
Amigos,  
companheiros,  
e correligionários:  
.....

(do Manifesto do Povo Brasileiro no Cinquentenário do Poeta  
Murilo Mendes)



**DEPUTADO RUY BARATA**

**PRESIDENTE DA COMISSÃO DE SAÚDE, EDUCAÇÃO E CULTURA  
DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ**

**EDUCAÇÃO E CULTURA**

# *BREVES CONSIDERAÇÕES*

## *SOBRE O AMANHECER*

A. Raul e Wilson

Escancarar as pálpebras e espelhos,  
recompor a visão, nascer de novo,  
trazer a mesma face vacilante  
da mesma antiga noite insatisfeita,  
bem quisera não mais sentir agora  
a solidão e o peso dessas horas  
de amargo tédio para sempre cheias.

Que romance lerei hoje,  
que poeta me terá,  
em que vidas viverei,  
em que mar navegarei  
este anelo que é tão vago,  
e a saudade que é mais vaga,  
de não sei coisas de outrora,  
de não sei amor de quem?

As cartas de minha mãe ditam remédios,  
a voz de meu avô é grave e funda,  
onde andais amigos meus - vinde depressa,  
companheiros correi - já se faz tarde,  
o adulto entre nós cavou distâncias  
só o retrato nos prega à eternidade.

Amanhecer, suar, beber anseios,  
viver a vida que não desejei,  
vacilante ficar ante a partida,  
bater à porta, não achar ninguém,  
ó indecisa saudade diz quem buscas  
que quero amar perdidamente alguém.

Alguém que seja infanta ou passarinho,  
mulher, criança, cão ou realejo  
que fale, cante ou toque de mansinho  
que me dê calma, que bem calma seja,  
que me dane, me mate, ou me proteja,  
da vida que jurei, desta saudade,  
que não cansa, não cala, e desespera,  
não dizendo a quem quer e a quem deseja.

Quero entregar-me todo,  
dar-me inteiro,  
a este amor que em mim vive intranquilo  
à busca de seu nome verdadeiro.  
Mas que seja o amor, o encantamento,  
sereno como a brisa do mar alto,  
feroz como do mar o alto vento.

Se for mulher  
saibam todos  
que o nome não importará,  
que seja hermosa ou fermosa,  
rosa ou flor de manacá.  
Meu Deus não quero bela,  
nem sincera,  
nem singela,  
mas que tenha ao menos ela,  
e ela venha me salvar,  
e fútil diga a saudade:  
indecisa,  
já vais tarde,  
o que quero é rosetar.

Que seja Lena ou Maria  
de Montmartre ou do Japão,  
Maura flor de meretrício,  
Tereza de Alter-do-Chão,  
Floripes de Passa-Quatro.

Rosamunda de Belém,  
Sheila ou Susy of Alabama,  
Escrotildes de Alcobaça,  
Moema de Santarém.

Mas como dói pensar que esta saudade  
jamais satisfará os seus desejos  
nesta manhã de abril, de azul tão casto,  
onde se abrem pálpebras e espelhos.

---

## LES EVENEMENTS



Havia o céu - eis tudo  
(é um azul  
incompatível  
com a minha dignidade  
de poeta  
sufocado  
pelos acontecimentos)  
No teu seio, de pé, o Minotauro,  
e a paz que me ofertavas - tão impura  
- mergulhava no mundo das raízes.  
Havia a catalogar os nomes,  
(desde Adão ao último da Silva)  
os dias.  
(amontoados à sombra de uma solitária  
inquietação)  
as raças,  
(segundo as suas características mais  
pronunciadas:  
o estúpido, o neutro, o bem-amado).  
Havia a considerar o trágico e o grotesco  
(as cartas,  
os aniversários,  
o velho álbum de fotografias  
onde ao virar da página  
perdia-se a fralda e a castidade)  
os fantasmas  
(rigorosamente classificados segundo a  
ordem e a hierarquia)  
as doenças.  
(observadas pela maior ou menor  
frequência dos desesperos  
ou diagnosticadas pela relativa fidelidade  
ao último poema).

Depois o abandono,  
completo, -  
absoluto,  
(nem um sopro de fé para deter-me,  
nem um lenho de cruz para deitar-me).



Ruy, aos 63 anos, ao lado da sua mãe, no dia do aniversário dela (80 anos), com os netos Ana Luiza e Ruy Guilherme em 04 de outubro de 1982.

Quem pode medir um homem?  
Quem pode um homem julgar?  
Um homem é terra de sonhos,  
sonho e mundo a decifrar:  
naveguei ontem no vento,  
hoje cavalgo no mar.

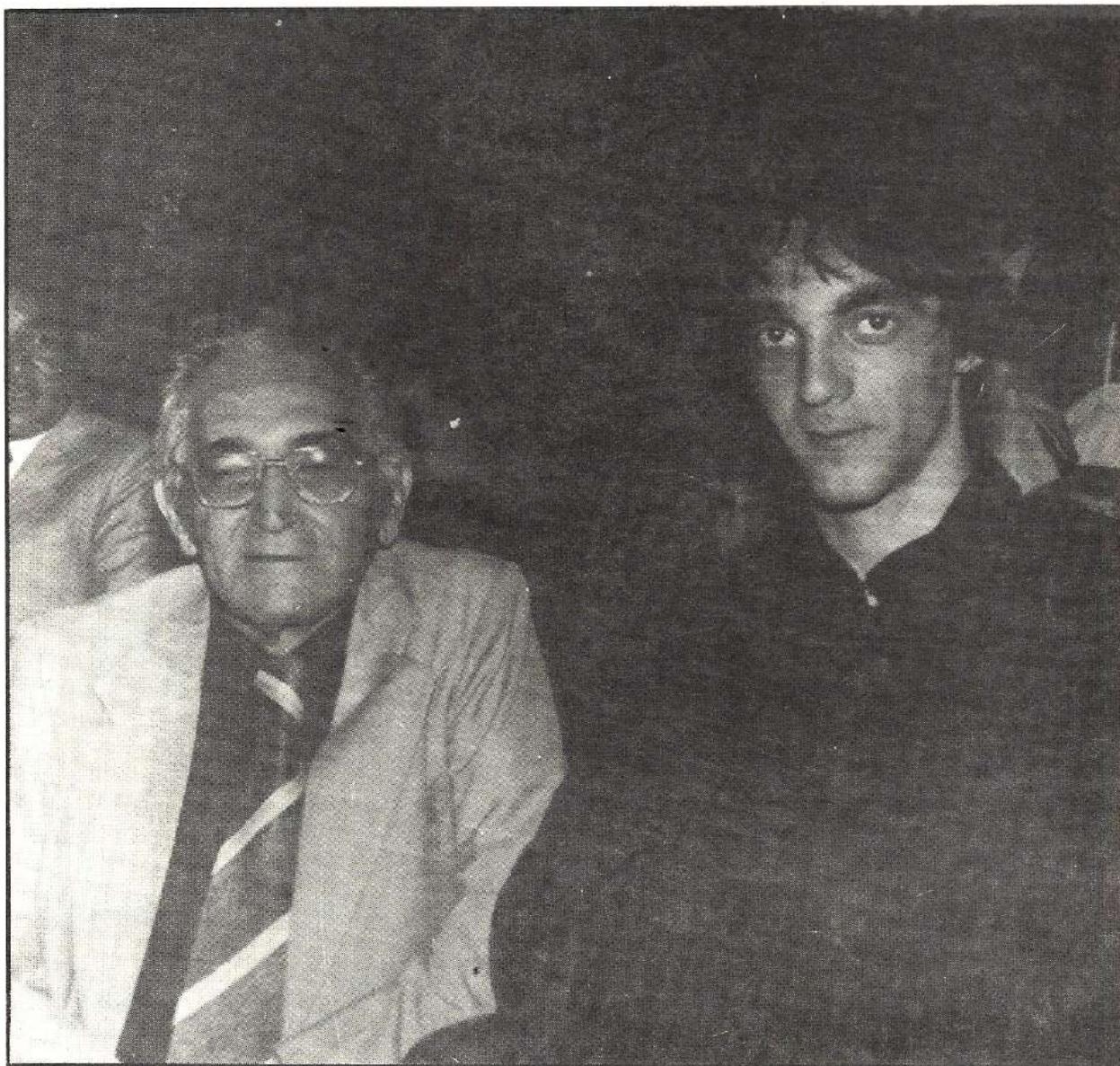
Hoje sou. Ontem, não era.  
Amanhã, de quem serei?  
Um homem é sempre segredos.  
(Por qual deles purgarei?)  
Dos meus netos, qual o neto,  
em que me repetirei?

(na Canção dos quarenta anos)



Cresço em tempo e eternidade,  
cresço em luta, cresço em dor,  
não fiz meu verso castrado  
nem me rendo ao opressor,  
cresço no povo crescendo,  
cresço depois que me for.

(Canção dos quarenta anos)



Ruy, na colação de grau do filho Tito Barata

*Que virtudes foram minhas?  
Que pecados confessar?  
Que territórios de enganos  
a meus filhos vou legar?  
A quem passarei meu canto  
quando meu canto passar?*



Ruy Barata com o poeta Thiago de Melo e Paulo André Barata

Ó caminhos errantes, ó perdidos caminhos que  
nos  
conduziam ao mar desconhecido.  
As floresta escuras  
as águas turvas dos rios martirizados  
não impediram o nosso límpido pranto,  
a clareza e a vidência dos nossos destinos.

(Poema: Anjos dos Abismos)

## CARTA

A Francisco Paulo Mendes

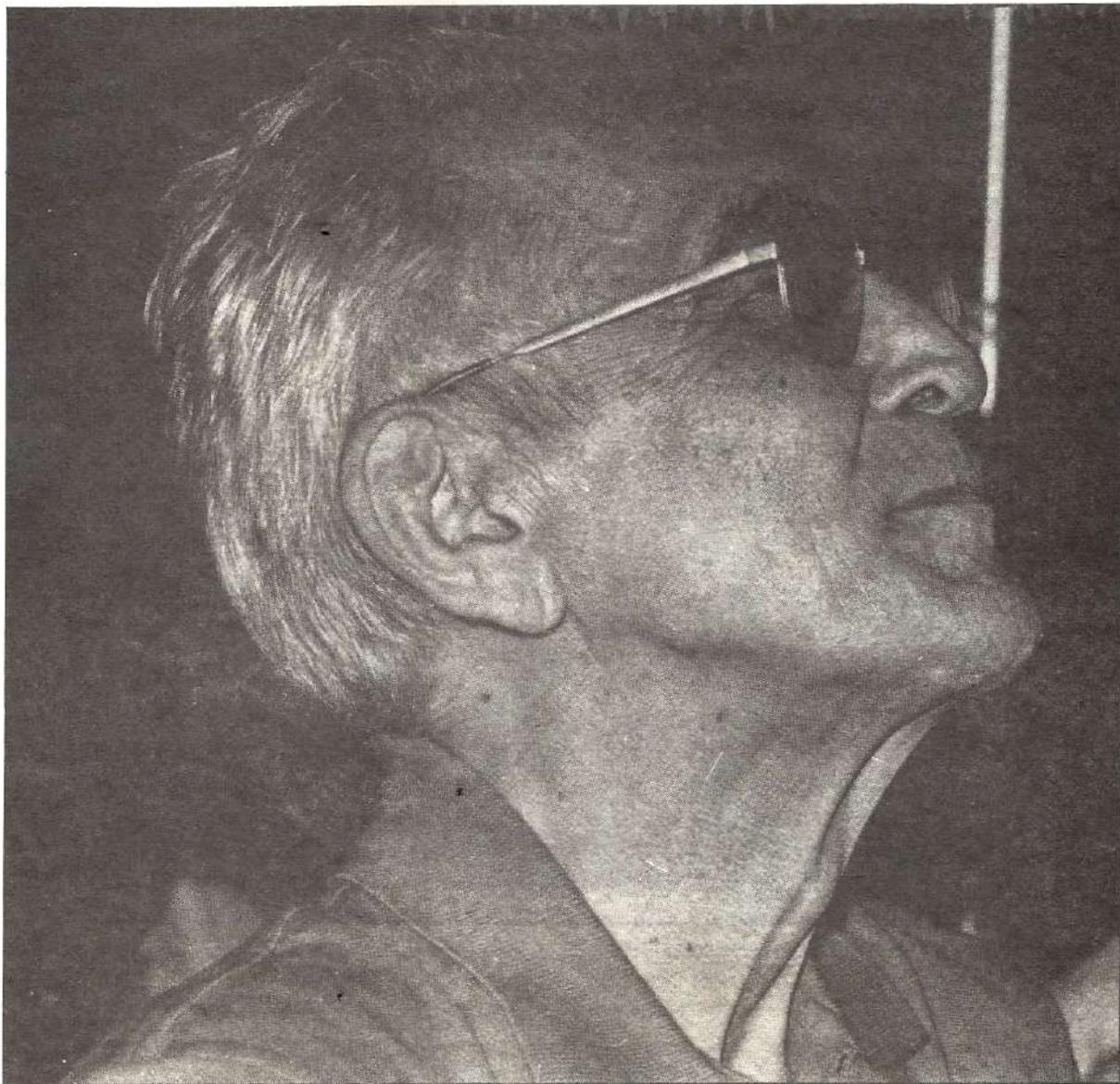


Foto: Geraldo Ramos - Videôto

Chico  
não é o poema que me traz aqui  
neste momento.  
Não é o poema Chico,  
é este cansaço,  
este medo de ter tantos caminhos,  
tantos,  
e tão poucos satisfazem.

Não é o poema Chico,  
é o desejo de contigo sair por essas ruas,  
saber em qual esquina envelhecemos,  
por que - sabes Chico?  
o tempo não dissolve o que colhemos  
e as nossas almas têm para mais  
de mil e tantos anos.

Vamos Chico  
não me negues a graça da presença.  
Se eu te pedir a lua  
- por favor vai correndo buscar  
se eu te pedir a estrela  
- manda a empregada comprar  
se eu desejar a morte  
- por que morrer de esperar?

Vamos Chico,  
esta noite floresce na legenda que é tua  
ninguém estranhará se nos beijarmos,  
ninguém gargalhará se em vão chorarmos  
como dois bêbados que se encontram na rua.  
Anda Chico  
toma o teu anjo e vem que este cansaço  
é tão grande,  
é tão triste,  
é tão pesado,  
maior que a solidão  
maior que o mundo,  
muito maior que o tédio e que o pecado.

Vamos Chico,  
leva-me nas asas do teu anjo;  
tira-me dos livros,  
aparta-me do pranto,  
pois loucura maior é impossível esperar  
estas horas longas, estas longas horas,  
que jamais,  
jamais,  
poderemos calar.

Vamos Chico,  
quero ver de novo o mar  
nosso rumo é o absoluto  
onde iremos descansar,  
plantaremos nossas flores,  
pintaremos nossa cruz,  
abriremos nossa cova,  
e depois,  
- pela madrugada  
enquanto o tempo não pára  
deitaremos calmamente  
à espera do milagre.

Ó Chico  
dá-me o teu braço que estou cheio de pecados,  
dá-me o teu ombro que este nojo é bem maior.  
E orações,  
poesia,  
amor,  
não satisfazem  
se me desamparares  
tombarei.

Ó Chico além de nós é o tempo dissolvente  
- amantes que nos beijam,  
- telefones que nos chamam,  
- cartas que escrevemos,  
e esta ânsia de fugir ao tédio  
que é o mais trágico e fatal  
de todos os venenos.

Vamos Chico,  
a memória dos versos não comove,  
deixemos o epitáfio pois degrada,  
deixemos este crime para o mundo  
que a poesia não resolve nada.

Vamos Chico,  
quero cobrir meu Deus de desespero  
vamos depressa antes que o sol me chame  
a outro mistério que não sejas tu.

(em A Linha Imaginária).



Ruy Barata

### CARTA DE RUY

De Ruy Barata, o poeta de tantos êxitos, o colunista recebe este bilhete, cujo teor justifica a sua transcrição: “Edwaldo, meu caro. Sempre que morre um “imortal”, sou lembrado como provável sucessor do falecido, na Academia Paraense de Letras. Tenho velhos e queridos amigos naquela instituição. Isto não me autoriza a torrar-lhes a paciência, com visitas formais, portadoras dos clássicos pedidos de votos. Además, o chá acadêmico, embora generoso e salutar, não é bebida adequada para o boêmio incorrigível que tão bem conheces. Encerrando (até quando?) as atuais especulações em torno de meu nome, aqui vai o afetuoso abraço de teu constante leitor, (a) Rui Barata”.

Carta enviada ao jornalista Edwaldo Martins e publicada no jornal “A Província do Pará”. (do arquivo da família)

---

## CARO STING:

Sou um dos muitos admiradores, não apenas de sua música, mas, também, de sua postura humana, solidária e participativa. Rejubei-me, creia, sabendo de seus últimos pronunciamentos, consubstanciados no respeito e no carinho, pelas nações indígenas e pela floresta amazônica. Vejo, porém, que a reunião de Altamira, desejada e aplaudida, por mim e por muitos, está sendo usada, por George Bush e pelo Congresso Norte-Americano, por Margareth Thatcher e pelo Parlamento de Sua Majestade, para realçar a incapacidade dos brasileiros, macaquitos do terceiro mundo, na formulação de uma efetiva política ecológica.

Representantes de um sistema, onde lucro e usura ocupam posições de vanguarda, não são eles os mestres mais indicados para nós ensinarem amor e respeito pela vida humana e pela natureza. De suas aulas preservacionistas, duas delas jamais serão esquecidas pela humanidade: a do massacre de 800 mil civis, em duas cidades japonesas, e a da destruição das florestas vietnamitas, através do chamado agente laranja.

Havendo participado de numerosas lutas, pela integridade territorial de meu país e pela autodeterminação de seu povo, conheço as mil artimanhas da cobiça internacional, sempre engenhosas e mirabolantes quando se trata da desnacionalização da Amazônia, último depósito mundial em reservas naturais.

Os que hoje negam créditos ao Brasil, para construção de uma hidrelétrica, representando o papel de defensores da cultura indígena e dos tesouros florestais do rio Xingu, são os mesmos

que, tempos atrás, pretenderam construir o maior lago artificial do planeta, represando o rio Amazonas e inundando a metade do meu Estado. Em nome de uma ecologia que eles nunca respeitaram, impedem a construção da Acre-Peru, uma estrada de ligação entre vizinhos. No entanto, continuam insistindo na Pan-Americana, uma rodovia intercontinental, reunindo o Alasca à Patagônia.

Sedentos de lucros, os capitães da morte destroem a Terra e a camada de ozônio que a protege. Hoje, voltam-se para a Amazônia, não para redimi-la, mas para vender os seus pulmões, loteando-os entre os grandes proprietários da rendosa indústria turística internacional.

Desses cavalheiros, nunca recebemos qualquer gesto de solidariedade desinteressada, apesar de nossos apelos e apesar dos nossos milhões de mortos, roídos pela desnutrição e pela fome. O que querem, o que pretendem, o que nos cobram são juros, juros, nada mais do que juros.

Por isso, caro Sting, a verdadeira luta por nossos tesouros ecológicos não se esgota na simples declaração de amor pela natureza amazônica, mas arromba os gabinetes de Wall Street e invade a privacidade dos banqueiros ingleses, onde são forjados as algemas da nossa pobreza e a pesada cruz do nosso subdesenvolvimento.

Se você estiver disposto a nos ajudar, nesse bom combate, creia na permanente gratidão de muitos brasileiros, dentre os quais, certamente, você encontrará o

RUY BARATA.

(publicada no jornal O Liberal em 14/03/89)  
FONTE: Biblioteca Arthur Viana.

# Revista da A.P.E.

ASSOCIAÇÃO PARAENSE DOS ESCRITORES



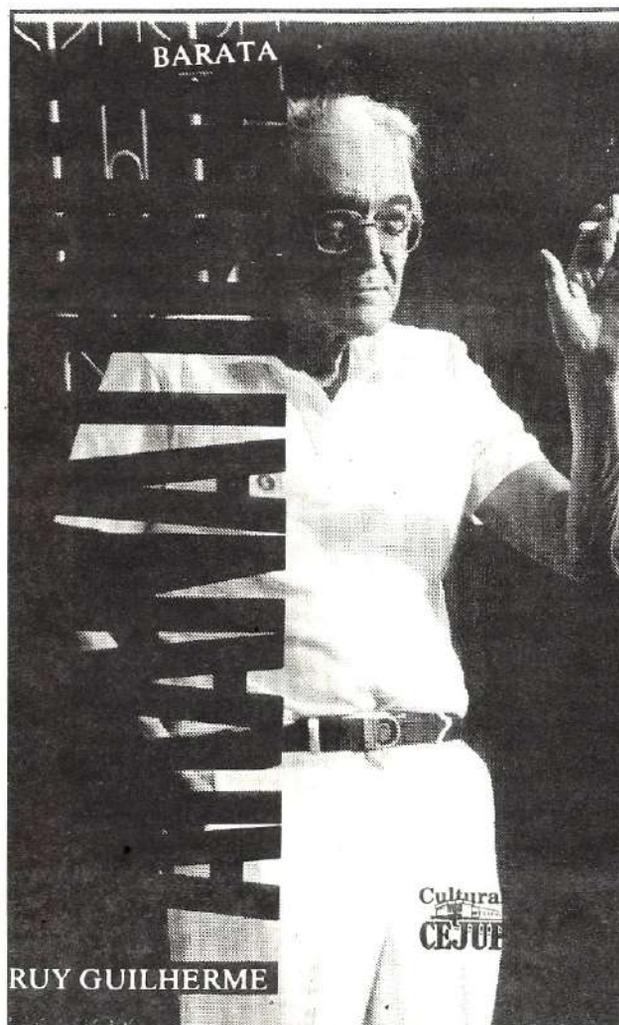
RUY BARATA:

*"O intelectual tem que lutar pelo seu direito de ser. De ser até mesmo um intelectual."*

A segunda edição do livro *Paranatinga* que chega totalmente revista e ampliada, com o título de *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*, se constitui no novo momento de uma homenagem que Alfredo Oliveira prestou a Ruy Barata, em 1984.

Seis anos se passaram desde o lançamento da primeira edição deste livro - um encontro com *O cantor das coisas da Amazônia* - que agora reaparece com nova feição gráfica.

A publicação de um livro como *Ruy Guilherme Paranatinga Barata* reafirma o respeito ao Poeta e torna público o reconhecimento da Editora Cejup ao talento de Ruy Barata.



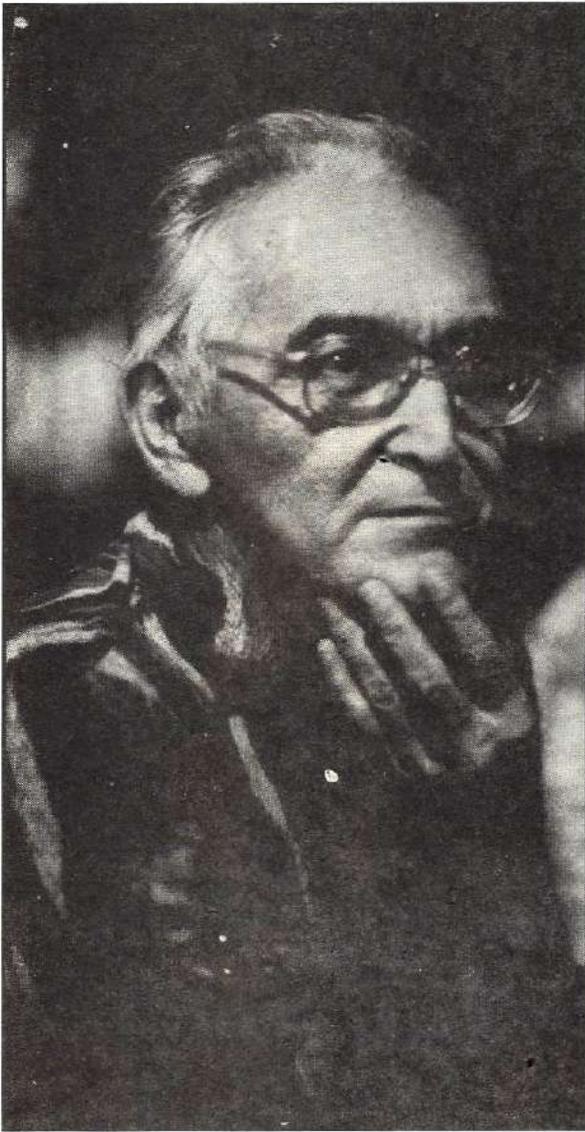
em *PARANATINGA* - de Alfredo Oliveira, pág. 96. 2ª edição, CEJUP

.....  
*“ Não sou do amor, sou da paixão, que é o reino da criatividade. ”*  
.....



Alfredo Oliveira e Ruy Barata

Alfredo Oliveira, autor de *PARANATINGA*, nasceu em Belém, onde diplomou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Pará. Compositor e escritor, publicou: *O Touro Passa*; *Belém, Belém e Paranatinga*.



## ARTE POÉTICA

Ah o ofício,  
as contorções da espera,  
entre a noite e a madrugada!  
O litúrgico olhar abre cortinas,  
o anjo adormeceu,  
dança arbitrária  
a minha barba de duzentos anos.  
Quem poderá restituir-me intacto ao mistério  
com o perfume de rosa não tocada?  
Quem senão tu,  
cântaro e fonte,  
abrigo,  
terra e pátria onde se esconde  
a negra cicatriz que o peito ostenta?  
Eis porque espero  
(entre a noite e a madrugada)  
para que salves  
ou lances no infortúnio  
o litúrgico olhar que em nova busca  
apodrece sob o sol de desespero.

“- **T**odos os poetas são somas de muitos poetas. Render homenagem a um poeta vivo é o mesmo que render homenagem a Homero, que está na raiz da nossa formação ocidental. Enfim, o homem poeta é um ser profundamente conservador e preservacionista, ao estabelecer um permanente diálogo consigo e com as suas origens.

- A poesia não se faz com idéias e sim com palavras. Há que atravessar o reino das palavras e delas retirar o mítico e o mágico.”

Paranatinga segura o queixo e balança a cabeça. Afirma:

- Nunca tive intenção de publicar nada, muito embora, depois de um certo número de poemas, esteja pronto um livro.

em PARANATINGA - de Alfredo Oliveira, pág. 96.  
2ª edição, CEJUP

E se o poema vier?  
Poema é bicho acanhado,  
poema se ruboriza  
em se vendo observado;  
poema precisa jeito  
para ser encurralado;  
poema é criança tola  
gosta de ser adulado.  
Poema visto se esconde,  
um custo para ser achado.

Canção do poeta vigiado pela polícia

## **“Poesia é trabalho, trabalho com as palavras”**

(Ruy Barata)

“- Todos os movimentos poéticos denunciam uma crise da palavra. Momentos há em que ela já não expressa tudo o que o poeta quer dizer. Daí o romantismo incorporando palavra e música, integração que se aprofundaria no simbolismo.”

(em Paranaatinga - Alfredo Oliveira)

“Poesia, como qualquer outra profissão, é trabalho, trabalho com as palavras.”

(entrevista a Fábio Castro)

“- Poesia é política porque ambas são militantes, militantes da estética ou do social, e se não são militantes nada vão ser além de conversa fiada.”

(entrevista a Fábio Castro)

“- A realidade chega a mim e eu a recrio. A inventiva é fundamental. Sem invenção não existe letra, nem poesia. E quem nos ensina isso é Fernando Pessoa.”

(em Paranaatinga - Alfredo Oliveira)

“Procuro fazer a letra como um carpinteiro faz uma mesa. É um trabalho a ser feito. Então vamos! Só tenho que receber e transformar palavras.”

(em Paranaatinga - Alfredo Oliveira)

“Todo poema é uma entidade, autônoma. Não vejo em nenhum poema meu síntese de nada. Considero que, no fundamental, o poema é uma atividade lúdica. E dentro de um homem existem vários homens.

A letra me põe numa grade. A poesia me dá liberdade completa. A letra tem que estabelecer comunicação com o público. A poesia não tem obrigações. A poesia transcende a palavra. A letra se mantém no plano temporal. Às vezes uma letra é poética, mas não obrigatoriamente. A verdadeira obrigação da letra é casar com a melodia e seguir com ela indissolúvelmente junta.”

(em Paranaatinga - Alfredo Oliveira)

No fundo acho que todo poema é um símbolo.

(em Paranaatinga - Alfredo Oliveira)

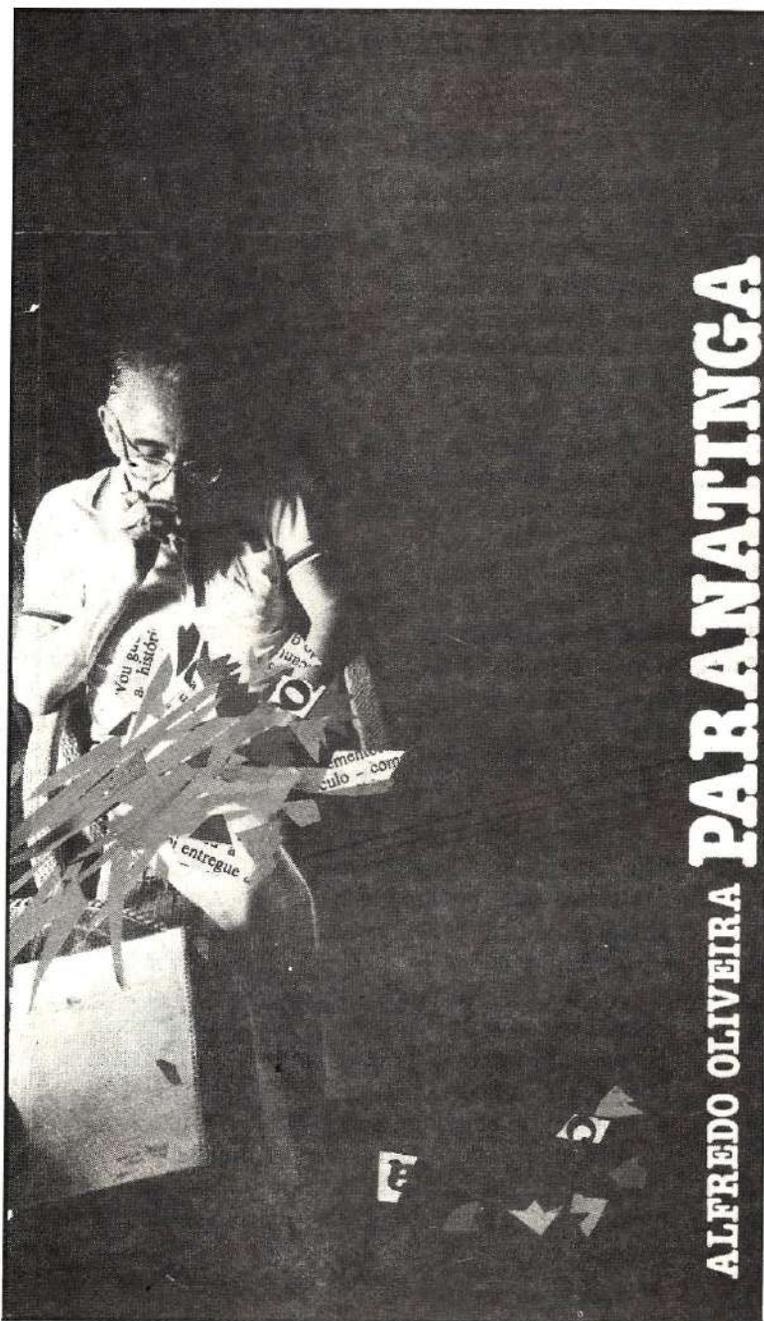
E acrósticos? O poeta ri.

“Também não. Já nasci com os versos soltos e livres.”

(em Paranaatinga - Alfredo Oliveira)

“O que nunca me foi perguntado e que sempre quis dizer é que a política, a militância política e todo questionamento social é, no fundo, uma poesia, porque ambas, política e poesia, nutrem uma esperança comum de beleza e se alimentam do sonho de uma utopia, que é estética e social.”

(entrevista a Fábio Castro)



Reprodução da capa da 1ª edição  
Capa: Emanuel Nassar  
Foto: Luiz Braga  
Patrocínio: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo  
Impressão: Falângola Editora

*“Nada é definitivo em poesia”*

*“A poesia é sempre um passar a limpo. É sempre uma convivência dolorosa que, de repente, uma palavra já não nos parece mais carregada da significação que passou a ter para nós. Não é mais uma questão de escolher uma palavra melhor, porque aquela palavra já não está com a carga de significação que a gente pretende.”*

(em entrevista a João Carlos Pereira, na Revista da APE)

# Canção do Guerrilheiro Torturado

Ai, general De Gaulle!  
 Ai, general Salan!  
 Vossos bravos me torturam  
 na rósea luz da manhã,  
 vossos heróis sem Marengo,  
 vossas águias sem Wagram.  
 Ai! General De Gaulle!  
 Ai! General Salan!

Paraquedista que pairas,  
 rosa aberta em solidão,  
 por que nos ventos colheste  
 o raio da maldição?  
 Por que não trazes da França,  
 de seu céu, como lembrança,  
 um colar de nuvens brancas,  
 doirados sóis em botão?  
 Por que não trazes a estrela,  
 na palma de tua mão?  
 Por que não pediste à lua  
 o amor sem remissão?  
 Há uma Argélia nascendo,  
 na ponta de teu ferrão  
 e uma França que perece  
 na mais negra humilhação.

Ai! general De Gaulle!  
 Ai! general Salan!  
 Vossos bravos me torturam  
 na rósea luz da manhã,  
 vossos heróis sem Marengo,  
 vossas águias sem Wagram.  
 Ai, general De Gaulle!  
 Ai, general Salan!

Argélia teu nome cresce  
 nos meus gemidos de dor  
 e uma França desfalece  
 por onde meu pranto for  
 não a França de Joana,  
 mas a França do impostor.  
 essa França que se afoga  
 no seu próprio desamor.  
 França que morre na usura  
 das palavras sem valor,  
 que se peço liberdade,  
 dá-me lições de terror.  
 França da extinta ventura  
 França de triste figura  
 França aos pés da sepultura  
 morre França por favor.

.....

*este o dir de maldição?*  
*vossas*  
 Há uma Argélia <sup>que nasce</sup> nascendo  
 por onde meu pranto for.  
 Argélia meu peito <sup>França que enuncia</sup> enuncia  
~~Argélia~~ <sup>que nasce</sup> grita de dor <sup>por onde meu pranto for</sup>  
 Argélia é tudo que se ergue  
 o direito ao usurpador.

Não oi França de Joana,  
 mas a França do <sup>impostor</sup> impostor  
 essa França que se afoga  
 no seu próprio desamor.  
~~uma França~~ <sup>França que, rola venida</sup> que <sup>surta</sup> surta  
 ao calcador do usurpador.

*Fra me que foi sua entran*  
*A França que toubo certo*  
*que se peço liberdade*  
*da-me lições de terror;*

Há uma Argélia <sup>que cresce</sup> que cresce  
 nos meus gemidos de dor  
 e uma França <sup>que desfalece</sup> que desfalece  
 por onde meu pranto for  
 não a França de Joana  
 mas a França do impostor  
 desta França que se afoga  
 no seu próprio desamor  
 França que morre no usura  
 das palavras sem valor  
 que se peço <sup>liberdade</sup> liberdade  
 dá-me o <sup>techo</sup> terror do opressor.  
 França de rôtto <sup>quandara</sup>  
 França de extinta <sup>higura</sup>  
 França de almas <sup>indafara</sup>  
 Morre França por favor.

Os manuscritos apresentados nestas páginas, e que retratam o trabalho do Poeta com as palavras, foram cedidos pela família Barata.

## SANTARÉM

Paulo André e Ruy Barata

Santarém,  
essa velha cantiga.  
Santarém,  
nessa brisa que vem.  
Vem saber em que sonhos vivi,  
ou se ainda criança meu canto chorado  
procura por ti.

Bebe na cuia pitinga que me batizou,  
benze a ferrada de arraia  
que a Rosa curou - mais dói...  
Olhe o banzeiro do rio  
na praia que sou  
olha a catraia do Maia  
que em mim atracou.

Vai brisa vai,  
vai, vai dizer  
como crescer dói...  
Mas diz também,  
diz sem chorar  
que meu todo querer  
é teu, sempre teu Santarém.

Paulo

Toda a segunda estrofe é, como todos ver, dirigida ao vento. O acumulos de esses, no segundo verso da mesma estrofe, (ferrada, ferrada, arraia, Rosa) sugere o caustico da ferrada dando maior expressividade ao verso e à interpretação do intérprete.

No terceiro verso substituí a palavra existente, na primitiva fórmula, por banzeiro por duas razões. Banzeiro vem de banzo palavra de origem africana, muito corrente na Santarém do meu tempo. No ~~primeiro~~ mesmo verso e no quarto procurei juntar foi em aia (praia, catraia, Maia) que sugere o som da canoa sendo arrastada na areia.

Maia, o pai do Maia que conhestei, era um dos mais velhos catraieiros da Santarém do meu tempo.

Penso que a letra ficará em termos, se aceitares essas modificações, que me parecem fundamentais.

Ruy



*“Ser parceiro do Paulo André além de grande prazer foi um dos deveres da paternidade. Contudo não constitui um fato obrigatório. A nossa primeira composição de parceria foi feita depois de 64 e chamava-se “Rosa Rubra”. Exaltava a liberdade e manifestava-se contra o obscurantismo daquela hora. Dela só guardo de memória um pequeno trecho:*

...Que esta rosa nasceu rosa,  
Para rosa rubra ser,  
Rosa de todas as rosas,  
Nas rosas do amanhecer.”

(Ruy Barata - em “Paranatinga” de Alfredo Oliveira  
- pág. 48: 2ª edição CEJUP)

## PAUAPIXUNA

Paulo André e Ruy Barata

*"Cumprindo as ditriminações de V. Excia. inspecionei a Costa do Pauapixuna perto de Óbidos, onde esta o cacual de Sua Majestade. A gente desse lugar é hastante vadiu e desambicioso de ganho e de comércio. Quando não está com suas violas ou mergulhados nas suas bebices, em que são absolutos, cuidam no gadinho e do pouco cacau que vai desaparecendo com as enchentes."*

De um relatório de Antonio Gomes Falção, datado de 16 de junho de 1859 e dirigido ao Governador do Estado.

Uma cantiga de amor se mexendo,  
uma tapuia no porto a cantar,  
um pedacinho de lua nascendo  
uma cachaça de papo pru ar.  
Um não sei que de saudade doendo  
uma saudade sem tempo oí lugar,  
uma saudade querendo, querendo,  
querendo ir e querendo ficar.

Uma leira, uma esteira,  
uma beira de rio,  
um cavalo no pasto,  
uma égua no cio,  
um princípio de noite,  
um caminho vazio,  
uma leira, uma esteira,  
uma beira de rio.

E no silêncio uma folha caída,  
uma batida de remo a passar,  
um candeeiro de manga comprida,  
um cheiro bom de peixada no ar.  
Uma pimenta no prato espremida,  
outra lambada depois do jantar,  
uma viola de corda curtida,  
nesta sofrida sofrência de amar.

Uma leira, uma esteira,  
uma beira de rio,  
um cavalo no pasto,  
uma égua no cio,  
um princípio de noite,  
um caminho vazio,  
uma leira, uma esteira,  
uma beira de rio.

E o vento espalhado na capoeira,  
a lua na cuia do bamburral,  
a vaca mugindo lá na porteira,  
e o macho fungando lá no curral.

O tempo tem tempo de tempo ser,  
o tempo tem tempo de tempo dar,  
ao tempo da noite que vai correr,  
o tempo do dia que vai chegar.

Uma leira, uma esteira,  
uma beira de rio,  
um cavalo no pasto,  
uma égua no cio,  
um princípio de noite,  
um caminho vazio,  
uma leira, uma esteira,  
uma beira de rio.

(\*) Gravado por Fafá de Belém, em disco Polygram, e Paulo André, em disco Continental. Trilha musical de novela.

## FOI ASSIM(\*)

Foi assim,  
como um resto de sol no mar,  
como os lenços da preamar,  
nós chegamos ao fim.

Paulo André e Ruy Barata

Foi assim,  
quando a flor ao luar se deu,  
quando o mundo era quase meu,  
tu te foste de mim.

"Volta, meu bem", murmurei.  
"Volta, meu bem", repeti.  
"Não há canção nos teus olhos,  
nem amanhã nesse adeus!"

Horas, dias, meses se passando  
e, nesse passar, uma ilusão guardei:  
ver-te novamente na varanda,  
a voz sumida e quase em pranto,  
a murmurar "meu bem, voltei".

Hoje essa ilusão se fez em nada  
e a te beijar outra mulher eu vi.  
Vi no seu olhar envenenado  
o mesmo olhar do meu passado  
e soube então que te perdi.

(\*) Gravado no exterior e no Brasil, por Fafá de Belém, em disco Polygram. Trilha musical de novela e filme

## NATIVO(\*)

Paulo André e Ruy Barata

Desse rastros dormindo nasce um campo,  
na repona dos ventos e mugidos,  
caviana de comos bubuiando,  
barcarenas a ser, ou for, em sido.

Há sempre o que sortir nesses doendo,  
de lonjura silendo e sipurgando,  
amor é meses-mares siregendo,  
amor é sipartindo e sichegando.

Amor é amar, em dois, predicativo,  
amor é sisofrendo e sisofrido,  
amor é simorrendo e simatando,  
amor é dez em dois de simorrido.

E tudo amor, amor, em erre aspado,  
amor em solsoldado e solsoldado,  
amor é eme urdido e eme atado,  
amor de mor amor de amor talhado.

(\*) Gravado por Fafá de Belém e Paulo André, em disco Continental. Trilha musical da novela "Aritana". Vencedora do Festival Latino-Americano "Costa a Costa", realizado no Uruguai.

## ENCHENTE AMAZÔNICA(\*)

Paulo André e Ruy Barata

*"Em tempo de enchente, muita gente chora,  
muita gente mente."*

*Um dos muitos ditados de dona Sinhá  
Salviano, moradora na costa de Óbidos.*

Corre, corre Zé Basto,  
corre no pasto,  
junta o que é teu.  
E te açulera Celecindo,  
as águas vem vindo  
os têsos sumindo.  
(valha-nos Deus!)

Ontem, quasi três braços  
No Jirau da Graça  
o rio inchou.  
Hoje lambendo calmo  
mais de seis palmo  
já mergulhou.  
Enche no Matá,  
Aritapera e Tapará,  
enche no Breu,  
e no varjão da Conceição  
só dá perau,  
rolando pau,  
comendo chão.

(E não é cheia só pru gasto)  
Corre, corre Zé Basto,

Não ser,  
(embora seja no retrato)  
não ter,  
(para ao flagelo condenar-se)  
não sentir o chamar do céu porque beleza  
e memória de ausências povoada.  
Estamos sós,  
bem sei,  
e como é noite  
arrancas o teu mundo no arbitrário  
e a poesia morde o que não é.  
Quem te susteve o braço suicida:  
a ode ou o catecismo?  
Quem te ligou à sorte deste povo:  
o sonho ou a promissória?  
Quem te fez espalmar a mão como inocente  
e a cabeça baixar como culpado?

Ó tempo  
ó dimensão do exílio e da orfandade  
e se não digo eterno,  
quase eterno,  
deixai toda esperança  
"voí che entratte"

(A Linha Imaginária)

---

## É A MORTE QUE VAI CHEGAR DA IMENSIDÃO DOS MARES

Meu Deus é a morte que vai chegar  
na estranha voz dos velhos sinos,  
é a morte que vai chegar das regiões eternas  
enquanto eu vigiava as pálidas estrelas.  
É a morte que vai chegar da imensão dos mares,  
é a noiva esquecida sob a velha mangueira  
que entrou inesperadamente pelas janelas abertas.  
Estou sentindo os seus passos ecoando  
pelos corredores escuros,  
estou sentindo suas mãos geladas pousadas nos  
meus olhos  
e o frio que de repente entrou na minha alma.  
Estou sentindo as minhas mãos trêmulas e  
hesitantes,  
a inutilidade das minhas súplicas  
e o rosto iluminado da bem-aventurança dos que  
morreram  
sem pecados.  
Estou sentindo o perfume dos lírios,  
das rosas encarnadas,  
o pavor do silêncio nos olhos das adolescentes,  
de vós todas que amei no princípio das cálidas  
manhãs.  
Estou sentindo a casa ensombreada  
pelas panarias negras,  
o choro convulsivo das mulheres piedosas  
sob a luz bruxuleante das velas.  
Estou sentindo sobre o rosto imóvel um bafo de  
oração,  
a ronda dos que amanhã me levarão para o  
esquecimento  
pelos mesmos caminhos onde andei descuidado  
à procura de todos os amores.  
Meu Deus é a morte que vai chegar tão cedo das  
alturas,  
é a morte que me vai levar tiritante pela  
madrugada  
na hora em que os amantes procuram  
no calor das alcovas.  
É a morte que vai chegar com o seu manto de  
trevas  
sobre o meu pobre corpo ensangüentado.

## **RUY BARATA MORREU ONTEM EM SÃO PAULO**

Morreu ontem, em São Paulo, aos 69 anos, o poeta, professor, compositor e ex-deputado estadual Ruy Guilherme Paranatinga Barata. Ele estava em São Paulo fazendo uma pesquisa sobre a viagem empreendida a Belém pelo escritor Mário de Andrade, em 1924, que seria incluída em um livro sobre os anos 20, a ser publicado pela Editorial Cejup. Ruy Barata submeteu-se a uma operação no Hospital Santa Rita e morreu de embolia pulmonar, consequência de efeitos colaterais da anestesia. Dentre dezenas de músicas, Ruy Barata compôs, em parceria com o filho, Paulo André, "Foi Assim", primeiro sucesso nacional da cantora Fafá de Belém. Nascido em 1920, ele faria 70 anos no dia 25 de junho e lançou seu primeiro livro em 1943, pela Editora José Olímpio, "Anjo do Abismo", com 24 poemas escritos no período de 1939 a 1942. O enterro do poeta sairá hoje, às 11:00 horas, da Assembléia Legislativa. (Pág. 10).

(Transcrito do jornal "A Província do Pará" do dia 24/04/1990) —

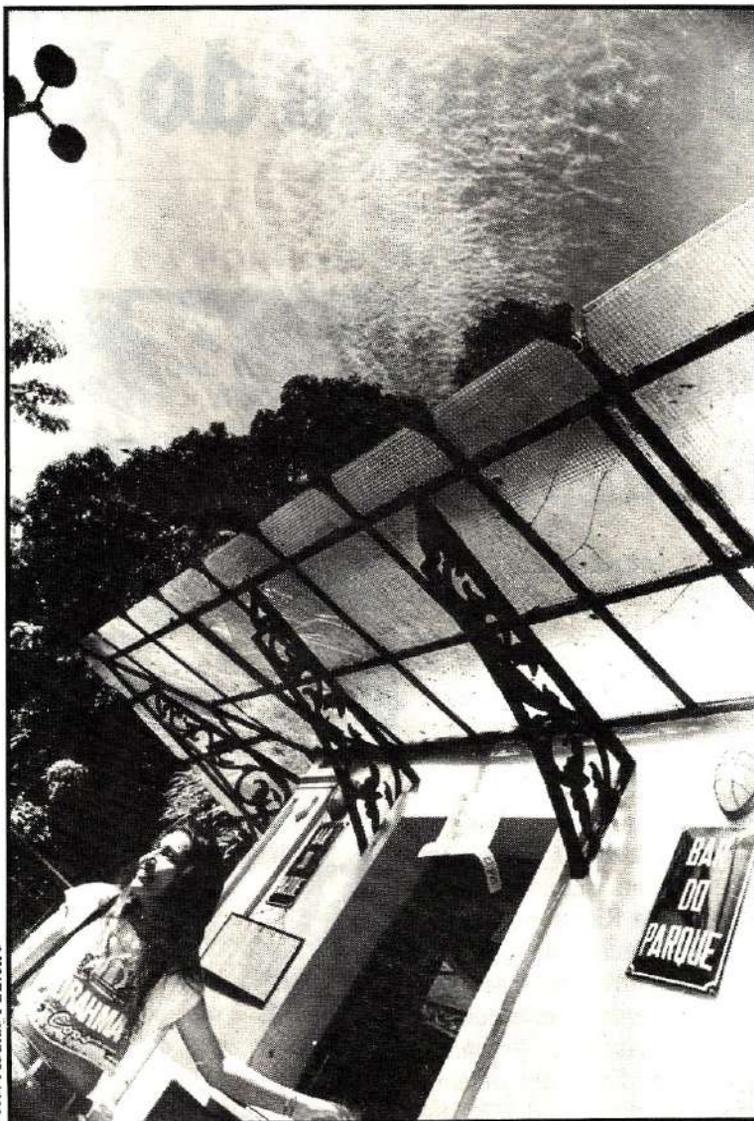


Ruy Barata, professor, compositor, poeta e ex-deputado

*terei parte desta terra  
por onde meu nome foi*

*Ruy Guilherme P. Barata*

Foto: Abdias Pirheiro



Exilado entre mesas, arquipélagos  
de um mar de vinho e música  
o Poeta celebra

- oh! anjo dos abismos-  
com seu riso feroz  
e claras odes,  
a linha imaginária onde navega  
entre Penélope e Circe repartido,  
em maiandeuas de sonho  
em afogadas ternuras  
em espumosos versos:  
cânticos calados.

(trecho do poema "Bar do Parque revisitado", de João de Jesus  
Paes Loureiro, onde surge a figura ímpar do Paranatinga).  
(em Paranatinga - Alfredo Oliveira)

---

## CITAÇÕES

---

"Um não sei que de saudade doendo. Uma saudade sem tempo ou lugar. Uma saudade querendo, querendo. Querendo ir e querendo ficar..."

*Uma saudade que completa um ano. Uma saudade que não se acaba; que não esquece os teus versos; que não te esquece jamais...*  
(Rose Silveira - em O Liberal - 23/04/91)

*"A poesia de Ruy Barata é uma poesia identificada com a América Latina, com o Terceiro Mundo, produzida no seio de uma intensa militância política. É uma poesia sem fronteiras - política e lingüística que revela o homem cantando a liberdade (Me trae una Cuba-Libre), denunciando a repressão (Canção do poeta vigiado pela policia), gritando de dor (Canto fúnebre para Lumumba, Canção do guerrilheiro torturado)."*

(Telma Lobo. 1ª edição de Paratatinga de Alfredo Oliveira)

*Ruy Barata - um raro poder da palavra (em fogo, em flor) a adensar-se numa solidária e generosa visão do mundo. Poucos, pouquíssimos, poetas o são ou, na definição de Paul Valéry, podem, de verdade, sê-lo, e em qualquer língua.*

(Acyr Castro)

*"O bar recolheu suas mesas, a noite já não está mais interessada em prolongar-se, a poesia pensa-se ensurdecida, falta-nos sua voz."*

(Bel Fares)

*"Aproveito a data do aniversário do Ruy para oferecer em sua memória essas tardes tão quentes e tão bonitas de junho. De verdade, lamento que ele tenha publicado tão pouco numa época de tanta publicação. Mas estamos todos esperando pelo estudo de sua obra a ser feita pelos professores Francisco Paulo Mendes e Joaquim Francisco Coelho".*

(Maria Lúcia Medeiros)

*"O Ruy era poeta em tempo integral, com direito à gratificação por dedicação exclusiva."*

(Chembra Bandeira)

*"O conceito de regionalismo deve ser eminentemente político, remetendo para a dialética do oprimido e do opressor, da periferia e do centralismo, sem deixar de lado as dicotomias regional e universal. As desigualdades regionais não se caracterizam somente pelas diferenças econômicas, mas também por questões de ordem política, cultural e educacional. Foi sob essa ótica que Ruy Barata escreveu, assim com Garcia Marques, Guimarães Rosa, Benedicto Monteiro, Nazareno Tourinho, Haroldo Maranhão e Dalcídio Jurandir.*

.....

*Ao cantar em verso a história do oprimido, Ruy Barata, o mais latino dos poetas parenses, dá continuidade a essa tradição comum entre o Pará e os países da América Latina, aproximando-se dos escritores cubanos e das Antilhas."*

(Meirevaldo Paiva - em O Liberal 17/02/91)

*"O Ruy foi uma pessoa, gente que nos deixava a sensação de termos chegado atrasados para conhecê-lo. Ao mesmo tempo dava chances para todos sentirem-se ao lado dele".*

(Camilo Balduino)

*"Em "Esse rio é minha rua", Ruy presta, através de citação quase que direta, uma homenagem a Raul Bopp; o primeiro verso da música é igual ao de "Esse rio é nossa rua" do "Cobra Norato". Mas os caminhos de Ruy eram mais largos que nossos rios e nossas mais largas avenidas".*

(Carlos de La Rocque Leal - CARTAZ - em O Liberal - 30/01/93)

# O AMAZÔNICO EM “ESSE RIO É MINHA RUA”, DE RUY BARATA E PAULO ANDRÉ

Rosa Assis

Professora dos Cursos de Letras  
e Relações Públicas da UNAMA.

## *Esse Rio é Minha Rua*

Ruy Barata e Paulo André

Esse rio é minha rua,  
minha e tua mururé,  
piso no peito da lua,  
deito no chão da maré.

Pois é, pois é,  
eu não sou de igarapé,  
quem montou na cobra grande,  
não se escanCHA em piraqué.

Rio abaixo, rio acima,  
minha sina cana é,  
só em falá da mardita  
me alembrei de Abaeté.

Pois é, pois é,  
eu não sou de igarapé,  
quem montou na cobra grande,  
não se escanCHA em piraqué.

Me arresponde boto preto  
quem te deu esse pixé  
foi limo de maresia  
ou inhaca de mulher.

Pois é, pois é,  
eu não sou de igarapé,  
quem montou na cobra grande,  
não se escanCHA em piraqué.

Vários momentos da infância de Ruy Barata foram vivenciados no interior paraense, mais precisamente em Óbidos, e, em Santarém, sua terra natal. Embora morasse e estudasse em Belém, as férias escolares as passavas junto do povo, no meio da gente simples e, entre os rios Amazonas e Tapajós, local de suas brincadeiras, e conforme afirmou a Alfredo Oliveira: “- Quando garoto tinha, em frente, dois rios - Amazonas e Tapajós - para onde canalizava as minhas brincadeiras. O rio era o meu parque de brincar”. (Paranatinga, Belém, CEJUP, 1990, p. 19). Mais tarde, este ambiente serviria de cenário para algumas de suas composições populares, que as fazia, quase sempre em parceria com seu filho-amigo, Paulo André.

Naqueles lugarejos interioranos, viveu Ruy intensamente, e o rio, palco de suas diversões e peraltices de menino, era, portanto a sua rua, - “Esse rio é minha rua”.

Sua música popular, sempre carregada de emoção e sensibilidade em relação às coisas da Amazônia e, em particular, às do Pará, fizeram de nosso compositor um nome singular no cenário musical dentro e fora do Brasil.

Esse rio é minha rua foi música feita, inicialmente, para servir de trilha sonora, ou trilha musical à procissão fluvial que aparece no filme *Os brutos inocentes*, do cineasta Líbero Luxardo, filme este gravado na fazenda “Aquiqui”, de Michael Silva, no Baixo-Xingu. Depois de terminada a gravação do filme, esta música ganhou novo rumo, e o que era inicialmente um “cântico religioso” cedeu lugar ao profano, transformando-se em carimbó.

Nessa composição, a presença da fala cabocla, da fala interiorana e da fala do homem simples da periferia da cidade mostram a acuidade de Ruy, no trabalhar com as palavras, num ofício de artesão - “- Procuro fazer a letra como um

*carpinteiro faz uma mesa*" (Paranatinga, op. cit. p. 41). Assim, demonstrou ser para nós, não apenas um compositor-artesão, mas também, um garimpeiro, ou melhor um sensível "gapuiador" da vida amazônica, de nossos costumes, de nossas lendas e fantasias, de nosso folclore, enfim. Transformou tudo o que viu da sua rua, Esse rio é minha rua, tomemos a repetir, em carimbó e a Amazônia acabou correndo "rio abaixo", "rio acima".

Ao explorar fortemente o regional, é como se aflorasse uma perfeita e harmônica empatia do povo com a música popular do nosso compositor santareno. É a gente do povo que canta e se encanta com as suas músicas, encontrando-se no meio delas, ora no interior, ora na capital, ora no centro ou na periferia... O documento, certamente, mais fiel do que acabamos de dizer está no *clip* montado para *Esse rio é minha rua*, e divulgado em algumas emissoras de televisão, onde se observou, nitidamente, que o próprio povo, caminhando sobre as estivas, no Igarapé Tucunduba, canta com Paulo André, ao longo do caminho que este percorre.

É Ruy quem já afirmara ser um letrista paraense (Paranatinga, op. cit. p. 45) voltado para o nosso falar. Sua música é a música popular da Amazônia, com suas peculiaridades regionais. Assim, aqui e acolá, percorrendo sempre rios e igarapés da Amazônia expressou o amazônico e o fantástico conforme se pode captar nos exemplos extraídos da letra da música em foco, cujas palavras representam tudo o que acabamos de dizer - o "mururé", a "cobra grande", o "puraqué", o "boto preto", o "igarapé".

Como se isso não bastasse, Ruy ainda explorou palavras e expressões, que, se não amazônicas, populares, como escanchar, em "não se encanchar em puraqué", ou a imagem poética *peito da lua*, em "piso no peito da lua", sugerindo a idéia de parte central, de coração, e mais *chão da maré*, em "deito no chão da maré", cujo sentido lembra terreno à beira-mar, à beira-rio, praia, em que se parece sentir o fluxo e o refluxo da maré, conforme a influência da Lua sobre as águas. E a lua no mar, é a maresia, é a maré a balançar a nossa imaginação e o nosso corpo, é o sacudir do samba, é o rebolar das águas do mar, é o carimbolar.

Outra peculiaridade na escolha da palavra exata feita por nosso Ruy, foi a opção pelo termo *cana*, em "minha sina cana é", em vez de *cachaça*. Embora ambas destilem o mesmo

significado, não tinham, inclusive, para o nosso compositor o mesmo sabor. *Cana*, enquanto gira, proporcionou ao contexto não só mais melodia e ritmo, como também tornou-o mais familiar à fala do povo, à língua do povo.

O tom olfativo (e quiçá(?) gustativo, sensual que o carimbó suscita em quem o dança ou o aprecia de perto), tão bem sentido e percebido pelo saudoso Ruy, e explorado pelas palavras "pixé", "inhaca", "maresia", "boto preto", acabou exaltando e exalando o cheiro do nosso povo, suado e suando, que está ali, no rio ou na rua, na maré ou no igarapé.

Ruy não parou, nadou mais profundamente, ultrapassou peraus e veio, novamente se encontrar com o homem simples, humilde, não-escolarizado, semi-analfabeto da periferia da cidade, fiel ao seu próprio modo de ser e de falar, quando nos diz "me alembrei de Abaeté" e "me arresponde boto preto", evidenciando as formas protéticas que também caracterizam o nosso brasileiro, com sabor de arcaísmo (Ver ELIA, Silvio, *Ensaio de filologia*, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1963, p. 105) a exemplo do verso de Camões, em *Os Lusíadas* - "Que outro valor mais alto se alevanta" - (CAMÕES, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, p. 9).

Também manifestação bem ao gosto da fala popular - "as palavras nascem da boca do povo" - (Paranatinga, op. cit. p. 42) é a preferência pelo emprego do R em vez do L, em posição final ou medial, que nos transmite a impressão de mais um tom de conversa, de fala, de descontração, como se verifica em "ou inhaca de mulhé" e "só em falá da mardita", tão bem dita pela boca do povo. Ruy Barata, como poucos, captou tão bem as peculiaridades, as nuances, manhas e manias da vida do amazônida, tornando difícil aos ouvintes não se sensibilizarem ou não se motivarem a cantar suas canções, porque nossas também.

Finalizando esse breve comentário sobre *Esse rio é minha rua*, relacionamos a seguir um glossário (extraído da própria letra da música) constituído de brasileirismos, ora da região amazônica como um todo, ora da região norte, em particular, os quais embora já registrados, nos léxicos gerais de nossa língua, assim como nos léxicos regionais, constituem fonte de consulta mais imediata ao ouvinte ou leitor não habituado ao rico e variado falar de nossa região.

---

## GLOSSÁRIO

- Boto-preto** - s.m. (*Sotalia fluviatilis* (Gerv) e *S. Pallida* (Gerv), tucuxi, denominação dada a dois mamíferos, da ordem dos cetáceos, da família dos delfinídeos, da bacia amazônica e que tem o dorso preto.
- cana** - s.f. cachaça.
- cobra-grande** - s.f. boiúna. Figura lendária que provoca assombrações e persegue as embarcações que viajam no rio Amazonas, fazendo-as virar, e ainda leva os naufragos para o fundo dos rios, segundo a crença popular. Senhora das águas; planta de cor verde-amarelada de folhas de tamanho médio a grande, que se desenvolve tanto na água como na terra, sendo que, muitas vezes, assume a forma de trepadeira em árvores longas, assemelhando-se aí, a um parasita.
- igarapé** - s.m. canal ou estreito natural situado entre duas ilhas ou entre uma ilha e terra firme.
- inhaca** - s.f. bodum, catinga, mau cheiro.
- mururé** - s.m. (*Brosimopsis acutifolia* e *B. obovata*) designação comum a duas árvores da família das moráceas, da floresta pluvial, que têm receptáculos unissexuais, lenho sem cerne e látex de sabor amargo.
- pixé** - s.m. mau cheiro.
- puraqué** - s.m. (*Electrophorus electricus* L.) peixe elétrico, seu sistema sensorial é muito desenvolvido na região cefálica. Gera descarga elétrica.

# O NATIVO DE CÂNCER: TRAVESSIAS DE UMA POÉTICA AMAZÔNICA

Excerto do ensaio sobre a poesia de Ruy Barata apresentado nas Universidades de Mainz e Hamburgo, na Alemanha; maio/junho de 95.

**Maria Lúcia Medeiros**

Professora do Centro de Letras da UFFa. Autora de *Velas por quem; Zeus, ou a Menina de Óculos, e Quarto de Hora*

## Literatura Latino-Americana "Deculturação" e Ruptura

Os povos do continente americano, submetidos a um demorado processo de colonização, ainda que permanecessem habitando seu mesmo espaço geográfico, foram como que arrancados do seu tempo cultural. A dominação externa, impondo modos e estilos de vida diferenciados, levou o continente colonizado ao quase abandono de seu patrimônio cultural. Novas maneiras de falar e agir promoveram os efeitos mutiladores de sua identidade. É verdade que existem aspectos diferentes entre as colonizações espanhola e portuguesa. Na chamada América espanhola, os povos já possuíam um certo grau de concentração urbana. Desde os primeiros desembarques dos colonizadores espanhóis, embora de nível tribal (Inca, Maia, Azteca), já existiam cidades com mecanismos de vida e de cultura um tanto complexos. Diferentemente, os portugueses encontraram - e é o caso brasileiro - um vasto território, habitado por tribos demograficamente rarefeitas, de relações sociais bem mais simplificadas. Mas se os aspectos foram diferentes, a progressiva "deculturação" do colonialismo foi e continua sendo comum a todo continente americano - e este é o traço que ainda une todos os seus povos. "Só através de um esforço deliberado e conduzido estrategicamente" - diz Darcy Ribeiro, - em seu livro "As Américas e a Civilização" - "torna-se possível a ruptura dessa cadeia auto-perpetuante de dominação".

Em "O Nativo de Câncer", vemos uma linguagem, como que um instrumento deliberado, não de proposta de retorno ao tempo cultural, mas ricamente descritivo da "deculturação". É se a poética de Ruy Barata não propõe um retorno, a linguagem por ele utilizada, justapondo dialeticamente expressões de culturas em choque,

parece indicar uma resistência ou, no dizer de Darcy Ribeiro, "a ruptura desta cadeia auto-perpetuante de dominação".

Lírico com feição e força de épico, O Nativo de Câncer se propõe a contar a história de uma cultura violentada. Propõe-se a questionar essa cultura em face das invasões de culturas estranhas que a fragmentaram, emprestando a cada pedaço coloração e forma diversos a ela, ornamentos indispensáveis mas de valor duvidoso, como os colares de contas de vidro que substituíram aqueles feitos das sementes arrancadas da terra.

O Nativo de Câncer se propõe a cantar o homem e seu continente com uma força só avaliada pelo multissignificado da linguagem utilizada, importantíssima para a apreciação da obra.

Dez cantos formam a primeira parte do O Nativo de Câncer.

O Canto I é formado de 17 (dezesete) versos livres e apresenta como peculiaridade primeira a ausência de pontuação. Devemos ver essa peculiaridade como a colocação do pensamento do poeta de maneira compacta, bruta, não lapidada, sem preocupações de arrumar ou separar dando feições frasais.

Os 17 (dezesete) versos que compõe o Canto I serão a síntese do pensamento poético. Nesses 17 versos encontraremos todas as camadas que comporão a camada mais profunda. Apenas sete verbos sustentam a ação dos 17 versos e a ausência de vírgulas e do ponto é preenchida no que tange ao equilíbrio frasal, com conjunções (2), pronomes indefinidos (2) e raras preposições.

Dessa maneira o Canto I nos afigura como o próprio novelo de onde arriscaremos desenrolar os 17 versos que refletem a idéia primeira da composição da obra, como um consistente bloco de palavras e pensamentos que permitem ao crítico a liberdade de arrumá-los convenientemente de acordo com a compreensão do leitor.

À maneira de um enunciado, os 17 versos que formam o Canto I serão decompostos nos nove cantos que se seguirão. Daí porque emprestamos a eles a idéia de bloco, novelo, cujo intrincado mecanismo tentaremos penetrar.

Há que ressaltar ainda a natureza da linguagem apresentada nesses versos e nos demais. Simples e complexa com formações compostas, dualista e aliterada com a presença de inúmeros “desvios” da língua.

Ora, se dissemos acima que o poeta se propõe a desnudar o Homem Continental, despindo-o dos ornamentos emprestados por culturas outras e apresentando-o com remanescentes traços de uma cultura indígena, é evidente que logo no Canto I, aflore essa idéia. A utilização de vocábulos e expressões regionais com personagens mitológicos, inicia o dualismo e o grande conflito que condicionará o poema que, ora tenso, ora de lirismo derramado, seguirá seu curso.

O abandono da pontuação - que não quebra o ritmo dos versos - e a mistura de termos por justaposição - que não rompe a unidade da proposição poética - são os dois elementos que compõem e constroem todo o poema. Mas não constituem elementos puramente formais. Eles têm sentido e adquirem intencionalidade como um todo.

O abandono da pontuação implica mistura justaposta de termos, ora evocando a linguagem “nativa”, ora imprimindo expressões “alienígenas” - tudo como se esses contrários semânticos contivessem um processo de resistência e investida entre duas culturas: a dominante e a dominada. O Canto I possui uma forte expressão dessa dicotomia.

Nesse mesmo Canto I, o mais significativo porque o mais denso, parece residir o ideário poético de O Nativo de Câncer. Decompondo-o em partes - procedimento em cortes analíticos - e reagrupando depois as partes decompostas, num processo de síntese, o que se obtém parece indicar o núcleo da obra e de onde se desdobram os demais cantos.

O Canto II é o que apresenta maior intensidade lírica e maior acúmulo de regionalismos e vocábulos indígenas, derramados nas oito estrofes que o compõem.

A musicalidade é o sustentáculo desse lirismo e nasce da aliteração dos versos, abundante nesse Canto II.

Registra-se também a presença de inúmeros “desvios” da língua, vocábulos que num processo, ora de decomposição, ora de aglutinação e justaposição reforçam a idéia de ruptura com a ordem lógica da linguagem normativa.

É a quebra da linguagem padrão uma maneira de expressar a idéia de “invasão” cultural ou, melhor dizendo, de “deculturação” processo que, a partir da segunda estrofe, começa obedecendo a um quadro de linguagem mais simplificada à proporção que o Poeta mergulha num lirismo mais fundo em direção no “mágico” nativo.

*“Istium é este. é mais alguns”*

mostra a corruptela (*Istium*) do pronome este, mostra quase uma tradução direta do regionalismo (*“Istium é este. é mais alguns”*).

A gradativa simplificação da linguagem denunciadora da deculturação faz emergir (na terceira e quarta estrofes) vocábulos tais como *rio. água. campos. mugidos. barcarenas etc...* na reprodução de uma realidade amazônica para alcançar em seguida o mágico indígena, o tempo lunar indígena (Ci) em tons denotativamente tristes.

*“amor é meses-mares ciregendo”*

A utilização de prefixos justapostos aos verbos no gerúndio e participio, prefixos homófonos, alternados, repetitivos e ligados ao vocábulo AMOR embora leve o leitor a interpretações diversas, como, por exemplo, analogias com:

- a) Ci - a lua, contagem do tempo lunar  
*“amor é meses-mares ciregendo”*
- b) Ci - a lua, um tempo de amor  
*“amor é sipartindo e cichegando...”*
- c) Ci - a lua, um tempo de dor, infinito  
*“amor é simorrendo e cimorando...”*
- d) Ci - a lua, um tempo de dor, finito, acabado  
*“..... cisofrido .....cimorrido...”*

ou então:

Que a utilização do Ci e Si indiscriminadamente, mostre o poeta a usufruir da função libertadora da poesia, valendo-se de uma mesma idéia facilitada pela homofonia do prefixo.

ou ainda:

Que a utilização do Si indique simplesmente o pronome reflexivo, pessoal, compondo com o

significado mais profundo do prefixo Ci como a origem de tudo, no mítico indígena.

ou ainda:

Si - Última nota na escala musical, a nota mais alta - utilizada para reforçar a musicalidade do poema, não deve ser, acreditamos, desligada de uma idéia mais profunda, mais abrangente, ou seja, a força, a grandeza do sentimento telúrico ameaçado, invadido, separado, uma imagem enfim de fragmentação ou de morte, desse sentimento que pode estar contido na sétima estrofe e mais claramente nos dois últimos versos:

*"amor de eme urdido e eme atado  
amor de môr amor, de amor  
talhado..."*

Esse amor pleno, universal, amor pela terra, o amor do nativo amazônico ou do próprio "nativo de câncer" particularizado ou concentrado no próprio poeta.

*"E tudo amor, amor, de erre  
aspado..."*

("R"=Rui)

Da mesma maneira devemos entender outro prefixo usado no segundo verso da sétima estrofe, o prefixo Sol, que ora pode significar o astro rei em oposição a Ci, a Lua, ora pode estar reforçando a musicalidade (Sol - nota musical), ou ainda, e talvez com mais propriedade, revele a ardência desse amor pela terra (ensolarada), fundido, soldado, ligado à própria terra.

*"amor em sol-soldado e sol-soldado"*

A última estrofe do Canto II sai em busca de uma visão mais possessiva num recurso curioso de constatar uma espécie de violentação sofrida pela cultura nativa. Nesse canto, nos parece, a intenção do Poeta é:

- 1º - Cantar o encontro das culturas em detrimento da cultura nativa
- 2º - Cantar a terra nativa com extrema beleza
- 3º - Dar uma visão progressiva desse encontro e dessa violentação humanizando a terra para reforçar a dor da "invasão" praticada pelo colonizador.

O Canto III vai mostrar o resultado dessa invasão, ou seja, as marcas dessa invasão: o

nativo a carregar na carne o estigma que passará às gerações seguintes

*"linhagens de nódoas e borrões"*

Há também a evocação de um passado histórico, um legado de sangue e dor dentro de uma atmosfera toda tropical, nativa, aromatizada.

*"onde goivam charruas e legumes  
maduram  
e pomos se antecipam em resinas e  
cuspos..."*

*"Garças... várzeas várzeas..."  
"pernaltas e grotões proas proagens...  
em cardumes, em frutos, em  
manadas..."*

A visão dessa natureza tropicalíssima avança no poema e penetra no Canto IV que responderá no contexto pelo começo da gradativa assimilação da cultura do colonizador, maculando a pureza do nativo, "comércio de fel" de que fala o poeta.

Importante atentar para imagens fragmentadas, evocadas para medir a assimilação de que falamos: astrologia, mitologia, língua, em mistura intencional agressiva quase impossível. O mundo do colonizador denunciado pelos opostos "aqui" e "além"

*Aqui semanas-sendas  
risos-maio  
Além ditongos, dunas, dinossauros  
manuscritos de Kid, rosa-rosae*

e que na expressão "conjugando discórdia" reforçam sua intencionalidade, alusão ao impossível entrelaçamento.

O Canto V reflete a própria ruína da cultura nativa, em lirismo fundo de reflexão em face da realidade. Versos interrogativos nas quatro estrofes desse canto onde é visível um estado quase moribundo da cultura nativa.

O Canto VI é resistente, é o canto da terra, o grito do nativo a protestar o seu "brasão traido", o seu destino, o legado que não pôde resguardar.

No Canto VII a resistência e o vigor começam a decrescer, a enfraquecer para que cresça idéia de perda e de dominação, em língua estranha, inglesa, como a refletir assimilações outras para mostrar a "deculturação".

A utilização da figura do CÃO no sentido existencial e o emprego de verbos como *coser*, *reunir*, *parir* e *cozicar* indicam tentativa de unir o

desunido, atar o desatado, idéia que RB nos oferece através da figura do CÃO (Homem, perdedor, sofredor) toda fragmentada (mandíbula, cauda, pata, sarna) e a tentativa vã de "cozicar" o destino.

O Canto VIII traz intencionalmente toda primeira estrofe em francês e latim a reforçar, pelo biligüismo, as sucessivas dominações da terra e ironiza através do latim a dominação religiosa.

Novamente as recordações pessoais atravessam o poema, misturam-se ao canto do nativo. A presença de entidades mitológicas liga-se ao cotidiano do poeta na evocação de um tempo mágico.

*"Às quartas rezava-se o terço  
Por las dolores del mundo  
enquanto Tetis e Maria de Alvarez  
dialogavam..."*

Aqui, a figura de Tetis permuta com Maria de Alvarez (espanhola e ligada à infância do poeta) o real e o mito numa possibilidade só conseguida através do sonho da Poesia.

O Canto IX repete a imagem da nau (que percorre o poema inteiro) que enfim aporta à maneira de Ulisses e reclama toda uma origem das primeiras civilizações.

Invocando Alcino e Odysseus numa visão da ilha de Tisbe chega o nativo, o que foi salvo das águas, o Nativo de Câncer.

O Canto X que encerra o poema conserva a intenção do canto anterior no que tange às evocações de entidades mitológicas como a refletir as primeiras civilizações. No entanto, nos parece, que a mais importante colocação está na figura do CÃO e do GATO, inimigos, opostos, dispares a quem o poeta chama "*o demônio parêlo*" para, em seguida, consolidar o incesto, significando junção absurda e impossível.

*"estrutura de amor, rosna o bastardo  
ganha um porto de mar, arde o  
alambrado  
onde núncio cantei o cão e o gato".*

## CONCLUSÃO

O Nativo de Câncer é um poema onde a linguagem tem a maior importância e nos enreda pelos maravilhosos caminhos de uma realidade continental.

Um poema que rompe com a normatividade da linguagem estabelecida e a transforma, utilizando sua funcionalidade na substância plástica do próprio poema.

Aglutinada? Descontínua? Aliterada? Interrompida? Justaposta? Lírica? Erótica? Mítica?

Sim. Porque sua função é também visual. Porque contém a história de um continente, e sua cultura e realidade. Uma linguagem de "ruptura" que acompanha a própria "ruptura" da temática em relação aos gêneros estabelecidos.

Nada mais lúcido no poema do que o Canto I e sua característica maior, de acumulação.

Linguagem acumulada, temática concentrada onde as preocupações legendárias, históricas, biográficas, regionalistas e mitológicas, transparecem na tentativa de traçar um roteiro dos estágios da cultura do nativo sulamericano e amazônico.

O estilo descontínuo e a linguagem de "ruptura" mostram o elemento fantástico comum ao texto literário latinoamericano. Quando RB diz no Canto VIII

*"às quartas rezava-se o terço  
por las dolores del mundo  
enquanto Tetis e Maria de Alvarez  
dialogavam..."*

assemelha-se ao realismo fantástico de Juan Rufo ou de Gabriel Garcia Marquez liberado pelo descompromisso com os padrões logicistas na unidade tempo/espço.

A falta dessa unidade tempo/espço se apresenta na proposição poética de RB substituída por uma unidade (deculturação) mais significativa que, como toda unidade, é composta por elementos contrários, a razão primeira da dinâmica da temática.

RB consegue, sem dúvida, um discurso poético, uma riqueza dialética porque o Nativo de Câncer é a saga do nativo amazônico que entre lendas e mitos canta a sua terra.

# PARANATINGA, O NATIVO DAS ÁGUAS NA "RES" DA BRASILIDADE

José Guilherme Fernandes

Professor de Fundamentos da Linguagem  
na LEPA. Mestrando em Teoria Literária

*"Se morrer, nesta vida, não é novo  
Tampouco há novidade em estar vivo"*  
(Vladimir Maiakóvski)

*"O tempo tem tempo de tempo ser,  
o tempo tem tempo de tempo dar,  
ao tempo da noite que vai, correr,  
o tempo do dia que vai chegar."*  
(Ruy Barata)

## 1. UM INTROÍTO

"Disque"<sup>(1)</sup> nos rios e nas regiões do Salgado<sup>(2)</sup> crianças desaparecem e retomam aos 15 anos como pajés. Durante esse tempo, no fundo dos rios, aprendem todo o conhecimento da "Gente do Fundo" e a manipular todas as espécies de remédios com plantas nativas. Mas para voltar à forma primitiva, deverá ser tirado o sangue do "encantado" e cumprido o ritual das Oiaras. Seres disformes e que assumem várias feições, as Oiaras representam a sabedoria da natureza amazônica, que precisa ser do fundo retirada e posta em prática.

Esta narrativa mítica é o princípio para o desenvolvimento de nossa sabedoria literária, que deve vir à tona e não ser o tronco submerso para o encalhe da cultura.

A história da caminhada brasileira em busca da autêntica literatura fatalmente vai de encontro à modernidade, porque essa história é a história da libertação do colonizado frente ao colonizador, é a ruptura entre antigo e moderno, em que colisões acontecerão e surpresas talvez com maior frequência.

A procura pelo abeberar-se na fonte dos igarapés é feita do maguear o rio, do romper o espelho das águas e do tirar do fundo o nativo para o "desencantamento". A trajetória do nativo das águas é a própria trajetória de Oiara.

## 2. NA MARGEM DO RIO

Desde o surgimento das academias no Brasil do século XVII e XVIII, desenvolveu-se um sentimento de emulação perante a metrópole, redutos de uma intelectualidade que se via como "vanguarda" (mas caberia o prefixo "pseudo"), em nada perscrutaram a sociedade e a cultura nascentes, e não estabeleceram a "dúvida metódica", como, incrivelmente, o antecessor Gregório de Matos fizera. Antes foram o certificado do "establishment" que procurava ratificar-se por estas plagas. Ao procurar ser superior aos de além-mar, a intelectualidade tupiniquim desenvolveu a ótica etnocêntrica lusitana, fechando-se nos feudos das academias e pregando uma "literatura" de louvação e celebração (vide Basílio da Gama e Santa Rita Durão), não a dialética, mais compatível a um país que se via formado como uma colcha de retalhos. Esta visão só mais tarde irá aparecer, por ocasião do movimento modernista de 20 que, querendo minimizar as perdas da história, retoma valores do quinhentismo: a antropofagia e o pau-brasil.

A deturpação da realidade da "terra brasilis" vem desde Pero Vaz de Caminha, que, ao vender o exotismo telúrico, foi o iniciador da visão do Paraíso Terreal: a fartura de caça e frutos,

1) Termo muito usado na Amazônia proveniente da contração de "diz-se que" ou de "dizem que".

2) Microregião do norte paraense.

totalmente diferente dos europeus; os odores e os sabores novos; a nudez erotizante do selvagem bem como a sua aparente inocência e hospitalidade: enfim, fatores que por muitos anos, e até recentemente, consagravam a imagem baconiana do Brasil. Isso até o "Sul Maravilha" não se tornar uma grande Chicago, com sua violência organizada. Com isso, a Amazônia passou a ser o Brasil e a ocorrência...; bom, essa história fica para depois.

O certo é que depois de Caminha e das Academias, vamos deparar com o primeiro grande momento em que, conscientemente ou, pelo menos, intencionalmente, proclama-se a liberdade para fazer-se uma literatura nacional. Não resta dúvida a importância desse movimento, mas, como Baudelaire já manifestara, não há lacunas nas transições e, desse modo, a vanguarda romântica brasileira sofreu a sua própria verborragia. Transformar uma maneira de pensar e agir é transformar a própria linguagem e não acrescentar ao texto vocábulos indígenas. A sintaxe romântica (a sintaxe responde pelo pensamento lógico) era lusitanizante; o índio era o bom selvagem, o europeu o travestido; os ideais eram o da burguesia: a família, o casamento a perpetuação das oligarquias. Ilustra bem aquele momento a *Canção do Exílio*: o poeta era alguém exilado e que, por isso, não vivenciava a realidade. Imputava ao universo visões ufanistas e, com isso, criava um simbolismo ou, ao menos, um pré-simbolismo, com arquétipos literários que foram retomados e parodiados pelos modernistas do século XX, como é o caso de Oswald de Andrade, no *Canto de Regresso à Pátria*:

*"Não permita Deus que eu morra  
Sem que eu volte pra São Paulo  
Sem que eu veja a rua 15  
E o progresso de São Paulo"*

Dessa feita, o poeta é aquele que não apenas observa mas também é participe das transformações da sociedade. Sem sentimentalismo, aqui não é somente o lugar das belas palmeiras, do canto exótico do sabiá, das flores cheias de vida. Aqui também se dá a agitação dos grandes centros financeiros, como é o caso da Rua 15, em São Paulo. A questão é deixar de ser o índio convertido em cristão e continuar a ser antropófago, o que tudo devora para apreender a multiplicidade dos tempos.

A exemplo do romantismo europeu, no Brasil essa fase demonstra o primeiro sinal de ruptura. A diferença se dá em relação com quem se rompe.

Na Europa, a literatura refletia a querela entre distintos segmentos sociais, ou seja, burguesia e proletariado, com suas ânsias, em um espaço urbano que se modificava e modificava o homem. O poeta, neste fogo cruzado, torna-se o filho pródigo e amaldiçoado, é o assinalado louco da imortal loucura. Deste lado do Atlântico, a ruptura é entre facções de um mesmo segmento social e o poeta, imbuído do nativismo, assume a bandeira dos daqui, em uma autêntica guerra do que "o meu é o melhor". O natural atraso de ideologias importadas faz com que as angústias baudelarianas só sejam sentidas ao final do romantismo oficial, com Castro Alves, por exemplo, e seus reflexos se entendam até o nosso simbolismo, momento em que no Velho Mundo as transformações na obra literária eram bem mais substanciais, atingindo não só sobre o que se falava, mas o como, ou seja, a própria estrutura da linguagem. E quando isso passa a acontecer é sinal que uma nova cultura e um novo homem surgem: para nós, é o modernismo que alumia, fazendo com que da margem do rio da literatura, rompêssemos o espelho das águas e alcançássemos o fundo.

### 3. INDO AO FUNDO

*"Coisas antigas, aparentemente há muito esquecidas, são preservadas dentro de nós, continuam a agir dentro de nós - frequentemente sem que a percebamos - e de repente vêm à superfície e começam a nos falar".*  
(Ernst Fischer, in "A Necessidade da Arte")

A segunda ruptura significativa entre Antigo e Moderno é a que origina a feição final da modernidade. No Brasil é a insurreição iniciada com a *Semana de Arte Moderna de 22*, movimento que vai ao fundo do há muito esquecido, trazendo-o à superfície para nos falar, conforme Fischer coloca acima. A releitura de nossa história, antes de ser a negação do passado, constitui a intertextualidade necessária à evolução das formas. A mistura do ontem e hoje determina o amanhã, que por mais divergências que haja guardam a sua característica primordial: a carnavalização. E segundo Oswald de Andrade: *"Nunca fomos catequizados. Fizemos foi carnaval"*. O carnaval das ruas e dos fatos, o movimento espiral da história em que a poesia e poeta não devem estar à margem: a poética maiakoviskana dos antipodas brasileiros.

No trajeto transatlântico de nossos modernistas, a figura do poeta francês Blaise Cendrars foi atuante. Com interveniência de

Paulo Prado, a geração de jovens poetas teve contato com a modernidade européia que fazia da hipérbole da viagem a busca e o encontro de si mesmos na modernidade. Cendrars cansado de atravessar sempre as mesmas europas, encontrou na dança da paisagem brasileira razões para os símbolos essenciais de sua poética: a roda e a torre. A torre não mais a de marfim, símbolo da clausura, mas a de metal, a revolução dos tempos. A roda como o poeta-viajor e como ele mesmo disse: "*Eu queria ser a quinta Roda do carro*".

A influência marcante de Cendrars sobre a juventude de 22 na figura do mestre, leva-nos a questionar se não foi sua a iniciativa de recuperar para a literatura traços nacionais até então considerados inferiores e, mesmo, apresentar nas obras traços ora rústicos ora urbanos. No Manifesto Pau Brasil mais claramente o percebemos: "*Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir*". Notamos mais uma vez a influência alienígena nestas plagas.

Mas nossos poetas de 22 tinham a consciência da vanguarda e da modernidade que atua com o objetivo de pesquisar e experimentar novas estruturas estéticas. Não tardou para haver a ruptura entre eles e Cendrars. Oswald de Andrade, mais tarde, o acusou de desviá-lo da autêntica orientação revolucionária, deixando-o em uma "*trincheira social reacionária*". É a confirmação que Andrade coloca no manifesto: "*o menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino*".

Era a confirmação da tradição da ruptura em nossos modernistas da primeira geração, talvez os que mais autenticamente foram modernistas, que só tenderam a radicalizar seus ideais: "*Só a Antropofagia nos une*", diria o Manifesto Antropofágico de 1928. É o sentimento da barbárie, que destrói, ou melhor, deglute para, na diversidade, construir a unidade.

As demais gerações receberam as conquistas da geração de 22, mas, talvez não ousaram tanto na relação antigo e moderno. Afinal, vinte e dois foi vanguarda. De qualquer maneira seu reflexo faz com que acreditemos que, hoje, o quadro que nos apresenta é o grande mosaico em que resultou os primórdios de nossa modernidade. Houve a progressão que é natural e que ciclicamente, como a natureza circular e espiral da poesia, tende a repetir a cena, voltando à baila "aquela vanguarda", resguardada a singularidade de cada espaço e tempo. É mergulho que se aprofunda e nos acha o encantado. Ruy Guilherme Paranatinga Barata é um deles que, com primazia e originalidade, fala da Amazônia, fala

Amazônia. Não é à toa sua grande simpatia por outro encantado, Mário de Andrade, e suas andanças por essas plagas, pesquisa que Barata, pouco antes de falecer se propunha a fazer. Podemos atar o fio da meada por aí dessas duas modernidades: a brasileira e, a que começa a se esboçar, a amazônica. E como um dos expoentes desta última Parantinga, o Nativo das Águas.

#### 4. O ENCANTADO E O CANTO

Ruy Guilherme Paranatinga Barata foi e, pelo menos através de sua obra, continua sendo um dos encantados da poesia. O pajé que veio das "profundas" e instalou a modernidade da poesia paraoara<sup>3)</sup>. Seu próprio nome traz essa identidade: PARANATINGA, na região, significa rio (paraná) branco (tinga) ou, como queiram, rio de águas claras. Sua relação com a Amazônia e elemento essente, as águas, é como se fosse predestinada. Isso sem falar que nasceu na esquina (ou "canto", como fala o paraense) dos rios Tapajós e Amazonas, na cidade de Santarém.

Filho de Alarico de Barros Barata, rábula de expressão na região, e de Maria José Paranatinga Barata, Dona Noca, que "*cantava como poucas pessoas vi cantar*". segundo o próprio Ruy, é fácil compreender o seu pendor para as letras e a música, ou, trocando em miúdos, a poesia. Poesia que se completa tenda no bojo, na bujarrona, o húmus silvestre dos "ianomaaas" (ou anagrama de Amazônia). A exemplo daquele povo indígena, que resiste como um dos últimos redutos de cultura nativa frente aos dogmas ditos civilizados, a obra de Ruy Barata, principalmente em sua fase final (antes de sua morte em 1990), demonstra quem atingiu a completude do cíclico, em que o novo é a reinvenção com os olhos que nunca viram a novidade no velho.

Isso tudo aliado ao fato de quem fala com a propriedade, de quem tem o conhecimento de causa: a poesia cabocla feita pelo caboclo "mocorongó"<sup>4)</sup>. Porque só podemos falar em literatura amazônica com o surgimento do homem amazônico, fruto de um lento processo de aculturação à terra, forjado com ela. Este, inclusive, já é um primeiro indicio de modernidade em Ruy Barata, a busca de uma expressão literária autônoma à literatura brasileira. É a fragmentação que, partindo do código literário nacional, busca redimensioná-lo ao universo amazônico: "*Eu sou de um país que se chama Pará*", diria na letra da música Porto Caribe, parceria com Paulo André Barata, seu filho e grande parceiro musical. Para Ruy Barata

3) Adjetivo que caracteriza o natural do Pará.

4) Nascido ou natural da cidade de Santarém, Pará.

"a chamada letra regional é sempre uma letra política" e completa:

*"O opressor sempre impõe a sua linguagem. O regional foge a essa imposição. Todas as minhas letras são políticas(...). Flagram uma realidade local e, necessariamente, não servem a qualquer regime".*

Nesse ponto, podemos compreender ser Ruy Barata um vanguardista. Não que tenha a preocupação única em romper, causar o choque. A cisão que sua obra promove é feita de um progressivo caminhar autônomo, pois a história dos homens (amazônida) é a história de sua própria linguagem. É a necessidade aludida por Ferreira Gullar:

*"O que move o artista é a necessidade de exprimir a sua própria existência (o que implica a das demais) e a sua visão da existência. Isso, evidentemente, impõe a reelaboração e modificação das formas."*

Acreditamos que essa reelaboração na literatura brasileira se deu em quatro momentos. Primeiramente quando da descoberta. É certo que Pero Vaz de Caminha e outros tantos cronistas de viagem não foram verdadeiramente literatos, mas o seu registro das condições primitivas de uma cultura nascente nos interessa "como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país"<sup>(5)</sup>. É como tema recorrente que se dá a importância da pré-história de nossas letras; como reação aos agudos processos de europeização que nossas raízes acudiram através das imagens dos próprios estrangeiros. Pois ali o fascínio de um ambiente totalmente diverso do europeu fez com que os cronistas se obnubilassem e surgisse a imagem do novo, na pena do próprio Caminha: "É em tal maneira é graciosa (a terra) que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem (...)". O segundo momento é o dos românticos, tendo a figura de Gonçalves Dias como expoente. Não foram, contudo, mais autênticos que os cronistas, pois estes impetraram um realismo sem pregas e aqueles foram "um pouco fantasistas". O seu valor está no campo literário quando pensaram mais intencionalmente em uma literatura autônoma. Mas a autonomia não afeta tanto a linguagem, que não rompeu além do campo vocabular. O terceiro momento é o modernista de 22. Este sim é o movimento derradeiro, como já vimos. O ímpeto da redescoberta deles fez com que cavalgassem de

norte a sul o país e, em uma de suas tantas paragens, viesse Mário de Andrade ao Pará. Aqui, podemos dizer, é que se dá o encontro de duas nascentes. Não que Ruy Barata tenha contactado pessoalmente com Andrade, mas na obra de Paranatinga é latente o veio modernista e, mesmo antes de sua morte em São Paulo, procurava naquela cidade a presença da Amazônia na trajetória andradina.

Com efeito, podemos dizer que o quarto momento é aquele emergente em Ruy Barata: o neo-modernismo amazônico, pautado em uma retomada mais acurada do nativismo, com olhos de quem viveu entre-rios e não precisou fazer uma viagem de redescoberta dessas plagas. Não que Ruy Barata não tenha sofrido influências. Como ele próprio admitia, Inglês de Sousa<sup>(6)</sup> foi uma de suas influências literárias, tal qual Maiakóvski, politicamente correto para ele. E ainda podemos avistar marcas nitidamente simbolistas em princípios de sua obra, como em Anjo dos Abismos. Mas o que nos leva a crer em sua originalidade é o fato de reelaborar o conhecido: "A realidade chega a mim e eu a recrio. A inventiva é fundamental", dizia. E é a realidade recriada, a compreensão da terra e do caboclo que pode ser em vista em Pauapixuna<sup>(7)</sup>:

*"Uma cantiga de amor se mexendo  
uma tapuia no porto a cantar,  
um pedacinho de lua nascendo  
uma cachaça de papo pru ar".*

Ruy busca, nesta letra, entender que o ritmo da vida na região é manso como mansidão das águas e nos lega um viver de prazeres baconianos: álcool, amor e música, porque estes são os nossos ingredientes. Por isso, é errôneo pensar que o caboclo é indolente porque gosta de sê-lo.

## 5. O CANTO DO ENCANTADO

Consideramos que o livro Anjo dos Abismos, o livro de estréia em 1943, e A Linha Imaginária, publicado em 1951, são obras de sua fase inicial, fase de descoberta da palavra enquanto poesia, talvez por isso encontremos poemas recheados de sugestão e simbolismos que beiram os "topoi" da literatura universal: anjos, noite, véus, céus, enfim, elementos correlatos, além da presença marcante da mitologia clássica. É um momento baudelaireano por excelência:

5) BOSI, Alfredo, 989, p. 15.

6) Inglês de Souza, escritor naturalista e precursor da literatura paraense

7) Pauapixuna é a região costeira do município de Obidos, no Pará

*"Esta noite chegarei diante de ti,  
nossas almas se confundirão na  
grande viagem,  
nossos olhos se alongarão ao  
paraíso dos símbolos  
onde nasce o grande mar das  
almas moribundas"*<sup>(8)</sup>

O excerto mostra a visão do poeta como o transcendente, o albatroz que realiza a grande viagem, mas é o moribundo incompreendido, a alma esfumada que vaga: "Ó sim sou eu por sobre as nebulosas / fantasma que povoa quatro mundos, / imagem perdida(...)", e conclui com aquilo que é a descoberta, a epifânia da poesia: "(...) e mais tarde encontrada / no limitado céu da poesia".

As recorrências na poética de Ruy Barata confirmam o que para ele era uma verdade: "Todos os poetas são somas de muitos poetas"<sup>(9)</sup>. Havia nele a consciência da intertextualidade na sua obra. Não negava a história sob o risco de não promover a "transgressão criadora da tradição" (segundo Eduardo Portella). E dizia: "O homem poeta é um ser profundamente conservador e preservacionista, ao estabelecer um permanente diálogo consigo e com suas origens"<sup>(10)</sup>. É o que podemos chamar de dialética do antigo e do moderno, que Ruy professava.

Para Ruy Barata, "a poesia não se faz com idéias e sim com palavras"<sup>(11)</sup>. Daí desde o início buscar aquela que oferecesse o mítico e o mágico. Era a busca da poiesis e esta sua fase, digamos, simbolista foi profundamente rica como exercício do poético. E ele atesta no poema Poema, presente no livro A Linha Imaginária.

*"A conspiração dos movimentos,  
a clausura da forma,  
as palavras apenas balbuciadas  
e já amadurecidas pelas experiências.  
Depois a sucessão dos dias  
- longos, intermináveis -  
os acontecimentos  
- cruéis e indecifráveis -  
os elos que te ligam ao destino de Tróia  
os cadernos escolares onde te antecipas  
ao tempo e te perdes entre mil sugestões"*

É evidente a identificação de Paranatinga e Baudelaire quanto ao trabalho do poeta, aquele que apresenta trabalho não à luz do dia, nas fábricas, nas construções. Sua força de trabalho é mental e consiste em decifrar "os vários homens

que existe em um homem"<sup>(12)</sup>. Seu trabalho é em surdina. "Ah o ofício, / as contorções da espera, / entre a noite e a madrugada!" (in Arte Poética - A Linha Imaginária). São suores noturnos pela espera da palavra.

Nessa fase, através de traduções de poetas estrangeiros, função para ele profundamente didática, contactou com nomes de expressão, dentro os quais Maiakóvski, que faremos questão de realçar em função da identificação de poética entre ambos. Tal qual o russo, Paranatinga foi poeta da vida, da boemia. Seus grandes vícios: o uísque e o cigarro. E logicamente as noites embaladas por uma boa música. Também foi militante comunista ativo, inclusive preso por ocasião do movimento militar de 64.

Aqui aparece a segunda vertente de sua obra: a poesia "mais" engajada. Fase de extrema importância, pois o ranço de intelectualidade é substituído por uma linguagem mais popular. É quando surgem poemas como Me trae una Cuba-Libre, em que a necessidade das nações livres e dos homens em liberdade mescla-se a reminiscências de seu próprio passado, sofrido na ditadura:

*"Vinte manhãs me matei,  
vinte manhãs quis matar,  
nos porões onde penei,  
Cuba me vinha acordar,  
me trae una Cuba-Livre,  
porque Cuba livre está"*

É quando percebemos também que sua linguagem configura-se mais solta às influências. Talvez porque agora, após abeberar-se no conhecimento literário universal, tem os olhos voltados para o seu redor. Dos simbolistas preserva a musicalidade das assonâncias: "Vinte manhãs me matei", como no início das palavras deste verso. O poeta percebe que "não é reduzindo a compreensão da linguagem que nós alcançaremos um grau cada vez maior de expressividade" (Eduardo Portella). A riqueza da linguagem se dá quando atinge a todos.

Isso percebemos na tez de compositor de Ruy Barata. Poeticamente, situações do dia a dia e imagens da Amazônia são retratadas, ou melhor, lapidadas. Como em Foi assim.

8) OLIVEIRA, Alfredo, 1990, p. 68.

9) *Idem*, p. 96.

10) *Idem*, p. 96.

11) *Idem*, p. 96.

12) *Idem*, p. 97.

*"Foi assim.  
quando a flôr ao luar se deu  
quando o mundo era quase meu.  
tu te foste de mim.*

*' Volta, meu bem', murmurei.  
' Volta, meu bem', repeti.  
Não há canção nos teus olhos,  
nem amanhã nesse adeus! "*

Sentenças marcadas pela oralidade e que, por isso, concorrem para uma literatura acessível e, conseqüentemente, engajada. Ainda sobre a música *Foi assim*, parceira com o filho Paulo André e a sua função social, Paranatinga nos diz:

*"Sucesso que senti, realmente, ao ver uma lavadeira, num subúrbio de Belém, cantarolando o drama da mulher que viu no olhar da outra o seu próprio olhar envenenado",* isso a despeito de sucesso internacional da música, inclusive gravada na França por Paul Mauriat.

Visto as duas fases anteriores de Ruy Barata, podemos compreender seu momento, talvez, mais significativo, até porque vem a ser a soma dos anteriores. Corresponde exatamente ao poema *O Nativo de Câncer*, o qual procuraremos esmiuçar mais detidamente. A começar pelo título que podemos entender enquanto o natural do signo zodiacal de câncer, o caranguejo, mas a partir desta mesma simbologia; também compreender como o nativo das águas. Água que pode representar a vida, enquanto fonte da juventude, e que também pode ser a fertilidade criativa. A sua massa disforme nos dá infinitas possibilidades, ou seja, criação, que enquanto palavra é poiesis. Que também é o novo, o moderno, a modernidade.

Estruturalmente, o poema *O Nativo de Câncer* está dividido em duas partes: o primeiro canto, uma profusão de palavras e imagens que fluem soltas e, aparentemente, sem coerência; e o segundo canto, que apresenta uma preocupação mais acentuada em sequenciar as partes, ou seja, observamos um narratividade, com enlaçamento sintático mais evidente (vide anexo). Na temática deste texto misturam-se passagens da vida de Ruy, que apresentam-se muito mais como pretextos, com visões características da Amazônia, decorrentes das primeiras. São, verdadeiramente, ruy-dos fragmentários, um mosaico que vem do inconsciente e soma-se aos arquétipos regionais: é a força do inconsciente, na psicanálise simbolizada pela água, que desemboca em um dilúvio de palavras.

Constituindo em epopéia moderna, *O Nativo de Câncer* é o próprio mito amazônica não

descartado da mitologia clássica, aparente no canto primeiro: *"E abrem-se em viandas, meu Midas destronado,/ das mais acres às mais extraordinárias,/ são linhagens a vir,/ são elfos,/ são centauros."* Aqui, não temos mais a riqueza clássica do Midas, mas nossas "viagens" fascinantes, pois temos o espaço aéreo dos elfos e a potência cav(b)alar dos centauros para o tropel nas florestas, pelos viajores do devir. Esse caráter de poesia primitiva, que reveste a relação mito e literatura, é presente na musicalidade dos versos do canto primeiro, onde, inclusive, parte foi musicada por Paulo André Barata e originou a música *Nativo*, vencedora do festival "Costa a Costa" no Uruguai. É notável a capacidade de renominalização das palavras, através do ludismo que cria neologismos que falam, no entanto, de sentimentos nossos "velhos conhecidos".

*"Amar é amar, em dois, predicativo,  
amor é sisofrendo e sisofrido,  
amor é simorrendo e simatando  
amor é dez em dois de simorrido".*

Partindo do existente (o antigo), Paranatinga reelabora em temas e palavras a vida. Do choque inicial entre antagonismos temos o canto primeiro, que por isso é caótico por também ser linguagem em movimento, isto é, a poesia. Aqui já se delineiam expressões tipicamente amazônicas, como cavianas e barcarenas (ilha e cidade, respectivamente, da região), várzeas, istium, currais, gapuiagens, que emparelham-se com expressões estrangeiras: *"In principio erat Verbo"* ou *"Mort, avez-vous compris? Mort./ Por mea culpa, mea culpa"*.

Mas depois da tormenta vem a calma. O canto segundo. São cenas familiares e da sua infância, é a vida ordenada de qualquer cidade da Amazônia, é o nosso mundo cotidiano. Fala por exemplo, de Caetano, natural de Boim, vila do rio Tapajós, retirante da malária, doença que havia dizimado sua família:

*"De Boim havia vindo Caetano,  
trazendo a camiseta de riscado,  
a rotunda barriga de opilado,  
e uma fome voraz de muitos anos."*

Se o primeiro canto é o entrocchoque do antigo e do moderno, o canto segundo é a modernidade, que vem nas palavras-poesia buriladas no primeiro momento do canto:



---

## BIBLIOGRAFIA

- BAUDELAIRE, Charles. "Le cygne, de les fleurs du mal", Paris, (s.d.)
- BOSI, Alfredo. "História concisa da literatura brasileira", São Paulo, Cultrix, 1989.
- CHIAMPI, Irlomar e outros. "Fundadores da modernidade", São Paulo, Ática, 1991.
- FISCHER, Ernst. "A necessidade da arte", Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- LEXIKON, Herder. "Dicionário de símbolos", São Paulo, Cultrix, 1992.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. "O ser aberto", Belém, Cejup, 1991.
- MARTINS, Max. "Não para consolar - poemas reunidos", Belém, Cejup, 1992.
- MENDONÇA, Antonio Sérgio. "Poesia de vanguarda no Brasil", Petrópolis, Vozes, 1970.
- MIRANDA, Vicente Chermont de. "Glossário paraense", Belém, UFPA, 1968.
- MOISÉS, Massaud. "A criação literária - poesia", São Paulo, Cultrix, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Dicionário de termos literários", São Paulo, Cultrix, 1988.
- OLIVEIRA, Alfredo. "Paranatinga", Belém, Cejup, 1990.
- PAZ, Octávio. "La otra voz", Barcelona, Seix Barral, 1990.
- PIGNATARI, Décio. "Semiótica e literatura", São Paulo, Cultrix, 1987.
- PORTELLA, Eduardo e outros. "Teoria literária", Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1991.
- POUND, Ezra. "ABC da literatura", São Paulo, Cultrix, 1986.
- ROSENFELD, Anatol e outros. "Vanguarda e modernidade", Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1971.
- SCHNAIDERMAN, Boris e outros. "Maiakóvski", São Paulo, Perspectiva, 1992.
- STAIGER, Emil. "Conceitos fundamentais de poética", Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1975.

# O TRILHAR DO ANJO NAS SENDAS DO ABISMO

José Fares

Professora de Literatura Portuguesa e  
Literatura Brasileira na UNAMA.  
Co-autora de livros didáticos.

*"Assentaste a terra sobre suas bases,  
inabalável para sempre e eternamente;  
cobriste-a com o abismo, como um manto,  
e as águas se postaram por cima das montanhas."*  
(Salmos)

A atitude antropofágica de "devoração" assumida pela primeira geração modernista havia passado. A poeira sentou. Abrem-se variados caminhos por onde percorrem a poesia e a prosa. Dentre essas veredas, o neo-simbolismo. Nele, trilha a concepção estética de Anjo dos Abismos, livro de estreia de Ruy Barata, que contém 24 poemas, publicados em 1943 pela José Olympio Editora.

Nesta obra, o nativo de câncer dá realce a um dos temas mais universais da literatura: a morte. Esta que vem, por vezes, metaforizada no mar, na grande viagem, na noite, nos sinos, nas trombetas aladas.

Segundo Jean Chevalier e Alain Geerbrant no Dicionário de Símbolos, o mar representa a dinâmica da vida: é ao mesmo tempo imagem do viver e do morrer. Tudo vem do mar e tudo retorna a ele. Essa abordagem dual referenda a idéia de transição da vida para morte: "*O mar, mar chamando meus passos para/ os caminhos distantes.*" (Ode ao Mar, pág. 37) "*...é chegado o momento/ em que velejarão os sete mares.*" (O Canto dos Sepulcros, pág. 207).

Ao associar o mar ao número sete, o poeta reforça o tema proposto na obra. Vejamos: a semana tem sete dias e, justamente o sétimo, é o do descanso, atitude que pode ser comparada à morte, se a encaramos como uma trégua às atribulações experimentadas nessa caminhada que é o existir. É como a existência - para os existencialistas - precede a essência, o desvinculamento da vida material pode ser encarado como a chegada à "*pátria das essências*": "*... e adivinharás que atravessei/ os limites do eterno*". (Anjo dos Abismos, pág. 186).

É o mar que propicia a grande viagem para o "paraíso dos símbolos", onde se excetuam as agonias do existir. O percurso dessa longa viagem

é ladeado pelos ciprestes - árvores que emolduraram a morte de Lindóia, heroína da epopéia de Basílio da Gama - que dão um tom enlutado à caminhada: "*deixa-me beijar o tronco dos ciprestes/ deixar-me escutar o canto dos sepulcros/ onde param todas as idades e cessam as angústias.*" (O Canto dos Sepulcros, p. 207).

É impossível olvidar a produção de Paulo Plínio Abreu quando volvemos o olhar para a grande viagem - leitmotiv do Anjo dos Abismos. O poeta d' O Barco e o Mito, contemporâneo de Ruy Barata, cedo alçou vôo pelos caminhos que marcam o retorno às origens: "*Lavaremos no fim da viagem o rosto e olharemos a lua/ e de repente sentiremos nascer em nós a estranha terra que sonhamos.*" (Paulo Plínio Breve Elegia, Poesia, p. 38).

O tom elegiaco que perpassa a obra é acentuada pelo planger dos sinos que, dolentes, anunciam o retorno à eternidade: "*Pareceu-me escutar a voz dos sinos, (...) e a sua voz era a voz das viagens./ voz das almas que aprestam/ para o encontro com a eternidade(...)/ onde pressinto o olhar parado de um desconhecido/ que também como eu se transfigurou/ com a mensagem fatal dos velhos sinos.*" (Poema Schmidtiano, p. 205).

Nem sempre o tema do Anjo dos Abismos apresenta o neblinamento das metáforas, às vezes, o poeta, como se tivesse às mãos um spot-light, persegue as cenas, incide sobre elas a iluminação, deixa exposta a fratura, a separação do imaterial e imorredouro do arcabouço finito e perecível. Entretanto, por vezes, as luzes se apagam, e então o penumbrismo simbolista se faz sentir através de imagens recorrentes, ou mesmo obsedantes, que conduzem ao mesmo ponto, o da partida. Além do mar, da viagem, dos sinos, também a noite anuncia a travessia dos eleitos para os limites do eterno. Aqui, a imagem da noite assume um

aspecto dual: é o tempo das germinações onde, em meio às trevas é tecido o vir-a-ser. O esgarçamento da treva filtra as luzes do novo tempo, o da vida. Novamente, o poeta reforça a idéia de morte atrelada à vida, agora despida das dores, dos percalços, dos dilaceramentos próprios do viver corpóreo: *"Esta noite, como ficar prisioneiro dos teus braços/ ó aparecida amada do principio da vida?"* (Lá fora está o mar que nos espera, p. 138). *"Quero enfim, repousar, quero enfim adormecer sobre a grande noite que espera as visões da grande madrugada."* (Poema da Amada Escurecida, p. 199).

No poema intitulado *O que vai subir aos brandos céus iluminados*, a presença do noturno assume um matiz de eroticidade, o que vem confirmar a ambiguidade entre a dor e o prazer sugeridos pelo tema: *"A inocência eu perdi nas florestas escuras."* Note-se aqui, a simbologia genital atribuída às florestas escuras.

Ao concluir sua obra de estreia, Ruy Barata como que nos dá uma visão apoteótica dessa transição para o infinito. O som das trombetas aladas fere nossos sentidos e nos conduz à imagem apocalíptica da volta. As portas se abrem e as *"vozes noturnas que vinham dos sepulcros"*, finalmente encontram a *"pátria comum das trombetas aladas."*

Certamente o poeta, nascido a 25 de junho, no apagar das fogueiras juninas, quando as cinzas guardavam a quentura que aqueceu seu berço, voou para a pátria das essências, acompanhado pelo som dos atabaques de Ogum que irrompiam no dia 23 de abril, anunciando a chegada desse filho pródigo ao Reino do Sem-Fim.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Paulo Plínio. *Poesia*. Belém: UFPA, 1978.  
CHEVALIER, Jean e GEERBRAN. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.  
OLIVEIRA, Alfredo. *Paranatinga*. Belém: Falângola Editora, 1ª Ed., 1984.  
A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edições Paulinas, 2ª Edição, 1992.

## ANJO DOS ABISMOS

Ao Cléo, meu amigo

Quero chegar diante de ti  
não como o vulto familiar que doura o teu  
sossego,  
não como a imagem do sonho  
que se perde na bruma,  
mas como o fantasma de dentro de ti mesmo.  
Quero chegar diante de ti,  
e olharás minha longa cabeleira,  
minhas faces esvoaçantes,  
meus olhos incolores  
e adivinharás que atravessei  
os limites do eterno.  
Ó esta noite todas as luzes estarão veladas pelo  
sono,  
todos os silêncios serão devorados  
pela eternidade,  
todas as chagas ressurgirão das dores,  
todos os olhos estarão desmesuradamente abertos  
mas não poderemos sentir  
a Sua presença  
porque então passamos à pátria das essências.  
Esta noite chegarei diante de ti,  
nossas almas se confundirão na grande viagem,  
nossos olhos se alongarão ao paraíso do símbolos  
onde nasce o grande mar das almas moribundas.  
Chegarei sobre a tranqüilidade dos teus cânticos  
e te assombrarás com este vulto notívago de  
morto  
que se suspende milagrosamente além dos tempos  
e que conduz as asas multicores  
no derradeiro vôo das espécies.  
Ó sim sou eu por sobre as nebulosas,  
fantasma que povoa quatro mundos,  
imagem perdida e mais tarde encontrada  
no limitado céu da poesia.

# É COM VOCÊ, POETA

**João Carlos Pereira**

Professor universitário, autor dos livros *Encontro com Waldemar Henrique*, *Os Fantasmas Sobem de Elevador*, e *A Poesia no Vestibular*, e co-autor da antologia *Brumo de Menezes ou a Sutiliza da Transição*. É, também, coordenador do Instituto da Cidade da UNAMA.

Era noite de sexta-feira e o poeta estava feliz. Na casa da escritora Aline de Mello Brandão, ele sentou nuns almofadões e estava cercado de carinho. "Eu não quero falar de mim", pediu, com a voz cheia de doçura. "Mas esta vai ser uma entrevista única. Vamos ter Ruy Barata ser humano e intelectual", ponderemos Aline e eu. O poeta estava num momento particularmente feliz e não fugiu de pergunta. Durante uma hora, foi possível ver o coração de um homem que fez da poesia o tema sua existência, e ele falou de poesia, política e paixão.

O texto que segue é uma radiografia humanizada de uma criatura rara. Penso que poucas vezes, em tantos anos de jornalismo, encontrarei um entrevistado tão à vontade, tão disposto a dizer o que realmente queria. Não há, e isto o leitor há de perceber, entrelinhas na palavra do poeta. Esse recurso ele deixou, como poucos, para o poema. De gravador na mão, para que nada se perdesse, Aline e eu passeamos, literalmente, pelo universo de Ruy Barata. Hoje, utilizando de uma imagem que ele mesmo criou, num poema sobre seu pai, quando Ruy já é saudade, ei-lo de volta, cristalino, bonito, falando de amigo para amigo. Pensando alto, talvez. O texto foi publicado no primeiro número da *Revista da Associação Paraense de Escritores*, que ele faz nascer e embalar, do mesmo jeito que se embala um sonho.

- O que você pensa da vida. No seu questionamento existencial, o que é prioritário?

- Eu já disse, num poema, que viver faz parte da emboscada. E quando digo fazer parte da emboscada, é que ela nos cerca de tantas peias, que a gente acaba no lugar comum. O importante da vida é viver. Questionamento existencial? - Quem não tem!!!? Mas eu prefiro suprir esse questionamento existencial por uma atividade participativa, da qual a minha vida

política que vocês conhecem - e, atualmente, a Associação Paraense dos Escritores, - me fazem participar desse lado mais coletivo, e, portanto, elimina um certo questionamento existencial, que eu deixo para passar nos meus poemas.

- Você que é uma pessoa engajada política e culturalmente, ao escrever, pensa nesse fato, ou o seu compromisso é com a sua necessidade interior?

- Quando eu escrevo um poema eu não o busco. Ele é que me busca. Ele é que me persegue. Ele é que me faz sofrer. E me dá também grandes alegrias que, felizmente, são passageiras.

- Quais são os escritores pelos quais você mantém admiração constante ao longo dos anos?

- Eu sou muito pouco fiel aos meus escritores prediletos. Eles duram na medida em que a mensagem deles está dentro de mim. A durabilidade de um escritor, para mim, vai do momento em que aquele escritor me leva às lágrimas. Eu ainda sou do tipo do sujeito que, quando um escritor me comove, eu leio o livro chorando. Então, a minha fidelidade a um determinado escritor é muito transitória. Logo vem um escritor que me provoca novas lágrimas. E eu penso que as antigas são lavadas com as novas.

- E quem é que já teve essa capacidade de lhe puxar as lágrimas do corpo, e não as da alma?

- Dostoievsky foi um deles! Ele me fez sofrer imensamente. Talvez fosse o primeiro escritor que me levou às lágrimas, foi Dostoievsky. E quem leu *Os Irmãos Karamazov*, *Os Possessos*, todo aquele material que Dostoievsky pôde nos dar... me levou às lágrimas... E as últimas lágrimas que eu recebi... me lembro de dois livros: *Cem Anos de Solidão* e, naturalmente, *Grande Sertão-Veredas*.

- O que é que melhora a angústia de viver: é escrever ou é beber?

- Todas as duas coisas são importantes. Resta saber como separá-las.

- Quem é o seu Deus?

- O próprio Deus!

- O que você pensa da cultura brasileira atual; e mais recentes, que autores atraem a sua admiração?

- É um rol deles que eu posso cometer equívoco de não citá-los. Mas um dos escritores mais recentes de literatura brasileira, que ainda me comove muito chama-se, sem dúvida, Mário Faustino.

- E o que você pensa dos autores autofinanciáveis?

- O autofinanciamento é uma questão da nossa miséria editorial. Um país sem editoras leva o autor, fatalmente, a autofinanciar-se, isso porque as livrarias perderam a credibilidade, desde que, para espanto meu, eu soube que um escritor, dos maiores que temos no Pará, e no Brasil, sem dúvida, Benedito Nunes, recebeu de direito autoral, entregando as grandes editoras do Brasil, duzentos e cinquenta cruzados por aquelas edições que fez para a livraria "Perspectiva". Duzentos e cinquenta cruzados! Para um escritor do porte do Benedito Nunes!...

- Você tem escrito ultimamente?

- (riso irônico). Eu de vez em quando volto a um poema que se chama *Nativo de Câncer*. É um poema que não tem deixado que eu me afaste dele. Tenho tentado me libertar dele, mas o patife me persegue a tal ponto que estou incapacitado, por enquanto, de escrever outra coisa. É um poema de longa duração... É um poema rememorativo e, por isso mesmo, eu o castigo com o meu desprezo. Mas, de repente, ele é muito maior que o meu desprezo. E bôia, e nada e aparece, e lá eu volto ao mesmo tema. É um poema onde eu pretendo unir a minha vivência da poesia do mundo ocidental, que eu apanhei por aí e, unindo isso às minhas origens tapuias, isto é, unindo o que pretensamente chamam-se de o regional e o universal. Quando as duas coisas, no meu entender, se entrelaçam perfeitamente. Não há nada universal que não seja regional; e não há nada regional que não seja universal.

- O nativo de Câncer já está na rua...

- Dois cantos!

- Esses dois cantos ainda vão ser modificados, ou eles já estão definitivamente acabados?

- Nada é definitivo em poesia. A poesia é sempre um passar a limpo. É sempre uma convivência dolorosa que, de repente, uma palavra já não nos parece mais carregada da significação que passou a ter para nós. Não é mais uma questão de escolher uma palavra melhor, porque aquela palavra já não está com a carga de significação que a gente pretende.

- Quer dizer, então, que o poema vai ser sempre um vir-a-ser?

- É muita ousadia que vai ser um vir-a-ser. Eu amanhã posso dizer: "Poema, vai-te embora". Eu já tenho dito pra ele várias vezes: "Vai-te embora". Mas ele volta sempre... Não sei se ele vai, numa dessas vezes que eu o mandar embora, realmente...!

- E o livro, quando ele encarcera o poema, ele não limita as possibilidades desse poema crescer. Ou ele evita que esse poema desapareça pra sempre?

- O livro sempre é um cárcere. Mas não é um cárcere que não possa ser quebrado. E aquilo que possa parecer melhor ao seu último momento de ser entregue, ele pode modificar tantas vezes. Porque ele é nada-eterno. O poema é fluido. O poema não é um eterno vir-a-ser. O poema é! É! No sentido que ele parte de toda essa anarquia que é o nosso universo pessoal.

- Essa explicação é suficiente para explicar sua ausência em livro esse tempo todo???

- Não! A minha ausência em livro tem uma razão de ser: editar, no Pará, pressupõe uma convivência com o poder. E até então, até acontecerem fatos novos na vida brasileira, ter um livro editado pelo poder representava participar desse poder que, para mim, era uma coisa profundamente aflitiva ter ao menos de chegar a esse poder e perguntar: "O senhor permite que eu edite um livro?". E então eu fui ficando. Fazendo e ficando. Ficando e fazendo. Até que deu-se a oportunidade. Agora posso editar, que não terei nenhum impedimento de editar um livro se, para isso, for solicitado. Eu não gosto de me oferecer. Se alguém achar que deve editar o livro. É que eu participe financeiramente dos gozos desse livro - nunca esqueçamos que, embora não sejamos, - nós devemos ter uma consciência profissional como poeta, e como compositores também.

Nunca devemos editar nada de graça! Isso é produto de uma coisa que se chama, fundamentalmente, não coisas existenciais para porem pra fora, mas um trabalho, como um trabalho de um operário, como o trabalho de uma lavadeira, que merece a justa paga. Então,

no momento em que disserem: "Vou editar um livro seu", e lhe pagarem tanto por isso, estou pronto a aceitar. Se não ocorrer isso, lá ficarão os poemas para que uma amiga, no futuro, vá no rastro deles. E eu espero tenha bastante amigos para isso.

- Se o governo perguntasse hoje: "Ruy, cadê o livro?". O livro estaria pronto?

- Estaria na medida em que um livro é sempre passar a limpo o próprio livro. Estaria. Pelo menos dez cantos eu agüentaria.

- Um recado para os amigos jovens, que escrevem...

- Vocês querem saber por que a maioria dos meus amigos são jovens? Depois de 64, alguns amigos meus me viam e faziam que não me viam. Havia uma conveniência nisso. E eu não queria embarcá-los, dizendo "eu estou vivo". "Estou aqui". Não. Às vezes eu passava na rua, e tinha a certeza de que eles estavam me vendo, e viravam a cara. Os mais velhos respeitam o poder, muito menos que os jovens. E os jovens se acercaram de mim. E eu comecei a participar com eles, através da música, - já que eu não podia participar através da poesia, eu fui através da letra da música. E de repente, não mais que de repente eles chegaram junto a mim e, através da música, aquilo que os amigos velhos eram e a literatura, consegui um canal de penetração com a juventude. De tal maneira que os meus amigos velhos me perguntam: "O que tu fizeste pra encantar essa gente?" E digo. "É simples, descer até eles. Mas como a maior parte dos meus amigos velhos não quer descer dos seus coletes, perde o melhor que é a juventude.

- Descer até a idade...

- Até a idade. As ambições... as aspirações deles que estão em jogo.

- Os anos 60 foram fundamentais para essa metade do século. Mas no Brasil os anos 60 acabaram em 64. Como é que a juventude pôde sobreviver a 64. E que diferenças houve no Ruy Barata de antes e depois de 64?

- Engraçado, fala-se em juventude, em castração da juventude depois de 64. Ainda é preconceito contra a juventude. Ela não se castrou. Pelo contrário: ela se aproximou e começou a mostrar - não de maneira política, direta, mas nas aspirações, no desejo de modificar o país. Na música, na pintura... de renovar...

Eu me perguntei certa vez - "Se tu não desceres a eles e não lhes pedires a bênção, como é que tu próprio, um velho, vais te renovar?".

O movimento musical acontecido no Pará, depois de 64, nunca foi tão brilhante. Começa toda uma busca do seu passado musical. Como toda uma investigação sobre o problema musical. Já que os escritores não podiam falar sobre política, eles derivaram para a música. E há pessoas importantíssimas para a música brasileira feita no Pará. Muitos deles não gravaram: um José Serra, por exemplo - hoje médico e professor da Universidade do Amazonas; um Simão Jatene; uma Heliana, estão aí participando do poder... Uma juventude... uma grande parte dessa gente que fez a campanha das "Diretas" tá no poder. De Campos Ribeiro, não é? Que hoje participa do poder. "Quem mais, Ruy Barata?" Ah! que eu teria que dizer de cada um... e a memória me falha. Mas foi um movimento muito grande.

Mas para eu fazer justiça a um grande amigo meu, é preciso que eu diga que tudo começou na casa de uma criatura chamada Hélio Castro.

- E a literatura, como enfrenta esses tempos?

- Aos pedaços! A literatura era uma literatura de acrósticos.

Hoje o movimento editorial de Belém do Pará está um caso sério, não é? É como se, de repente, tivesse se rompido uma comporta. Aquilo que era uma literatura fechada, de repente é aberta. Todo mundo quer escrever. Não sabe como, mas quer... Olha, é espantoso como nunca se editou tanto no Pará! Há uma necessidade de dizer-se literariamente. Já não mais musicalmente. A música preencheu um papel até aqui, mas agora a literatura começa assumir o seu papel importante.

São dois, três lançamentos por semana. A literatura a assumir o seu papel. Já não é mais a letra de música. A letra de música correspondeu num determinado momento. "Vamos procurar na música o espaço que a literatura não nos dá". Mas está voltando com uma intensidade imensa, à procura do seu caminho literário.

- Mas isso é paradoxal: A barreira foi rompida no momento da maior crise por que já passaram os editores. O papel caríssimo, tudo muito caro... Como foi possível acontecer isso?

- De repente, o intelectual assumiu uma posição importante nesse país, haja vista a pregação dos intelectuais brasileiros durante a pregação da crise que iria cair na abertura democrática. Então, o poder sabe que os intelectuais pesam. E não é à toa que o José Sarney tá mesmo, não?

- E a APE? Qual é a sua importância? Em que ela vai poder atuar numa política cultural?

- *Eu acho que a nossa função é de maior expressão na sociedade. Muitos anos eu lutei nesse Estado para nós termos uma visão de que o trabalhador é um intelectual também. A visão do intelectual antigo era de um beletrista na sua torre de marfim. Hoje nós sabemos que não é isso. O intelectual tem de lutar pelo seu direito de ser. De ser até mesmo um intelectual.*

*A literatura sul-americana está num caminho de torna a viagem. Como eu digo um caminho de torna a viagem? Nós recebemos tantas influências do mundo europeu que ela bateu aqui, caiu em terreno fértil, e hoje nós podemos nos orgulhar de ter grandes autores na América Latina.*

*E o mundo não está desapercibido desse fato. Quando nós nos aportamos de alguns movimentos que vieram da Europa, como o surrealismo, vemos que um grande movimento surrealista volta a renascer na América Latina, em todos os seus escritores, não é? Mas também com esse surrealismo, um acréscimo de proposições sociais que estão dentro desse caminho, misturado.*

*Engraçado como as coisas se misturam, não é???*

*Aquilo que parecia uma regra, a gente vê que não é. "Olha, quem é escritor social é dessa parte; quem é surrealista é dessa... Chegamos a uma fase em que as duas coisas se misturam. Você tem de ser liberto para criar. Dai, porque eu nunca fui comunista com Stalin. Não teria esse realismo socialista que eles pretendem. O escritor, além de ser comunista deve ser "o escritor". E esse respeito pelo escritor é o que existe, agora, no meu partido. O escritor não é um pau mandado. O escritor tem o seu universo de criação artística, que qualquer partido do mundo tem que respeitar.*

# RUY OU PORQUE BRINCAM OS PEIXINHOS NA PÁTRIA DA POESIA

Paulo Nunes

Professor dos Cursos de  
Letras e Comunicação Social  
da UNAMA. É autor de livros  
infanto-juvenis e didáticos.

Desejo desculpar-me com você, amigo leitor, porque nossa tarefa não é simples, dado que falar de Ruy Barata é mexer com um homem que construiu, involuntariamente, em torno de si, uma aura de mito. Ruy foi (ou é?) símbolo de fortaleza tanto para os amigos, que nele se embriavam de coragem, quanto para os inimigos, que liam nele o constante perigo. Ruy não concebia meio termo: amá-lo ou odiá-lo, eis a questão! Ele era um homem marcado pelas utopias sociais: primeiro Jesus Cristo, reaprendido entre cantos gregorianos e sabinas do Colégio Nazaré; depois Marx, senhor de barbas vastas, que sistematizou um choque que o mundo já desconfiava existir: a exploração do homem pelo homem. Como se não bastasse isso tudo, Ruy, em 1943, perfila-se entre os *escolhidos* que destilam o verbo ao publicar *Anjo dos Abismos*. Recorrendo a este fato, vale questionar: o que há na palavra de tão poderoso, que atrai a imensa carga de energia do Cosmo? O que há na palavra que mesmo já vestida, quando cai às mãos do poeta, desnuda-se e faz-se arrepio e sedução? O poeta é um sonhador-sub/vertor de dicionários? Que anjo consegue abismar-se diante do uso que o poeta faz das palavras? Não se sabe. Felizmente quanto mais se procura a resposta, menos certeza se tem. Mas uma coisa é certa, há em torno do poeta "um não sei quê de saudade doendo..." Se não houvesse, Platão jamais teria deportado os poetas da República. O gesto do filósofo grego foi seguido, séculos mais tarde, à risca, e acabou atingindo nosso Ruy meio-homem/meio-mito. A ditadura militar de 64 caçou/cassou - com cedilha e dois esses - o homem público Ruy Guilherme. E ele se viu ante ao interdito, perseguido e violentado por não poder fazer aquilo que ele mais gostava: amar. Ele desfia-mera coincidência? - no poema *Nativo*: "Amor é amar, em dois, predicativo/ amor é sisofrendo e sisofrido..." O poeta, perseguido, precisou esconder-se tantas vezes, perdeu o direito de explorar seu cartório, bem como o de lecionar Literatura Brasileira na Universidade Federal do Pará. Tudo (quase) perdido. Restou-lhe o amor da

família e dos amigos. Restou ainda, tempos nebulosos, o aconchego da palavra, palavra-ponte-de-partida-para-o-sonho, sonho de ver um Brasil mais fraterno: "Surja este verso de maio trazido pelos arcanos/ Um verso que faça maio, o maio dos desenganos/ E fel transforme em doçura, rendilhando de ternura, os meus fracassos humanos..." Por estas e outras, os inimigos imaginavam que, agindo de forma brutal, estariam destruindo o mito. Ledo engano, pois o mito se cristaliza na medida em que são infringidos os limites humanos. Ruy, a cada dia, a cada momento, transformava-se num porto/ponto de referência para quantos desejassem andar na contra-mão da História Oficial, naqueles tempo de ditadura militar. (Ufa, nunca antes havia feito um parágrafo tão imenso!)

E mais uma vez peço desculpas, leitor, por entranhar-me nos perigosos caminhos do sentimentalismo para dizer que meu convívio com Ruy foi curto, mas intenso e marcante. Quando aluno da Universidade Federal, no início da década de oitenta, deparei-me com aquele velho-homem-magro, menestrel vestido de branco, que bailava, cigarro entre os dedos, entre os pavilhões G, H, I e J do Básico, lecionando Literatura Brasileira. Pois foi numa tarde de terça-feira, verão abafado e quente, que conheci Ruy Barata. A turma, predominantemente feminina, dividia-se em dois grupos: os que desejavam embeber-se dos olhares do poeta-professor (nunca nos foi possível, de fato, repartir, separar aquele ser uno que vivia na *santíssima dualidade*) e aqueles que se viram obrigados a cursar a disciplina naquela turma, pois "não havia vaga nas demais". A partir de então, todos estávamos lá, presos àquela teia que nos atrelava ao velho (ovelho do Senhor?) que nos escandalizava com suas máximas antiburguesas ou que nos encantava com suas frases e "tiradas" de profunda sensibilidade. Antes das aulas um ritual se cumpria, os admiradores cercavam o professor e ele não decepçionava, saía com algumas afirmações que fizeram tatuagem em nós. Certa vez, dizia ele:

- *A Universidade é isso aqui, este elefante que vira as costas para o povo do Guamã. Precisamos mudar, desamarrar as mãos dos acadêmicos, mas isso fica para vocês, pois já me vejo muito velho...*

Conversa avançando, alguém reclamou:

- *Mas, Ruy, tem gente que passa por aqui como se não passasse. Frequenta as aulas mas não participa, como se não gostasse do curso...*

Ele devolveu:

- *Mas o que tu queres, irmãozinho? Vê só, olha aquelas nossas amigas ali, elas vêm aqui para melhorar o salarinho. É tirar o canudo e ganhar mais, aumentar o salário. Olha o rosto delas... vêm direto do trabalho, nem almoçar almoçam... É a geração da pupunha com café, da pupunha com café!...*

A sensibilidade, o "faro" de Ruy sempre nos tocou, dentro ou fora de sala. Quem esqueceu as leituras dos Poemas da Amiga, do Mário de Andrade? Ou os comentários sobre A Rosa do Povo? Ou ainda a jogralização de Essa Nega Fulô, do Jorge de Lima? Ruy foi assim, recheava de tesão as aulas de Literatura modernista. Certa vez ele saiu com uma idéia. Drummond faria oitenta anos, precisávamos comemorar. Como? Uma procissão. Uma procissão cultural que corresse o campus. Nos fantasiaríamos e diríamos os textos do poeta maior. No trinta e um de outubro, fizemos a festa. O cortejo saiu da

"Brexá", espaço cultural entre os pavilhões I e J/ Básico e alcançou as salas do Centro do Cursos de Biblioteconomia, de Letras e o gabinete do então reitor Seixas Lourenço. Foi um burburinho total. A poesia teria alcançado ali seu climax, seu ponto máximo?

Perdão se lhe faço, leitor, presenciar este relato sentido, pois a obra de Ruy é extensa e sobre ela muito se tem a explorar (e eu aqui a desfilar saudades!). Há o Ruy regional, o Ruy universal, o Ruy musical, o Ruy vermelho ou lilás-azul, o Ruy de todas as cores, que escondia sob sua frágil/forte envergadura o mapa do labirinto que nos fez sonhar com a terceira margem do rio. E é com ele, nesta hora, que liberto o sotaque do verbo:

*"Geograficamente, o azul é minha pátria,  
politicamente, o amor é meu governo,  
e o sobrenatural a grande vocação.  
E este jeito de amar que é quase escudo  
(a timidez de amar embora ame)  
e este risco feroz que é meu demônio.*

*Porém forte sou ainda que seja fraco  
(não passei junto a ti sem lágrima na face?)  
(não tomei tua mão sem comoção alguma?)  
mas nunca sou tão forte como agora  
quando digo ao poema vai-te embora."*

(In "Vinte Sete Anos quase Vinte e Oito")

# O PALAVRÃO ROLA NA BOCA

Reivaldo Vinas

Jornalista e escritor. Atualmente é um dos editores da revista Brasília, no Distrito Federal. É co-autor de *Texto e Pretexto*.

Uma noite entediante de domingo, nada que dizer, um desacordo com a vida que doía em cada músculo levaram-me ao bar Maracaibo num dia de setembro. Não lembro bem o ano, só o tédio e o fato de que lá estavam o cartunista Biratan Porto e o poeta Ruy Barata desarrumando o cavanhaque com mão trêmula. Ao lado dele a incansável Vasti. Hesitei em sentar. Da última vez no dia de seu aniversário, Ruy me fizera beber três doses de uísque num canto do Bar do Parque, sob alegação de que, afinal, era seu aniversário, e depois da terceira, o espírito mais avesso à bebida sucumbe à sedução. Também pudera, depois da segunda, para o mau bebedor, o mundo gira. Tanto faz uísque ou gasolina, tudo passa a ter o gosto cativante da incerteza.

Ruy estava particularmente feliz, a língua ferina de sempre chicoteando reacionários, puritanos, abstêmios e mais artistas. Mas em dado momento largou mão da ironia e falou com seriedade rígida e desconcertante. Aliás, questionou como quem revida ofensa com impropério e punhal: "Mas o que é, afinal, a poesia?" Não era um enunciado blasé, jogo de cena, acento de retórica. Era dúvida mesmo, dúvida atroz atravessando a alma.

Não recordo se algum dos presentes de imediato tentou responder. Lembro apenas que Ruy, seguidas vezes, num exercício de pergunta e resposta insatisfatória, falou sozinho por uns vinte minutos; na verdade, travava diálogo com o etéreo. A voz batia no vento, mas nem eco nem corvo respondiam. O cavaleiro prosseguia perdido, sem nenhum consolo, a voz caindo n'água. Depois disso, nunca mais o vi assim, respondendo o irrespondível, querendo alcançar o sol. Mesmo no sono da morte talvez não tenha encontrado a resposta definitiva, capaz de abrandar o tumulto: "Mas o que é a poesia, afinal?"

Já estava cansado, o Ruy, doente. Fazia esforço descomunal para declamar em francês os poemas de Verlaine. Sua figura carismática evocava a dos sábios da velha China; um pássaro pressago. Homem que sabia segredos, intimorato, tinha paixão igual pela poesia e pela música, essas deusas que levam os homens ao êxtase e à loucura.

Decididamente, não se enquadrava. Era visível a sua superioridade verbal nos botequins de esquina, onde se sentia mais à vontade que em suas aulas na Universidade Federal do Pará, acabrunhado pelos programas dos cursos de literatura brasileira, limitado pelos 45 ou 90 minutos de aula.

Bom era ouvi-lo falar sobre o que desse na telha; sobre literatura, sim, mas fora dos compêndios, longe dos tomos. Às vezes, no entanto, vencendo o enfado, discorria brilhantemente em suas aulas sobre naturalistas e românticos, com a desenvoltura do ator, com seus rigores de mestre. Bastava que sentisse a necessidade da fala, a ânsia do comentário, sem a obrigação imposta pela docência bem comportada, fechada entre quatro paredes. Aí se libertava, mostrava o quanto havia acumulado ao longo de mais de meio século no exercício da palavra poética.

No curso de crítica literária do Mestrado em Letras da UFFA, o ensaísta e professor Benedito Nunes fez um jogo. Perguntou: "De quem é o verso: O palavrão rola na boca e salva o mundo? Os mestrandos hesitaram, o verso era, sem dúvida, conhecido, mas qual o poeta? Depois de um certo

tempo Bené disse: "É de Drummond". Ninguém duvidou, mas houve estranheza. Que poema de Drummond acolheria verso tão bem posto e esquecido? A aula prosseguiu e Bené desfez a curiosidade: "O verso é do Ruy, do Ruy Barata, mas bem poderia ter sido de Drummond", comentou.

Guardo a impressão de que Ruy é um poeta significativo que por força das circunstâncias deixou-se ficar aquém de suas possibilidades. Poderia ter alçado vãos mais altos; sua poética era capaz de resultados formidáveis, o que se percebe facilmente pela condução que imprimiu aos poemas de seus dois únicos livros publicados. *Anjo dos abismos* e *A linha imaginária*. Importava-lhe a elaboração paciente do verso; o trabalho intelectual para a construção do poema; o conhecimento do ofício ingrato de escritor. "A poesia não é mera inspiração", repetiria incessantemente aos aspirantes que o procuravam com versinhos mal acabados. "É preciso ler muito, ler em outros idiomas: um poeta não pode conhecer apenas a língua de seu berço; um poeta precisa devassar a intimidade vocabular e estética de outros poetas", afirmava mais tarde.

Morreu às 13 horas do dia 23 de abril de 1990, em Higienópolis (SP), de embolia pulmonar, depois de submeter-se a uma operação de próstata. Estava com 69 anos, bebia e fumava muito, mas não esperava a morte àquela altura. Estava em São Paulo no desenvolvimento de sua pesquisa sobre a passagem do escritor Mário de Andrade pela Amazônia.

Tinha sete filhos; um deles, Paulo André, foi seu parceiro em músicas como *Pauapixuna*, *Foi assim e Esse rio é minha rua*, sucessos nacionais na voz de Fafá de Belém. Algumas de suas músicas com Paulo André também foram gravadas por Nara Leão e Leci Brandão. Canções com gosto de chuva e cheiro de mato, plenas de amazonidade. A parceria se estendeu com Edyr Proença, Antônio Carlos Maranhão e Alfredo Reis, entre outros compositores locais.

Ruy, compositor, comunista, ex-deputado estadual cassado e preso pelo regime de 64, professor aposentado, jornalista e, sobretudo, poeta, levou para o túmulo a convicção de que poesia é trabalho, concentração, leitura, atividade de resistência. Creio firmemente que estava certo.

Faltou, talvez, aquela obra fulgurante e definitiva, capaz de revelar um poeta absolutamente senhor dos horizontes de sua palavra, cômico ainda mais de seu pesado ofício. Tudo o que deixou em seus dois livros e nos trechos publicados do longo poema *O Nativo de Câncer*, contudo, são mostra suficiente de sua eficácia de artesão, de artista comprometido com a natureza do verbo, de Poeta, enfim, como poucos nos tem legado esta terra.

"E no silêncio uma folha caída, uma batida de remo a passar", sinto saudades de Ruy Barata.

Aqui sim,  
aqui iniciarei a espécie nova,  
aqui derrotarei o homem-harpa  
e pronto estou para a descoberta do sexo.  
O pincel dá-me o poder do patriarca,  
a navalha reduz a timidez e o medo,  
o palavrão rola na boca e salva o mundo.

(A Linha Imaginária)

## UMA RUA CHAMADA RUI

Raul Franco

A frase da despedida rui.  
Caía o lençol do adeus.  
Ninguém mais via  
a barba do poeta-semideus.

(O violão soou em dor maior!).

Seus remos foram abandonados  
na esquina do inevitável.  
Mas sua ausência continua construindo  
o poema infundável.

A boêmia soluçava, gemia.  
O poeta surmia num caminho vazio -  
vadio momento de se deixar uma saudade.

A poesia era sua, era do peito da lua,  
era da rua do amanhecer.

A poesia sua, sua, até intumescer.  
A poesia soa...  
e só assim dissolve a dor  
numa garoa.

Um rio, um Rui, um rastro.  
O mastro da saudade  
estende a bandeira da homenagem.  
Sua bagagem de ilusões  
traduziu mil paixões pro papel.  
E o tempo suspende o troféu  
da lembrança.

Então que a chuva caia  
na maresia calma do poeta.  
Que a chuva caia, roçando a testa lírica.  
Que a chuva caia, mas não traia seu verso.  
Com todos os anos que se passam  
nunca o Rui ficará submerso.

Aluno da turma 3 CSV1 e monitor  
do Curso de Ciências Sociais da UNAMA

## BOIÚNA

Beto Paixão

Luz,  
Quero luz  
Josefina mandou  
Devo ir à Baía  
De todos os Santos  
Baía do Guajará

Baía do poc poc  
Baía do pescador  
Baía dos ratos d'água  
Baía Governador  
Baía ilha das onças  
Baía do remador  
Baía tem cotijuba  
Que Ruy Barata mirou  
Hei! Boiúna  
Hei! Hei! Hei!  
Boiúna

Homenagem ao poeta  
Ruy Barata que desbravou rio,  
e dele fez rua.

Sociólogo, pesquisador e compositor.

# Nativo de Câncer

Roy Guilherme Barata

## I

### I

Noite norte-noite nauta-noite  
alimária alimento veigas várzeas  
é carne crina-corda cresta-castra  
onde velo indormiu trono e vassalo  
à sombra do perau grelavam espadas  
dardos e delfos dolos duros dados  
e da túnica floral ao verde pasto  
gemiam rui e rei entremeiagens  
semelhos setestrelas seistavados  
de quelônios quebrantos e queimadas  
de currais e busões sementes-sardas  
valcimentos de Apolo prendas partos  
onde Melus se esvai em Melu e Mario  
reisnuncios reisponcios reisplantados  
em Lesbos que do rei tece o enjeitado  
desmandando perdões traumando gastos  
retas e rotas rethos penhas pasto.

### II

Veloz êvai a Oz, dismundiado,  
sede sunga meu boi, Sardanapalo,  
aquém arrasta além, ó gapuiagens,  
diademas, diodolfos, dioscuragens,  
malamancio, manfredo, malamada.

Istium é este, é mais alguns,  
raiz de noite é resma de alvorada,  
caledonias, calpurnias, calderaros  
carcinomas de foices e terçados.

O rio é cio, é fio sanforizado,  
água sumida é água repensada,  
água sorvida é logo transpirada,  
água parida é água mais anágua.

Desses rastros dormindo nasce um campo,  
na repona dos ventos e mugidos,  
cavianas de comos bubuiando,  
barcarenas de ser, ou for em sina.

Há sempre o que sortir nesses doendo  
de lonjura cilendo e sipurgando,  
amor é meses-mares ciregendo,  
amor é sipartindo e cichegando.

Amor é amar, em dois, predicativo,  
amor é sisofrendo e cisofrido,  
amor é simorrendo e cimatoando,  
amor é dez em dois de simorrido.

E tudo amor, amor de erre aspado,  
amor em sol-solvido e sol-soldado,  
amor de eme urdido e eme atado,  
amor de mór amor, de amor talhado.

Arabela, mais bela e mais valia,  
Mariana, pentelho e canarana,  
épicaule, epicédio, epifania,  
episódio, da cor à luz do espanto,  
que faz a meretriz, semeia o canto,  
a solidão do pêlo e do quebranto,  
a dor do se doeu no mais doia,  
ou largueza de céu que não coubesse,  
na conjunção das massas, missas, messes,  
das folhas que no falus floresciaam.

### III

E câncer nauta o homem, sua linhagem,  
de nódoas e borrões, vertentes claras,  
prantivas mãos em labores escravos,  
tatuagens de sono, terra e classe.

E dorme, danos, dons, funestos fados,  
pou inventa garças, candelabros e prumos  
várzeas,  
várzeas,

onde goivam charruas e legumes maduram  
e pomos se antecipam em resinas e cuspos,  
enquanto é noite, nau, ermos desabam,  
e patas pisam penas, pedras, putas,  
são léguas devoradas pelo agouro.

Outras vezes, em dor, percorre o armário,  
das portas a pender purga o inventário,  
papagaios e primos, fundas arcas,  
pemaltas e grotões, proas, proagens.

São prélios a vencer, o punho se desgarrar,  
em comos a pungir e plumagens bizarras,  
e tudo o mais que some guarde ou grave,  
em cardumes, em frutos, em manadas.

Um reino, vês, um reino, rude, raro,  
ou mais que reino, rui, negro inventário,  
solfejos e moirões a escravizar.

#### IV

Onde a semente cai, desfecha o alado,  
e sendo agosto dispõe da rar maestria,  
domestica o alazão, castra o melado  
propicia nos pêlos tonsurados  
o comércio do fel  
e em fel se basta.

E logo surge o Cão na conjura da Casa,  
Casa de Laio.

Casa dos Morgados.  
Casa, casa.

Desses passos, ao sul, ó noites amestradas,  
quando Gêmeos contende Sagitarius,  
mil destinos se vê.

Aqui semanas-sendas, risos-maio,  
além ditongos, dunas dinossauros,  
manuscritos de Kid,  
rosa-rosae.

E abrem-se em viandas, ó Midas destronado,  
das mais acres às mais extraordinárias,  
os labores do sexo exigem um vigor desvelado,  
são linhagens a vir.

são elfos,  
são centauros.

E nascem, porque nascer faz parte da emboscada,  
conjugando discórdia, urdindo os campos, onde  
passa o tropel das cavalhadas  
e carretas pedindo saltimbancos.

E vês, este velo se enreda nos teares do espanto.

#### V

Cegam vozes na sombra, única hierarquia  
e cobiça que o degredo proclama.

Mas,  
o que marfim perdeu-se em Babilônia,  
artífice da escória nos reclama.

E desdobra-se o parco, porco e neutro,  
ou simples rosa humilima no peito,  
do que no catre sonha, escravo e rei.

Que te dei de meu, senão palavras,  
que te fiz amar, senão o impuro,  
a sordidez, o catre impenitente,  
onde tantos demônios confabulam?

O beijo que te trazia  
perdeu-se em meio da noite,  
dissolveu-se na elegia,  
adeus, para nunca mais.

Toda uma vida perdida  
e os sonhos que mais amei,  
deitado à sombra da Esfinge,  
fuzilado me acordei.

Outros argumentos vingassem  
e não o escárneo ao sinete agregado,  
funâmbulo mapa de generalidades  
órficas  
e anti-órficas  
calverissimo fio de guilhotina,  
e talvez pudesse libar,  
e talvez pudesse libar,  
em turva taça onde o auriga se banha.

Mas,  
o que reconstituir do cão sardento,  
deslebrado pela carícia,  
negros olhos, dementes,  
onde os corvos pastavam?

Propiciarás um novo encontro?  
Ousarás uma nova recapitulação?  
Tentarás? Tentarei?

#### VI

Não consintas, ó deusa, não consintas,  
que meu braço traído, não vingado,  
na retina me seja mais pesado.  
Ah, quantas vezes, do tálamo plantado,  
em assomos de vã maturidade,  
não sentiste ruir o véu tartufo  
de quem não soube ver o sol de tanta farsa.

Quantas vezes não vistes, ó sagitária,  
ó matrona do asco, ó proçelária,  
este nome de outrora, meu, sem nome,  
exposto, triunfante, tudo ou nada?

Ah, talvez um berro salvasse esta tarde!  
Ou, quem sabe, o tudo que vendeste  
ao sórdido, ao fecal, ao saginado!

#### VII

Mas já que noite perde e noite encontra  
an old man in a dry month,  
lenhando em lenho duro o duro ofício,  
sem armas ou barões assinalados,  
a pata pregarei no cão remisso.

Logo cose-se o fel e flui a vida  
(sementeiras de sarça fustigada  
na clareira do olho anotecido).  
Aqui, neste mudo lugar de desenganos  
funesta pauta, preña, desumana,  
a mandíbula atroz.

E o que sobra cristal engendra o beijo,  
mas bruma, sempre bruma, rói o pêlo  
e o vazio frustra à mão o gesto amigo.

E, em cada esforço, uma aridez maior,  
no reunir, no partir, no cozićar,  
da cauda o hierático e, da sarna,  
os lucros extraordinários do Sermão da  
Montanha.

### VIII

Ó Lazare, mon chér, racontez-moi  
quelque chose qui m'amuse.  
Et puis, puis il est mort.  
Mort, avez-vous compris Mort.  
Por mea culpa, mea culpa,  
mea máxima culpa.

Para isso vives. Refertamente.  
Para ungir e amortilhar,  
para rir e fracassar,  
para suar, blasfemar e maldizer,  
atrelado às úlceras do medo  
e aos arados da poesia.

In principio erat Verbo, disse ele,  
e sobre fezes as abelhas zumbiam.

Nume, te fazia só, amor vertente.  
Criança, não podias crescer  
por que turbado,  
entre gumes, estigmas, palavras,  
enquanto os elementos amadureciam,  
ou conspiravam  
nas entrâncias do pão, do beijo, da eternidade.

Anunciavam a colheita do raro.  
- Cláveles para el señor!  
- Gardénias para la señorita.  
As quartas rezava-se o terço.  
(por las Dolores del mundo)  
enquanto Tetis e Maria de Alvarez dialogavam.

### IX

Tessitura de arcano, equipagem noturna,  
alva rede balança. Juramento nem lei  
a ligam à pátria. Cordas e fronteiras  
não a prendem.  
Noite adentro verás a doida vela.

- Esta é Tisbe,  
onde as pombas adejam ruidosas.
- Esta Eleusis,  
de Ceres e de Mário a mais amada.

E, grudado no negro cabrestame, equinócios  
de visgo, luas, peixes, nas quilhas  
dessa rede itinerante.

Ó Alcino, sogro e rei, às tuas praias  
de perenes lembranças retornei,  
pois, se das águas salvo fui um dia,  
das voragens do amor não me salvei,  
e nesta nau que vez, nutriz de sonhos,  
a Óbidos, em ares consagrada,  
a inupta consorte levarei.



E dois agora somos nesse barco  
mas, se a Circe somarmos, somos três.

What have you done, Odysseus?  
We know what you have done.

## X

O demônio parselho, cão e gato,  
reino de rei e rui, relvoso cardo,  
duplo e fecundo, lúdico espantalho,  
abre graças de amor, canções de orvalho.

Tramei o duplo incesto, cão e gato,  
vi cidades dormindo neste espelho,  
vi pátios, catedrais, faisões dourados,  
codornas e bisões, ardósia e prata.

E desdigo esta nau onde me pasto,  
elmo e couraça, garras e tridentes,  
sobre colchas azuis, solfa guitarra.

Estrutura de amor, rosna o bastardo,  
ganha um porto de mar, arde o alambrado,  
onde núncio cantei o cão e o gato.

## 2

Noite, norte-noite, nauta-noite,  
no quilombo das pórtas e palmares,  
o vento amanhecia na varanda,  
trazendo um latifúndio de pesares  
suado do suor da maresia,  
sedento da palavra-poesia,  
que pedia por novos calabares.

Entre a casa e o barranco o boi pastava  
um verde carroussel de mangas bravas,  
no verde acontecer das melancias.

Lalica abria a porta e suspirava,  
Alfonso abria a boca e bocejava  
o puta-que-pariu de cada dia.

Um quase nada se fazia tudo,  
como de tudo se fizesse nada,  
e logo vinha o sol redespelhando  
as demoras das doras-demerara,  
onde a flecha silvava e se detinha,  
à sombra dos relatos de Caminha,  
solvida no fluir dos alguidares.

“Hoje falaremos da crucificação”,  
dizia o padre-mestre e repregava  
a mão que anoitecera no martírio

Vinha raiando o coro das mafaldas,  
no lento advinhar do quando-querer  
e o verde chão de murtas e chicórias,  
sem lenços, sem adeuses, sem memória,  
dançava no lundu dos Desidero.

E assim nascia o verbo e suas visagens.  
E assim nascia o cão e seus vagares,  
a morte que a malária prometia,  
o pote onde o caneco mergulhava,  
trazendo as caravelas que partiam.

Adentra esses adondes reprimidos,  
nas despenças das tenças repensadas,  
aliochas e brochas sulcam a terra.

Do mundo Apiacá trouxera o gosto,  
das contas, das viagens, dos fonemas  
e lia no pousar do sol se pondo,  
o farto amanhecer das piracemas.

De onde vem esse metro rejeitado,  
medir a vastidão do muito amado,  
abrir a tua caixa de segredos?

De onde vem esse Deus, subitamente,  
colado ao lombo liso da serpente,  
curtir a exatidão de teus degredos?

De onde chega essa voz sem piedade,  
querendo te cobrar a virgindade  
das ramas, das mutambas, das restingas?

E tu que tens a dar, se não tens nada,  
a não ser essa terra deflorada,  
no falus-ferro dos Paranatingas?

Diva não sabia de que moitas  
as roupagens da noite se tecia.

Aláide tinha olhar de vaca mansa  
e queria ser mãe de quinze filhos.

Dadá se sabia deslembrada,  
do vestido de noiva que tardava,  
do álbum de postais que pretendia.

Américo, meu tio, resfolegava,  
na prancha de madeira que serrava,  
já quase no dobrar do meio-dia.

De longe vinham nomes se chegando,  
trazidos de sotumas cachoeiras:

Pupuia que morava na Prainha,  
Lindoca que partira para Aveiros,  
Paquita se queixando de gordura,  
Tutica se quebrando de magreza,  
Colares que gostava das caçadas,  
Antonio, meu avô, que falecera.

Sentemos em redor da triste mesa,  
coberta de ciprestes e mortalhas,  
sentemos, ai de nós, para o banquete,  
isento das melhores vitualhas,  
e bebamos na cuia da magia,  
o vinho tinto da melancolia,  
a saga dos heróis e dos canalhas.

Por não saber as letras de seu nome,  
as mesmas que de há muito repetia.  
Ana, mais Nicéa que Miranda,  
ficava de castigo na varanda,  
sabendo o que melhor lhe apetecia.

De Boim havia vindo Caetano,  
trazendo a camiseta de riscado,  
a rotunda barriga de opilado,  
e uma fome voraz de muitos anos.

Dindinha, pano solto, velejava  
pelos mares perdidos de Castela.

Aurila se pensava destinada,  
ao negro bandolim que dedilhava,  
calcando nos seus seios de donzela.

Visitemos o burgo, visitemos,  
visitemos o palco do "Vitória",  
visitemos o "Cine-Guanabara",  
a nave da Matriz em sua glória.

Servida para o pênis fatigado  
e cavam no ca-vai dos estertores  
os labores da carne silambendo,  
os pudores do verso sipedindo.

Julgai nome, pronome, o que se come,  
do cá e lá de nós se despedindo,  
armai o calendário das ramadas,  
caçai a lenda-linfã das porradas,  
que saídas de nós voltam sorrindo.

Somai o tempo, a trampa, ao contra-tempo,  
aos marios, aos canários e açucenas,  
tirai desse sudário de novenas  
a cartola, a vitrola, o boticário,  
o ruído que rói, sem ser pedido,  
o gemido que faz aniversário.

Há dores y dolores nessas cores  
chamadas para a ceia dos ditongos,  
alamares e condes se completam,  
no fato-feto-feira dos mondongos,  
parecências, não mais que parecências,  
geradas no clitóris dos Castelos,  
ungidas na buceta dos Colombos.

Aceitemos o risco das buiunas,  
capivaras e botos no tinteiro,  
aceitemos o sangue das bordunas,  
vertido nesse chão de muitas veias,  
aceitemos o pão das piracaias,  
aceitemos o não das Malafaias,  
aceitemos o cacho de pupunhas.

Alarico, meu pai, nas passeatas  
de Camões claros versos repetia.

Minha mãe abria um legue de cigarras  
e um naipe de modinhas no banheiro.

Minha avó trançava bilros e matrizes  
e sempre se queixava das varizes  
e dos sonhos fiéis que alimentava.

Ali brotavam remos e catraias  
onde o rio se deitava e adormecia  
ali chegava a tarde acorrentada  
as dores do doer que mais doía,  
ali nascia o Conde Valadares,  
ali nascia a Virgem dos Pílares,  
ali a mão de Deus também nascia.

Celita se dizia apaixonada  
pelo curto bigode de Carlito.

Mariza se julgava ameaçada  
por um vago desejo suicida.

Armando amava o mundo das canoa  
as quilhas, o romper das velhas proas,  
que vinham da fazenda "Aparecida".

O tempo se fazia de silêncios  
ou de nuvens azuis sempre correndo,  
e onde quer que a brisa caminhasse,  
havia sempre alguém se refazendo,  
alguém ou alguma coisa se apaipando  
alguém ou qualquer noiva se querendo.

Jovita vez em quando se alebrava  
dos primos, dos parentes, dos amigos,  
das folhas, das puçangas, das raízes,  
pendentes de seu manto de agonias.

Visitemos a ceia das Clarices,  
a batina marrom dos Franciscanos,  
visitemos Miguel e sua flauta,  
no canto amanhecido dos Toscanos.

Visitemos o mestre Zégustinho,  
Isoca, mesmo pó de seu destino,  
Ninita, sua clave e seus pianos.

Visitemos a casa dos amigos,  
visitemos o reino dos padrinhos,  
visitemos os quartos do "Castelo",  
as tabernas e lojas de armarinhos,  
o florido quintal de dona Dora,  
o sofrido nascer daquela hora,  
repleta de parentes e vizinhos.

Visitemos a forja dos Ferreira,  
a pesada marreta do Capote.  
a terrível mamona de seu Nhuca,  
a gostosa peixada da Fuluca,  
a sortida farmácia do Mingote.

Tomemos o café do "Ponto Chic",  
mingaus e tarubas do Chico Terto,  
provemos o licor de Bibi Bentes,  
o trago da cachaça do Roberto,  
passemos no balcão do Pequenino,  
ouçamos a mentira do Chiquito,  
remansos das manhãs do "Ponto Certo".

Bettendorf, meu velho, quem diria,  
que viesse grelar nos teus roçados,  
a sombra onipotente dos sobrados,  
o sólido pregão da mais-valia.

Quem diria, meu padre, quem diria,  
que a soma dos teus muitos batizados,  
gerasse a latitude dos mercados,  
criasse o pão-de-ló da burguesia!

Quem diria, meu chapa, quem diria,  
que vingasse no chão de tanta praga,  
a pedra do solar do Joaquim Braga,  
o lustre da mansão do seu Faria!

A casa do Barão se debruçava,  
sobre o negro porão das galeotas,  
por dentro havia um ninho de perguntas,  
por fora, um calendário de respostas,  
a casa do Barão se eternizava,  
a casa do Barão se aprofundava,  
no barro das esteiras e malocas.

Alado pé-de-verso me situa,  
nas rampas e caminhos da Caieira,  
sentemos nossa dor desprotegida,  
nos batentes dos Campos e Figueiras,  
ouçamos o ranger das velhas portas,  
o vento a nos falar das folhas mortas,  
caídas sobre o tronco das mangueiras.

Me situa, meu mano, me situa,  
nas rimas que perdi e agora vejo,  
voltando ao mesmo quarto de despejo  
pisando o mesmo sole a mesma rua.

Entremos pelos canos das palavras,  
naquelas que se amarram na temura,  
palavras são palavras, são palavras,  
e pairam acima de qualquer frescura.

São Itos, são Ninitos, são Bilocas,  
são Nocas, são Bidocas, são Bibitos,  
são Zitos, são Junitos, são Nicotas,  
são Milocas, Finocas, são Xixitos.

São Nicos, são Biticos, são Berocas,  
são Cotas, são Janocas, são Valicos,  
são Dicos, são Mundicos, são Filocas,  
são Mundocas, Silocas, Manelitos.

*Jmy Barata*

# Asas da Palavra

Revista do Curso de Letras

Junho / 1995

Nº 02

 **Unama**  
Universidade da Amazônia

## **Normas para os colaboradores**

---

A revista ASAS DA PALAVRA aceita para publicação trabalho dentro da área de Língua e Literatura e/ou voltado a uma reflexão acerca das questões pedagógicas que tenham como objeto do conhecimento a linguagem.

- Ensaio
- Artigos de Pesquisa
- Resenhas críticas
- Produção/criação literária
- Tradução

- Os artigos enviados para publicação deverão ser entregues em duas cópias, datilografados ou digitados em espaço duplo.
- Na primeira lauda deverá constar o título da contribuição, o(s) nome(s), a sua filiação acadêmica.
- Devem conter notas e/ou referências bibliográficas.
- Podem conter ilustrações, fotos, tabelas e gráficos, se for o caso.
- Os artigos serão submetidos ao Conselho Editorial da Revista. Nenhuma alteração será feita nos mesmos sem o prévio consentimento do autor.
- Em caso de aceitação, o "copyright" será transferido para a Revista, ficando a sua reprodução total ou parcial sujeita à sua autorização.
- As idéias contidas nos trabalhos são de absoluta responsabilidade de seus autores.

---

O produto da venda deste número será revertido para a realização do FÓRUM PARAENSE DE LÍNGUA E LITERATURA, promovido pelo Curso de Letras/Departamento de Língua e Literatura da Unama.

*Apoio Cultural:*



**Universidade da Amazônia**

Av. Alcindo Cacela, 287 - CEP 66060-000 - Belém - Pará  
Telex: 911685 - C.P. 1757  
PABX: (091) 242-2100 - Fax: (091) 225-3909